

COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 27

# Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste

**DOM CARLOS XIMENES BELO**



# Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste



CATÓLICA

CEPCEP - CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS  
E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA



**Licença** Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.



© Dom Carlos Ximenes Belo  
© CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas  
de Expressão Portuguesa  
© Universidade Católica Editora

**Título** Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste  
**Autor** Dom Carlos Ximenes Belo  
**Coleção** Estudos e Documentos, n.º 27  
**Ilustração da capa** Luís de Abreu  
**Seleção de material**  
**de ilustração** Marília dos Santos Lopes  
**Revisão de texto** Cristina Pereira  
**Capa** Sersilito  
**Conceção gráfica** Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.  
**Depósito Legal** 475739/20  
**Data** outubro 2020  
**Tiragem** 300 exemplares  
**ISBN** 9789725407523

Universidade Católica Editora  
Palma de Cima 1649-023 Lisboa  
Tel. (351) 217 214 020  
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

---

BELO, Carlos Filipe Ximenes  
Missionários da Índia portuguesa (Goa) em Timor-Leste / Dom Ximenes  
Belo. - Lisboa : Universidade Católica Editora, 2020. - 172 p. ; 24 cm. -  
(Estudos e documentos ; 27). - ISBN 9789725407523  
I - Tít. II - Col.  
CDU 262.146(547 Goa:923.53)"17/..."

COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 27

# Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA  
Lisboa 2020



*À memória de Dom Frei Manuel de Santo António,  
o primeiro Bispo a residir em Lifau (Timor)*



## Agradecimentos

Cumpro o dever de agradecer vivamente ao senhor Doutor José Bárbara Branco que se disponibilizou a reler, corrigir e melhorar o texto com algumas anotações relevantes. Apresento sinceros agradecimentos à senhora doutora Emília Maria da Silva Mota Martins Carmona pela leitura revisão do texto.

Os meus agradecimentos ao senhor Padre Áureo Gusmão, ao Senhor Domingos de Oliveira, ao senhor Ministro da Justiça da RDTL, Dr. Manuel Cárceres da Costa pelos testemunhos sobre alguns padres goeses, missionários em Timor.

Um muito obrigado ao Senhor Doutor Fernando Ilharco, Diretor do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, que aceitou editar e publicar este livro. Para ele, para a família e todos os colaboradores, exprimo agradecimentos sinceros e, sobre o CEPCEP imploro as bênçãos de Deus e de São Francisco Xavier.



## Introdução

Depois de termos publicado os livros sobre os Missionários Açorianos em Timor-Leste, e os Missionários Transmontanos também em Timor-Leste, vimos oferecer ao público português e timorense um livro sobre Missionários do Estado da Índia Portuguesa.

A presente obra delinea os dados biográficos dos filhos da “Roma do Oriente”, os quais exerceram a atividade missionária na ilha “donde provém o sândalo” educando e civilizando o povo timorense através da obra de evangelização e de promoção humana, cultural e social. Pelo que nos foi dado saber, andaram por terras de Timor, pelo menos, cinquenta e um sacerdotes, entre eles, frades dominicanos e padres seculares ou diocesanos oriundos de Goa. Dividimos a obra em sete capítulos: 1.º — Falamos brevemente da história e geografia de Timor; 2.º - Apresenta os missionários dominicanos (séc. XVIII-XIX); 3.º — Sacerdotes, no período do Interregno; 4.º — Período de sacerdotes goeses no tempo da Restauração das Missões (1875-1940); 5.º — Missionários enviados a Timor, depois da ereção da Diocese de Díli; 6.º — Apresentamos o segundo grupo de missionários goeses enviados no ano de 1954; 7.º — Falamos de seis sacerdotes provenientes da República da Índia e que atualmente trabalham nas Dioceses de Díli e de Maliana; 8.º — Falamos da profissão religiosa de alguns frades dominicanos que estiveram em Timor; 9.º — Falamos de dois timorenses que estudaram no Convento de São Domingos de Goa.. O livro termina com uma breve conclusão, e breves referências bibliográficas.

## Homenagem “A ÍNDIA, TERRA SAGRADA”

Em memória dos missionários goeses, com devida vénia, transcrevemos esta bonita página, da autoria do senhor Manuel Ferreira, e escrita no longínquo ano de 1954.

“Pode dizer-se que, desde o *ultimatum* de 1890, a Nação não sofreu tão rude abalo no seu brio como agora, com a ocupação brutal e ilegítima de algumas parcelas do chão sagrado da nossa Índia.

Portugueses de todas as condições sociais, de todas as raças, de todas as latitudes do pensamento e da ação, se têm manifestado exuberantemente no sentido de que o Estado da Índia seja defendido a todo o transe, respondendo-se com força à violência.

Há já quatro anos que ambições estranhas pairam, como repugnantes aves de rapina, sobre esses pedaços de terra, que são dos mais portugueses de Portugal. Quase desde a declaração da sua independência que a União Indiana, esse colosso que não conseguiu — nem conseguirá, certamente — nos próximos decénios, resolver os seus agudos problemas internos, lançou olhares cobiçosos para territórios que, em nome da razão e da justiça, lhe não podem, nem devem pertencer.

A essa ambição injustificada, responde Portugal, clamando bem alto, para que todo o mundo o oiça! Nós queremos que a Índia seja sempre Portuguesa!

A Índia! Como admitir que pudessem conhecer outra bandeira esses padrões do glorioso Império de Seiscentos? Como pensar, sequer, que as pedras sagradas de Diu, ungidadas do sangue generoso dos portugueses, teatro inconcebível dos mais famosos lances da História, essas pedras por cada uma das quais o honrado João de Castro arriscava um filho, como supor que tais relíquias que, na sua nudez, nos falam de um passado imortal, passassem a mãos desvairadas de desvairadas gentes?

A Índia! Sem o descobrimento do seu caminho marítimo não teríamos o ousado Gama, nem os Jerónimos, nem a custódia de Belém. Sem a sua História incomparável, não contaríamos na nossa galeria de varões esforçados, de homens que riam da morte, o terrível Albuquerque, Duarte Pacheco, o do vau de Cambalan, Lopo Soares, D. Nuno da Cunha, velhos de rija têmpera como D. Francisco de Almeida, moços heróis como seu filho Dom Lourenço, o mimoso rajá dos cabelos de ouro.

Nesse cortejo, concebido pela nossa saudade e recordado pelo nosso patriotismo, ficaram navegantes e aventureiros, como mestre Afonso e Fernão Mendes Pinto, roteiristas como Gregório da Quadra, fidalgos como D. Luís de

Ataíde, e até vultos ousados de mulheres chamadas Isabel da Veiga e Ana Fernandes, que nos assédios, ora colocava, carinhosamente, fios nas chagas sangrentas das feridas, ora empunhavam, sem temor, as suas rudes partazanas.

A Índia! Sem ela não teríamos as estrofes imortais dos Lusíadas; não haveria Goa, a maravilhosa, a segunda cidade do mundo, no século da expansão - depois de Lisboa, Goa. Sem a Índia, não teríamos a singular figura do Abade de Faria, notável pelos seus estudos sobre o hipnotismo, personagem de um dos mais lindos romances de Alexandre Dumas; o químico Dr. Agostinho Lourenço; Francisco Luís Gomes, o economista; médicos ilustres como o Dr. Alfredo da Costa, mestre de cirurgia, e Gama Pinto, o célebre oftalmologista; Silva Teles, o geógrafo; Cunha Gonçalves, o mestre do nosso direito, e tanto e tantos outros.

Todos eles nasceram nessa Índia que conheceu Caldas Xavier, o futuro herói de Marracuene; onde iniciou a sua carreira Mousinho, o trigueiro vencedor da Chaimite; onde Gomes da Costa ganhou as suas esporas, no combate de Gutnem.

A Índia! É uma história comum de quatro séculos como nenhuma outra, em que Goa foi o fanal donde irradiou para todo o Oriente a civilização cristã. Ali, repousa para sempre um certo Padre Mestre Francisco, espanhol de nascimento, que pagou a Portugal o ter dado à História de Espanha o vulto de Fernão de Magalhães. E é esse precioso depósito, adorado por Portugueses de todas as crenças e que torna ainda mais portuguesa a terra portuguesa da Índia, que nós não queremos que passe a mãos estranhas.

Em face de tais laços que nos ligam a Goa, Damão e Diu, carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, nessas terras onde dormem o derradeiro sono tantos e tantos dos nossos, uns de nome apregoados pelas tubas sonoras da Fama, outros de morte obscura como humildes foram as suas vidas, não há em Portugal quem não sinta, no seu coração, o brutal ataque de um país que se considera pacífico.

Por isso, neste momento angustioso, Portugal, na Metrópole e nas ilhas atlânticas, no ultramar e nas colónias de portugueses dispersas pelo mundo, repele, indignado, a agressão.

Infelizmente, hoje, como há séculos, o sangue português corre na Índia. Repete-se a História. É bem verdade ser pesado o tributo que pagam os povos que, como nós, não cedem e se arrogam o direito de defender até ao último português aquilo que seus avós lhes legaram. Por isso, quando portugueses de humilde condição, de alma limpa e coração patriota, caem para sempre ao serviço do Império, a Nação curva-se respeitosamente ante a sua memória

e aprende no seu exemplo a defender o que nos resta da grande epopeia do século das espadas largas e dos portugueses de oiro” — Manuel Ferreira<sup>1</sup>.

Para as gerações novas de timorenses que não conhecem a história de Portugal e a epopeia dos Descobrimentos, dá-se a conhecer que o chamado Estado da Índia Portuguesa era constituído por Goa, Damão e Diu. Fazia parte do vasto Império Português. Essa antiga província ultramarina foi invadida e anexada pela União Indiana em 1961. A cidade de Goa era sede da Província e sede do Arcebispado. Hoje em dia, Goa, Damão e Diu fazem parte da República da Índia. Em Goa, encontra-se o corpo de S. Francisco Xavier, o apóstolo do Oriente.

---

<sup>1</sup> SEARA, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, julho-agosto de 1954, Ano VI, N. 4, pp. 194-195.

## CAPÍTULO I

# História e Geografia da Ilha de Timor-Leste

Geografia da ilha de Timor: A Colónia e/ou Província Ultramarina de Timor ocupava a parte oriental da ilha de Timor. Tinha uma área de 18000 km<sup>2</sup>. (Fig. 1)

Foi descoberta pelos portugueses entre 1513 e 1515. No ano de 1556 entrou pela primeira vez em Timor, possivelmente, na zona de Lifau, um

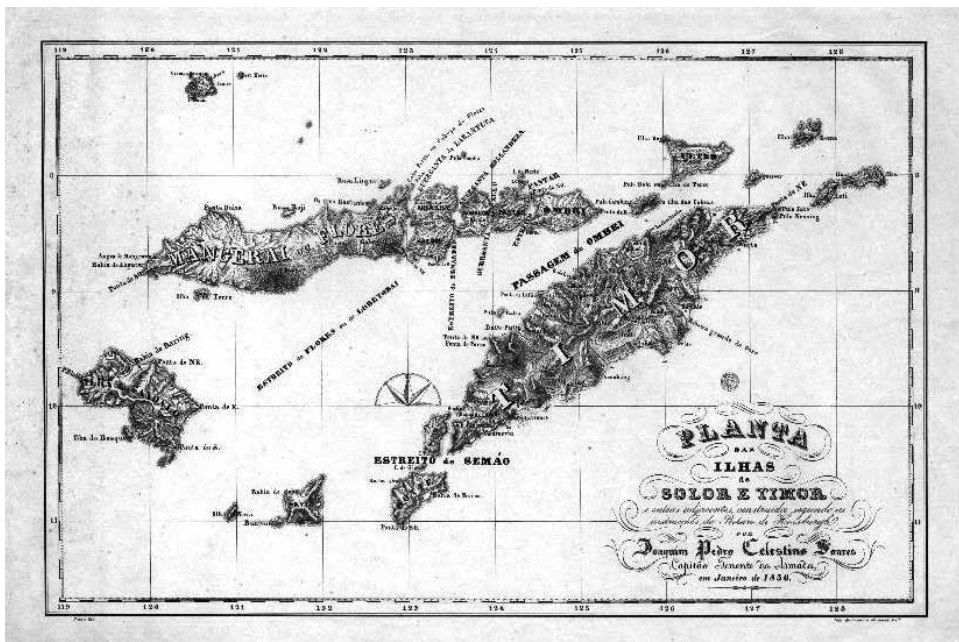


Fig. 1. Planta das ilhas de Solor e Timor e outras adjacentes, construída segundo as instruções do roteiro de Horsburgh / por Joaquim Pedro Celestino Soares, capitão tenente da Armada; Lisboa: Imp. Nacional, janeiro de 1836; BN <http://purl.pt/1901/2/>

frade dominicano, Frei António Taveira, ou Taveiro. A administração portuguesa estabeleceu-se em 1665. E em 1702, chegava o primeiro governador, António Coelho Guerreiro, e depois dele, outros governadores que governaram as Ilhas de Solor e Timor até o ano de 1769. Em agosto desse ano, a capital foi transferida para Díli. A partir do dia 10 de outubro de 1769, a sede do governo estava estabelecida na Praça de Dilly. Esta praça foi elevada a vila em 25 de novembro de 1858, e obteve a categoria de cidade em 17 de setembro de 1863. No dia 10 de outubro de 2019, Díli completou 250 anos como capital de Timor-Leste.

Os missionários goenses estiveram em Timor-Leste cerca trezentos e trinta e nove anos. Quando em 1697, aportou a Lifau o primeiro missionário, Frei Manuel de Santo António, a ilha de Timor, desde Tutuala até Cupão (Kupang) encontrava-se num estado primitivo: não havia cidades, nem vilas, nem estradas, nem portos, nem aeroportos. Timor era uma ilha montanhosa com muitas ravinas e vales; cobriam as montanhas densas florestas; as ribeiras, no tempo das chuvas e enxurradas, eram intransitáveis. As comunicações, por terra, eram feitas, ou indo a pé, ou a cavalos; pelo mar, eram feitas através de barcaças, ou cora-cora (corcora), ou beiros.

Os missionários do século XVIII e XIX não podiam ter carros, pois não havia estradas. Só nos fins de século XIX e princípios do século XX, foram introduzidas as primeiras carroças ou automóveis. Os padres goeses que chegaram, na primeira metade do século XX, tiveram mais sorte; já havia jeeps e camionetas. A partir de 1950, cada missionário já possuía um jeep, mas as estradas não eram alcatroadas. Muitas vezes, nas suas viagens, de Díli para as montanhas ou costa sul, recorriam aos chineses para o uso da *camioneta* que transportava produtos (arroz, néli, copra) ou gado; na área da missão, ou se ia de carro ou de cavalo. Os três últimos missionários goeses que viveram o tempo indonésio, foram mais beneficiados nas suas deslocações: possuíam carros que circulavam nas estradas asfaltadas.

O clima de Timor, naqueles tempos, como ainda hoje, era tropical, com duas épocas: a época de chuvas (outubro a abril) e a época seca (maio a setembro). Na costa sul, a partir de julho até setembro, havia uma segunda época de chuvas, consequência das monções da Austrália.

No tempo das chuvas, os missionários tinham de atravessar as ribeiras caudalosas, às vezes com perigo de vida. No tempo seco, apanhavam “banho de poeira”...

Situação social: a sociedade timorense obedecia a uma estrutura tradicional. Os habitantes viviam em palhotas ou cabanas, quer isoladas quer

agrupadas em *knua*. Grande parte dos habitantes dedicava-se à agricultura. Administrativamente, os timorenses agrupavam-se em povoações e sucos. Havia os liurais que eram os representantes da autoridade colonial nos sucos ou reinos.

A nível de religião, os habitantes seguiam as suas tradições de animismo. Construía casas sagradas (uma *lulik*) e realizavam festas gentílicas, conhecidas como “estilu”. A nível familiar era frequente a poligamia e praticava-se o barlaque.

Era neste meio que os padres da Índia Portuguesa, somente imbuídos de espírito missionário, dirigiam as Missões: ensinavam a doutrina, celebravam as eucaristias, administravam os sacramentos, construía capelas e igrejas, dirigiam escolas e colégios. Depois de anos de serviço em Timor, alguns regressaram a Goa; outros preferiram morrer em Timor. Para todos eles a nossa homenagem, o nosso respeito e as nossas saudades! (Fig. 2)

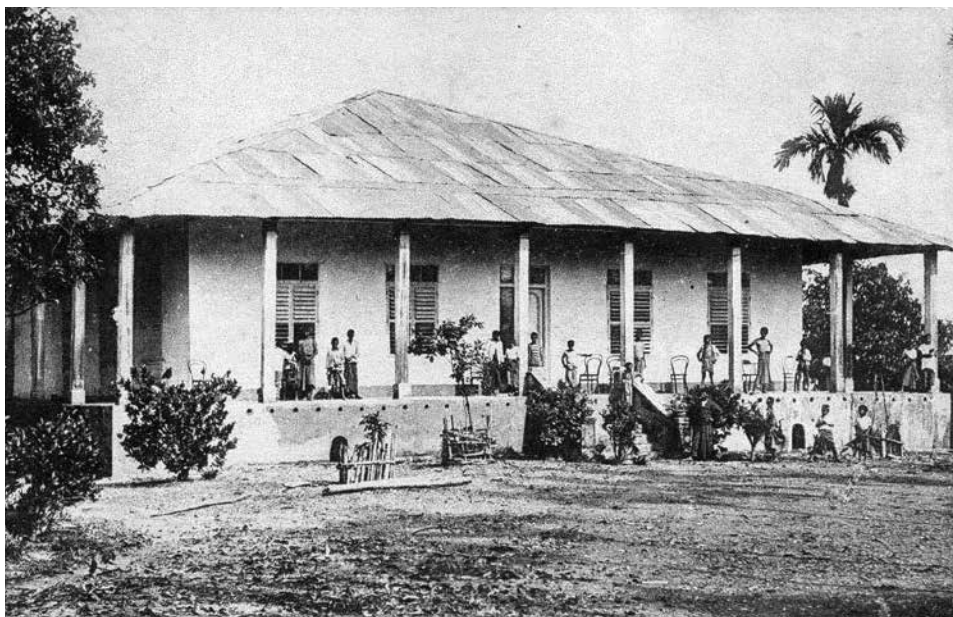


Fig. 2. Missão de Lahane, 1927: Colégio de Sto. António em Dare; Postais ilustrados BN [http://purl.pt/32970/3/pi\\_15014p/pi\\_15014p\\_item4/index.html#/1](http://purl.pt/32970/3/pi_15014p/pi_15014p_item4/index.html#/1)



## CAPÍTULO II

# Missionários do Estado da Índia Portuguesa nos Séculos XVIII e XIX

Desde o ano de 1697 que o Estado da Índia Portuguesa (Goa, Damão e Diu) deu notável contributo para a obra missionária em Malaca e na Insulíndia, concretamente, nas ilhas de Timor Frei Manuel de Santo António, da Ordem dos Pregadores ou Ordem de São Domingos de São Gusmão (O.P.); ele chegou a Lifau no ano de 1697. Em 1705, este missionário proveniente de Goa, seria nomeado Bispo de Malaca e fixaria a residência em Lifau, na altura, capital das possessões portuguesas na Insulíndia. A partir da ação do Bispo Frei Manuel de Santo António, seguir-se-iam outros padres dominicanos que iriam trabalhar no território de Timor até 1834; e depois desse ano, viriam ainda outros, sobretudo, do clero secular, e que iriam reconstruir as Missões até à ereção da Diocese de Díli em 1940. Goa, que, em tempos, fora considerada “Roma Portuguesa” não regateou a sua generosidade no reforço do clero da Diocese de Díli nos anos de 1947 e 1954. Mas, comecemos por falar daqueles que labutaram em Timor ao longo dos séculos: século XVIII e XIX.

### **Dom Frei Manuel de Santo António, O. P.**

No longínquo ano de 1697 chegava a Lifau este dominicano que viria a ser um protagonista importante na história político-religiosa de Timor-Leste.

O Bispo Dom Frei Manuel de Santo António foi o primeiro Bispo a fixar a residência em Lifau (Reino de Ambeno). Era um daqueles missionários que tiveram um papel importante na preservação da soberania portuguesa naquele território.

Segundo o Professor Artur Teodoro de Matos, Frei Manuel de Santo António nasceu em Goa no ano de 1660, e, segundo a Dra. Margarida Coutinho Mendes, o antigo Bispo de Malaca teria nascido em 1662.

Era filho de Manuel da Mata e de Dona Francisca Tavares de Sousa, “*homens graves e dos principais da terra em que moravam*”. A Dra. Margarida Coutinho Mendes, na sua tese de mestrado, defende que o Bispo Frei Manuel de Santo António era português, de pais portugueses. Os pais eram reinóis, isto é, portugueses idos do Reino (Portugal) e que estavam radicados em Goa. O doutor Leopoldo da Rocha afirma que era “natural de Goa”, sem, contudo, afirmar que era um reinol ou um goês puro.



Fig. 3. *Molheres solteiras índias. Cristãs*. Códice Casanatense (séc. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codice\\_Casanatense\\_Portuguese\\_Nobleman\\_and\\_Christian\\_Indian.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codice_Casanatense_Portuguese_Nobleman_and_Christian_Indian.jpg))

Manuel de Santo António entrou no Convento de São Domingos de Goa, onde tomou o hábito, tendo escolhido o nome de religião ‘Manuel de Santo António’. Segundo Frei Lucas de Santa Catarina, autor da História de S. Domingos, Frei Manuel de Santo António era um “insigne teólogo”; e, como diz o padre Manuel Teixeira, foi “*teólogo afamado, religioso reformado, prelado zeloso, missionário infatigável*”. Teria então frequentado o Colégio de São

Tomás, fundado em 1623, para a formação de candidatos à Ordem Dominicana e ao sacerdócio.

Nesse colégio, Frei Manuel de Santo António ensinou Artes e Teologia, como ele próprio afirma na carta ao vice-rei Dom Luís de Meneses: “[...] *que tendo eu na minha religião lido três cursos de Filosofia e muitos annos Theologia [...]*”; ou, como afirma um dos seus companheiros: “[...] *Padre Doutor, e mestre Frey Manoel de santo António natural da Cidade de Goa, e pelo hábito filho da mesma Congregação oriental, leu muytos annos Artes e Theologia com grande satisfação na Universidade do Colégio de Santo Thomás da mesma Cidade...*”<sup>2</sup>.

Foi destinado pelos superiores às missões de Insulíndia, indo para Timor investido no cargo de visitador; tinha trinta e cinco anos de idade. Chegou a Timor em 1697; foi seu companheiro de viagem André Coelho Vieira, nomeado governador de Timor e Solor, em 1697.(Fig. 4)

Fugindo da situação conturbada que se vivia no reino de Servião, pressionado pelos holandeses e assolado pelas lutas pelo poder, preferiu ir

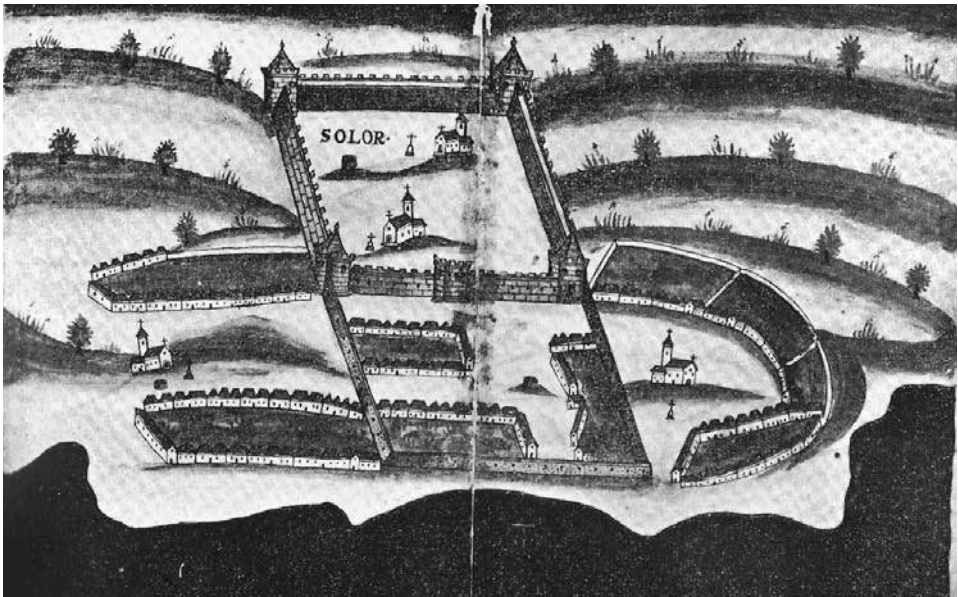


Fig. 4. Planta de Solor fundada por dominicanos em 1566. Editada por Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do ultramar*. Lisboa: Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1957, 3.º vol., p. 485.

<sup>2</sup> MONTEIRO, Pedro, “Claustro Dominicano 128-129: terceiro lanço em que se contam os lentes desta Ordem [...]”, *Lisboa Occidental*, 1734.

missionar no reino dos Belos, estabelecendo-se no reino de Luca a partir de 1698, e tendo como companheiro Frei João da Madre de Deus. Escreve Frei Manuel de Santo António:

[...] Para esta Ilha vim [...] ha perto de cinco annos, depois de m.tas instancias q fis aos meus Prelados por se me abalarem as entranhas com a consideração do muito que necessitava ella de missionários; vim alcançar este cumprimento dos meus dezeios no governo do Sr. Rev. P.e Presentado Fr. Henrique Travassos, que por hora estará nesse reino, depois de ler a cadeira de philozofia, e theologia doze annos, sendo actualmente regente das escolas<sup>3</sup>.

Exerceu a sua atividade missionária em Luca, Bibiluto, Viqueque e Vessoro, Dailor (Dilor), Lacluta e Samoro.

Numa carta dirigida ao Rei de Portugal, Dom Pedro II, em 28 de maio 1702, Frei Manuel escrevia:

[...] a bondade divina me concedeo que com a minha vinda se convertessem o Reino todo de Luca, de Viqueque, de Bibilutu, de Lacoluta, de Dailor [Dilor], de Vaicoro [Vessoro]; e nos outros muitos lugares subordinados a estes ditos reinos, tenho bautizado os grandes [os chefes] e muita parte do pouo, estando já todos dispostos, os não tenho bautizado por falta de tempo. No reino de Samoro bautizei o seu rei grande [régulo] e com elle outros muitos, ficando disposição para outros religiosos hirem bautizando os outros, como com effeito está quazi todo christão. E vindo neste prezente anno para este Liphao para tratar nelle de alguas couzas do seruiço do mesmo senhor, deixando no lugar em que rezido, que é o reino de Luca, hum religioso por nomem Fr. João da Madre de Deos, que tomei por companheiro, e dele accudimos aos outros reinos e lugares vizinhos. Neste dito Liphao por termo de dous mezes, baupitizei por bondade do Senhor perto de mil almas<sup>4</sup>.

Naquela região de Timor (costa sul), Frei Manuel de Santo António mostrou a sua capacidade de missionário: ensinou doutrina aos grandes do reino e ao povo simples; colocou catequistas nas povoações; construiu capelas nos reinos; percorreu os sucos visitando os cristãos. Em cinco anos, de 1697 a 1702, Frei Manuel de Santo António havia batizado dez mil pessoas.

<sup>3</sup> Carta do Bispo de Malaca a Dom Pedro II, in MATOS, Artur Teodoro de, *Timor Português, (1515-1769), Contribuição para a sua História*, Lisboa, 1974, pp. 227-229.

<sup>4</sup> Carta do padre Frei Manuel de Santo António. Liphao, 28 de maio de 1702, in MATOS, Artur Teodoro de, *ob. cit.*, pp. 227-228.

Em Viqueque, Frei Manuel de Santo António batizou o régulo Dom Matheus da Costa, e fez dele um valiosíssimo aliado da Coroa Portuguesa. Acerca da influência que o padre exercia sobre aquele liurai, escreveu o governador António Coelho Guerreiro: “fazendo dele um católico tão fervoroso que, nos momentos de repouso das lides bélicas, dirigia aos seus soldados apostólica locuções, exortando-os à pratica da doutrina cristã; estes dava-lhe o epíteto de frei Mateus”.<sup>5</sup>

Além do rei de Viqueque, Frei António converteu os reis de Samoro, de Manatuto (Dom Domingos Soares), de Alas (Dom Miguel Tavares) e de Fatu Lete Luli (Dom Pedro Hornay). Esses quatro régulos eram apoiantes convictos do Padre Manuel tanto na religião como no partido real.

Estando de serviço em Lifau, em dois meses, batizou mil pessoas.

É a partir deste período que os timorenses começaram a usar nomes e apelidos portugueses.

O próprio padre Frei Manuel diz que, em cinco anos, batizou dez mil timorenses. Provavelmente o padre teria aprendido o *Tetun teric*; a sua casa era de palhota e a sua alimentação consistia em arroz e milho. Frei Manuel adaptou-se com facilidade aos costumes timorenses.

No seu trabalho missionário e nas deslocações pelo interior da ilha, Frei Manuel andava a pé ou de cavalo; e nas viagens por mar de Lifau para Batugadé, Motael, Manatuto e Díli, ou de Suai para Raimean e Luca, usaria as embarcações dos timorenses “o ró” ou “cora-cora”. As suas atividades eram conhecidas pelo povo e reconhecidas pelas autoridades.

No ano de 1701, quando se encontrava em Lifau, o Padre Frei Manuel de Santo António recebeu a notícia de que tinha sido eleito por el-rei Dom Pedro II para Bispo de Malaca. O Papa Clemente XI confirmou essa eleição com a bula de 21 de novembro de 1701. Escrevendo em 1720, dizia ele que não era digno para esse ofício: “[...] nunca procurei grau algum nem prelazia alguã, e se aceitei o Bispado, foi obrigado [...]”<sup>6</sup>.

Em 1703, os reis da “Província dos Bellos” escreveram uma carta ao rei de Portugal Dom Pedro II, elogiando o zelo apostólico do “Rev P.e Comissário de Sancto Officio Fr. Manoel de S. António, Vigário das christandades dos Reinos de Luca, e Viqueque”, e sugerindo ao monarca a escolha para “perpetuo Prelado destas Ilhas”.

<sup>5</sup> Carta do governador António Coelho Guerreiro, de 1702, in VASCONCELOS, Frazão de, *Timor. Subsídios históricos*, Agência Geral das Colónias, 1937, p. 28.

<sup>6</sup> Carta do Bispo de Malaca Dom Frei Manuel de Santo António ao vice-rei, 9 de Maio de 1720, in Monções do Reino, livro n.º 87, p. 79, *apud* MORAIS, A. Faria de, *Solor e Timor*, p. 209.

No ano de 1702, o Bispo eleito teve um papel determinante no desembarque do primeiro governador de Timor, o general António Coelho Guerreiro; este tinha sido secretário-geral do Estado da Índia. À chegada a Larantuca, o capitão-mor Domingos da Costa pôs-lhe condições tais que ele não aceitou e decidiu rumar a Lifau. Aí, graças à mediação de Frei Manuel de Santo António, negociou um *modus vivendi* com o lugar-tenente Domingos da Costa, oferecendo-lhe a patente de tenente-general, foro de escudeiro ou de fidalgo e mesmo o hábito da Ordem de Cristo. Assim, a 20 de fevereiro de 1702, na igreja de Amameco e, depois, na capela de Santo António, em Lifau, foi António Coelho Guerreiro empossado por Frei Manuel de Santo António governador português de Timor. No dia da posse do novo governador, rezou a missa o padre comissário Frei Domingos da Anunciação, e a prédica fê-la o padre Frei Manuel de Santo António.

Na primeira carta escrita ao vice-rei da Índia Caetano de Mello de Castro, depois de tomar do governo das Ilhas de Solor e Timor, António Coelho Guerreiro afirmava:

[...] se Deus não nos deparaçe ter vindo a praya mais por acidente ou por mistério o dito R.do Padre Frey Manoel de Santo António a quem toda esta ilha apellida por Padre Santo, e como a tal venera pela relligioza vida e exemplar vertude que nelle resplandeçe e o grande fruto que tem feito nas almas, e sem affectação posso adfirmar a V Ex.a que he hum verdadeiro percurssor de São Francisco Xavier e tão imcanssaue em trazer almas ao prisco da Igreja, que são innumeraueis as que tem bauptizado, e nisto he que poem o cuidado de fazer o seu comercio ao qual offerecendo se lhe por muitas uezes muitas dadiuas e luas regeitou tudo com muita galantaria dizendo que não uiera a Timor em busca de lua mais sym de lhe dará a conhecer o verdadeiro sol que consstia a suma riqueza assy desta vida como de outra o qual opondosse a contumazia com que estes rebeldes me não querião admetir por terem já recebidos cartas de Domingos da Costa[...]<sup>7</sup>.

Tal era o zelo missionário do padre frei Manuel de Santo António que levou o novo governador a exprimir este juízo numa segunda carta ao monarca, no dia 24 de maio de 1702:

Do P.<sup>e</sup> Fr. M.<sup>el</sup> de S.<sup>to</sup> Ant.<sup>o</sup> vizitador que foi destas Ilhas obrigado plo preceito dos seus prelados, e actualmente vigr.<sup>o</sup> das chistandades dos Rn<sup>os</sup>. de Luca,

<sup>7</sup> Carta de António Coelho Guerreiro, Governador de Solor e Timor, ao Vice-Rei Caetano de Melo e Castro, Timor, 28 de maio de 1702, *apud* MATOS, Teodoro de, *ob. cit.*, pp. 240-241.

Viqueque, e Bibiluto, não sei como refira a Vmg.<sup>e</sup> os actos, e obras meritórias em que se tem exercitado em benifícios da Divina, e humana Mg.<sup>e</sup>, pois por serem tão gr.<sup>es</sup>, e a sua vert.<sup>e</sup> tão singular, se equiparão em tudo por semelhantes com as daquelle espirito, e trombeta evangelica, o venerável missionario fr. Ant.<sup>o</sup> das Chagas; e verdadeiramente que eu me animara a lhe chamar Anjo humano, á vista de o ver voar tanto em busca das ovelhas que se desgarrão do rebanho da Igr.<sup>a</sup> sendo tão incansavel nisto, como nos actos de charidade que exercita cotedianam.<sup>e</sup>, assim com as pessoas que se acham sans, como doentes, buscando todos com inçessante disvello naquela p.<sup>te</sup> em que mais o pede a necesid.<sup>e</sup>[...]. Neste tal relig.<sup>o</sup> tem Vmg.<sup>e</sup> aqui hum bom e singular pastor p.<sup>a</sup> o poder encarregar do Bispado de Mallaca cõ rezidencia nesta ilha aonde se lhe pode fazer a consignaçon da sua cõgrua; porque alem de o apelidarem Todos os naturaes della por P.<sup>e</sup> santo, e eu por justo P.<sup>e</sup>, com os olhos em Ds, e na minha cons.<sup>a</sup> me atrevo a dizer, que será eleição tanto do agrado do mesmo s.<sup>or</sup>, como bem aceita, e aplaudida de todos; por ser a todos geralm.<sup>e</sup> notoria a singular vert.<sup>e</sup> e exemplar vida deste nunca louvado relig.<sup>o</sup>, e bom mission.<sup>rio</sup> 8.

No dia 18 de agosto de 1705, o Bispo eleito Dom Frei Manuel de Santo António partiu para Macau, onde foi ordenado bispo pelo Prelado daquela diocese, Dom João Casal. O novo Bispo regressou a Timor em dezembro desse mesmo ano.

Falando sobre a sua nomeação para Bispo, descreveu Dom Manuel de Santo António: “[...] *Estando eu [...] em Timor p missionário não chegarão as bullas, p.<sup>a</sup> me sagrar Bispo; Fui a Macao sagrarme; E como me achei couza algua no meu Bispado, foime necess.<sup>io</sup> fazer tudo; com o q.fis gandissimos gastos [...]*”<sup>9</sup>.

Na sua ação pastoral, Dom Frei Manuel de Santo António era ajudado pelos religiosos dominicanos que iam chegando de Goa. (Fig. 5) Infelizmente, não dispomos de documentos onde estejam registados dados estatísticos sobre a diocese naquele primeiro quartel do século XVIII. Presumimos que Dom Manuel tivesse percorrido os vários reinos dos Belos e alguns do Serviço para pregar, catequizar e celebrar as funções sagradas.

Os historiadores que sobre ele escreveram só relatam ingerência no domínio da administração e da política. De facto, ele que tinha sido apelidado de “anjo” tornou-se pouco a pouco mais interventivo nos aspetos políticos, chegando às vezes a ser intransigente para com o poder temporal. Teve questões

<sup>8</sup> Carta de António Coelho Guerreiro a El-Rei [Dom Pedro II], *apud* VASCONCELOS, Frazão de, *Timor. Subsídios Históricos*, Lisboa, 1947, pp. 25-30.

<sup>9</sup> Carta do Bispo de Malaca Dom frei Manuel de Santo António ao Rei Dom João V, AHU, ACL, CU083, Cx 2, D. 42, Goa, 4 de janeiro de 1926.

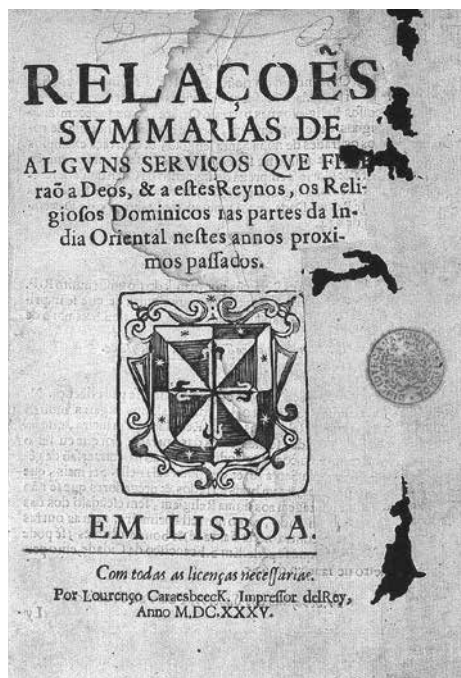


Fig. 5. *Relações summarys de alguns serviços que fizeram a Deus, & a estes Reynos, os Religiosos dominicanos nas partes da Índia Oriental nestes annos proximos passados.* Em Lisboa: Lourenço Caraesbeeck 1635; <http://purl.pt/17462>

com o primeiro governador António Coelho Guerreiro.

A Coroa tinha reconhecido a ação dos frades dominicanos na manutenção de Timor nos domínios portugueses do além-mar. (Fig. 6) Por isso, os frades gozavam de especiais privilégios, como o direito de prender quem prevaricasse contra a Igreja ou contra a moral pública. Aliás, numa das suas cartas para o vice-rei da Índia, Dom João V advertia-o de que as ilhas de Timor e Solor eram “[...] *terras mais de missão que de conquista, pois as não sogeitamos ao nosso partido à força de armas e que a nossa introdução nella foy por meyo da conversão dos missionários de S. Domingos que são os operários que nellas entrarão e são da sua jurisdição...*”

Em 1705, Dom Manuel de Santo António, Bispo de Malaca, enviou um vigário ao Sião (Tailândia)

para administrar as paróquias portuguesas. Em Ayuthaya (Odiá), havia uma missão portuguesa, com 1000 cristãos. Porque em Sião havia missionários franceses e um vigário apostólico, Monsenhor Cice, houve problemas entre o Bispo de Malaca e o vigário apostólico.

O primeiro atrito surgiu em 1705, entre o governador António Coelho Guerreiro e o Bispo Dom Manuel de Santo António. O Prelado dominicano conseguiu levar a melhor, forçando assim o embarque do governador para Goa; o Bispo esteve também envolvido em várias questões com governadores que se seguiram a António Guerreiro. Sucedeu-lhe interinamente Lourenço Lopes, que, em maio de 1706, entregou o governo ao novo governador Jácome de Morais Sarmiento (1706-1710). O Bispo entrou em conflito com o novo governador por este ter mandado prender o régulo de Viqueque, Dom Mateus da Costa.

Morais Sarmiento, em carta enviada ao vice-rei da Índia, acusou o Bispo de Malaca de intromissão no poder político, apesar da ajuda dada pelo prelado.

O sucessor de Morais Sarmiento foi Dom Manuel Sottomaior (1710), que tirou devassa a Dom Mateus da Costa mandando-o libertar. Por outro lado, este governador nomeou Domingos da Costa tenente-general.

Também não deixou de acusar o Bispo de excessiva exigência no exercício do seu cargo. Sottomaior chegou a acusar Dom Manuel de Santo António de desinquietar particulares, reis e coronéis.

Em 1714, chegava outro governador, Manuel Ferreira de Almeida. Imediatamente, o régulo Domingos da Costa entrou em boas relações com o governador, de tal maneira que este solicitou ao Bispo que absolvesse o régulo, o que Dom Frei Manuel recusou. Por morte de Ferreira de Almeida, em 1714, Domingos da Costa assumiu interinamente o governo (1714-1718).

Em 29 de novembro de 1714, Dom Frei Manuel de Santo António viajou para Goa, onde ia tratar de vários assuntos, entre os quais o de colocar nos benefícios paroquiais os religiosos dominicanos que estavam em Timor. Infelizmente, teve a oposição do padre vigário-geral Frei Manuel da Natividade, que concedia ao Bispo a faculdade de colocar clérigos nas igrejas quando o prelado da missão declarasse não dispor de religiosos para elas. Dom Manuel contestava esta doutrina, tanto mais que em Timor havia igrejas por ele erguidas que não podiam contar com o serviço pastoral dos dominicanos.

Em Goa, recebeu a delegação do Cabido para visitar as terras do Norte, as quais durante trinta anos não tiveram nenhuma visita pastoral dos Bispos de Goa. Daqui, Dom Manuel escreveu à Corte, sugerindo a criação de um bispado em Baçaim, mas essa sugestão não foi concretizada, devido à informação dada pelo vice-rei da Índia, datada de 19 de janeiro de 1719.

Durante a sua ausência, ficou a governar as missões de Timor e Solor um vigário da vara. Entretanto, o comissário dos dominicanos, Frei Tomás do

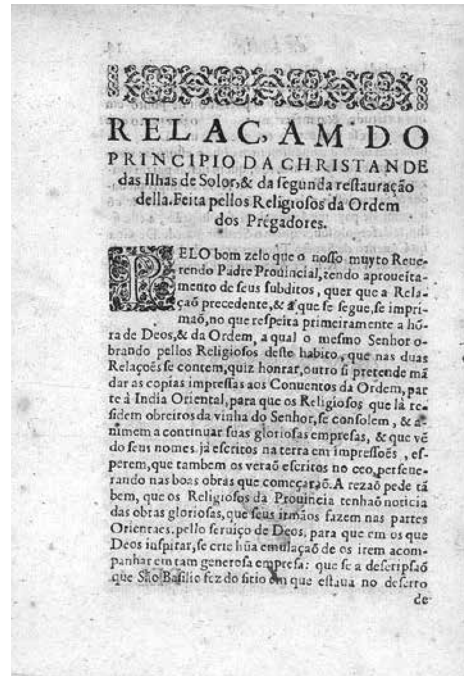


Fig. 6. *Relações summarias de alguns serviços que fizeraõ a Deos, & a estes reynos, os religiosos dominicos nas partes da India Oriental nestes annos proximos passados.* Em Lisboa: Lourenço Caraesbeeck 1635; <http://purl.pt/17462>

Sacramento, fez várias nomeações e ordenou a colocação de clérigos retirando vigários das paróquias sem consultar o vigário da vara.

Preparava-se Dom Manuel para regressar a Lifau quando recebeu a carta do vice-rei para realizar a visita pastoral às cristandades do norte da Índia.

Depois de ter cumprido essa missão, regressou a Goa em 1716, altura em que chegava àquele Estado o Arcebispo Dom Sebastião de Andrade Pessanha. Durante a sua estadia em Goa, teve a intenção de se deixar ficar por lá. A esse propósito, dizia o vice-rei conde de Ericeira (1717-1720) ao monarca, na carta de 19 de janeiro de 1719:

O Bispo de Malaca se achava em Baçain e não devia ter muita vontade de voltar para Timor, suponho que por essa razão deu a V. Maje. arbítrio de criar-se novo bispado para o Norte".[...] "Não sendo tão longa a viagem, podem os Arcebispos de Goa, visitar algumas vezes a provincia, hoje a melhor e a maior da sua jurisdição<sup>10</sup>.

Dom Frei Manuel de Santo António teve conflitos com o novo Arcebispo, em razão de aquele lhe ter impugnado o direito de intervir na questão que se levantara no Convento de Santa Mónica, conseqüente da eleição de uma priora em quem algumas freiras encontravam impedimento canónico para que o pudesse ser.

A 13 de janeiro de 1717, era nomeado governador interino do Estado da Índia o Arcebispo Dom Sebastião de Andrade Pessanha, a quem competia nomear o governador das ilhas de Solor e Timor. Dom Frei Manuel de Santo António, conhecedor da situação em Timor, sugeriu vários nomes ao Arcebispo. Dom Sebastião, porém, não quis dar-lhe ouvidos e acabou por escolher Francisco de Melo de Castro (1718), irmão do vice-rei, Caetano Melo de Castro (1702-1707).

Antes de seguir para Timor, e prevendo interferências do novo governador, Francisco de Melo de Castro, o Bispo de Malaca obteve do novo vice-rei Dom Luís de Meneses, conde de Ericeira (1717-1720), um benefício que foi publicado na portaria de 7 de janeiro de 1718. A portaria "*mandava ao governador que no caso de o bispo mandar prender alguns soldados, embora portugueses, por delitos pertencentes à Igreja e à jurisdição dele, bispo, não o impedisse, antes lhe desse toda a ajuda*".

<sup>10</sup> Carta do vice-rei da Índia ao rei de Portugal, 1719, cit. por NAZARÉ, Cristóvão de, *Mitras Lusitanas, no Oriente, Catálogo dos Prelados da Igreja Primacial de Goa*, 2.<sup>a</sup> edição, corrigida e aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 7.

Com a morte de Domingos da Costa, Dom Manuel de Santo António assumiu o governo interino das ilhas de Solor. Um dos seus atos de governo foi nomear Domingos Soares, rei de Manatuto, para o cargo de capitão-mor dos Belos; para o tenente-superior da mesma província, escolheu o rei de Samoro, Dom António Hornay; proveu Joaquim de Matos no lugar de capitão de campo e chamou Francisco Hornay, que se encontrava em Larantuca, para exercer o cargo de tenente-general de Servião. Conservou em Lifau, para a defesa da praça, o rei de Vemasse Dom Afonso. Entretanto, Domingos da Costa continuava a insistir junto do Bispo para que este lhe entregasse o poder. Não encontrando a concordância do Bispo-governador, Domingos da Costa fez alianças com alguns reis e moradores de Animata, os quais escreveram uma carta ao Bispo convidando-o a afastar-se do poder.

No ano de 1721, Dom Manuel de Santo António recebia finalmente a patente em que o vice-rei, conde de Ericeira, o provia no governo interino daquelas ilhas.

Em 1722, morria em Animata (Ainmata, atual Padiai), Domingos da Costa. A este rei, Dom Manuel não perdoou os pecados e, numa carta escrita ao vice-rei, revelava a sua aversão contra ele:

[...] Domingos da Costa, he o negro mais fedorento no aspecto e em sy que se pode considerar; do mesmo modo o maior bêbado e viciozo; pelo meus pecados e da Nação Portuguesa, merecendo tantas vezes forca, foi apremeado... e ainda morrendo Domingos da Costa neste meio tempo com uma dor pelo peito em forma de cruz que trago ao pescoço para que se conheça que o bispo de Malaca foi quem sempre se opôs a este monstro vicioso, tirando-lhe essa ilha das mãos, pondo-a na obediência de V. Maje. Este foi que o matou sem outra arma que a sua cruz<sup>11</sup>.

Em 1722, Dom Manuel entregara o poder ao novo governador António de Albuquerque Coelho (1722-1725).

Nas cartas para o vice-rei, o Bispo pedia insistentemente que fosse substituído no governo da ilha, quanto antes. Dom Manuel exerceu o cargo durante dois anos até à chegada do novo governador António de Albuquerque Coelho, que fora capitão-general de Macau em 1718-1719. Partiu Albuquerque Coelho de Goa no dia 3 de fevereiro de 1722 e, pelo fim de abril, desembarcou em Lifau. Antes da sua partida para Timor, o vice-rei tinha-lhe dado

<sup>11</sup> Dom frei Manuel de Santo António, *apud* LEITÃO, Humberto, *Vinte Anos de História de Timor, 1697 a 1725*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, p. 269.

algumas recomendações, entre as quais o bom relacionamento com os religiosos dominicanos:

Com os Religiosos Dominicanos que assistem nas ditas Ilhas fareis por ter toda a boa correspondência, para que como são Paes espirituais da christandade dellas é justo que entre vos e elles haja toda a união para que a dita christandade se augmente e se evitem outras desord-es que ordinariamente fomentão as desafeiçoens porem havendo motivos urgentes por onde se verifique que alguns dos ditos Relligiosos se esquec-e de sua obrigação com se fazer parceais e motores de alteraçõens ou fomentadores dellas fareis presente ao seu Prellado tudo o que vos constar sobre estas matérias para que lhe acude a por o remedio necessário e quando não baste para este efeito nenhum meyo que a correcção de obediência der o mandareis retirar com efeito na primeira ocasião que se oferecer ou para Macao ou para esta cidade para cujo efeito lhes dareis ajuda e favor para que assim se execute debaixo de cominação de se dar S. Mag. que Deos Goarde por mal serv.º faltandosse em todo ou em parte a disposição deste capituco [sic] que lhe mandareis notificar da parte do dito Snr.<sup>12</sup>

António de Albuquerque recebeu do Bispo o governo da ilha entre as melhores provas de amizade. No entanto, surgiram logo os atritos entre os dois, primeiro por causa de aspetos protocolares, durante a missa na igreja de Lifau, e depois por outros factos de somenos importância, que contribuíram para o arrefecimento de relações entre o Bispo e Governador.

Logo nos primeiros meses do governo de António Albuquerque Coelho, o Bispo e o Governador entraram em conflito. O mal-entendido entre ambos parece ter começado no facto de o Bispo querer impedir a execução de dois condenados à morte pelo governador e desaprovar também a entrega de dois holandeses ao residente de Koepang (Cupão). Estes holandeses tinham-se acolhido à proteção das autoridades portuguesas, antes da chegada de António de Albuquerque, prometendo a Dom Manuel de Santo António converterem-se ao catolicismo. Os condenados à morte eram dois indígenas que tinham abandonado o partido dos rebeldes, entregando-se na praça de Lifau. Albuquerque Coelho, desconfiando deles, ordenou que um fosse amarrado à boca de uma peça de artilharia, e assim foi executado; o outro, torturado primeiro, foi depois enforcado. Dom Frei Manuel de Santo António, indignado, protestou violentamente.

---

<sup>12</sup> In LEITÃO, Humberto, *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*, Lisboa, 1948, pp. 274-275.

Numa longa exposição dos incidentes passados com os anteriores governadores, Dom Manuel de Santo António pede ao governador que proceda a um inquérito para que fiquem desfeitas as calúnias que os seus inimigos andavam a proparar em Goa.

A exposição e os pontos de inquérito a fazer foram apresentados pelo Bispo ao governador a 20 de maio de 1722. Mas, António Albuquerque Coelho, que já trazia informações negativas acerca do Bispo, alegando que se lhe tornava impossível conservar Timor em paz estando nela o arrebatado prelado, em novembro dirige-se com três frades e algumas pessoas à casa do Bispo, que estava doente, e obriga-o a embarcar para Macau.

De facto, uma noite, nos últimos dias de junho de 1722, estando Dom Manuel convalescente de um ataque de febres, entrou-lhe António de Albuquerque Coelho em casa, acompanhado pelo ouvidor, pelo padre comissário Frei Amaro da Costa e outras pessoas, e disse ao Bispo que, por conveniência do serviço real, tomasse o barco que estava de partida para Macau. Perante um convite tão estranho, Dom Manuel apenas retorquiu: “*Bem podia V. Senhoria, pela nossa amizade, ter-me avisado há mais tempo.*” – “*Não convinha*”, respondeu o governador<sup>13</sup>. Foi, portanto, pura e simplesmente expulso de Timor “*violenta e incrivelmente*” e remetido como preso para Macau e dali para Goa.

Em novembro de 1722, de Macau, Dom Manuel de Santo António escrevia ao vice-rei queixando-se de tal agravo. Nesta cidade, Dom Manuel pediu para ser ouvido; porém, o governador de Macau, o capitão-general Dom Cristóvão Severim, já a par das notícias sobre a atuação do Bispo, mandou que seguisse para Goa. Nessa cidade, escreveu Dom Manuel de Santo António uma carta ao vice-rei, a 20 de janeiro de 1724, em que dizia:

[...] Estando eu em Timor em hũa cama, e estando o barco desta terra (Macau) para partir no dia seguinte, e com titulo de podre, entrando nas cazas onde eu morava o dito António de Albuquerque Coelho, que havia um mês pouco mais ou menos que tinha ido para governar essa Ilha, acompanhado de três frades e de algũas pessoas mais, me fez embarcar na mesma hora no dito barco, sem matolagem.

Eu não sei, Senhor, o motivo que teve este homem para isto, mais do que não poder sofrer a sua muita soberba que as minhas ovelhas me venerassem e me amassem mais do que a elle; e a incitação desses maus frades, aos quaes me

<sup>13</sup> Cfr. A.H.U., Timor, Certidão de Frei Amaro da Conceição, passada ao Governador António de Albuquerque Coelho, de 27 de julho de 1723, *apud* LEITÃO, Humberto, *Vinte e Oito Anos de História de Timor*, p. 283.

opunha eu em ordem aos seus vícios, que continuamente lhes pregavão, que não poderia elle governar com quietação, estando eu na Ilha, cuja falsidade terá já agora elle conhecido...<sup>14</sup>.

Num longo interrogatório organizado pelo governador António Albuquerque, no qual depuseram inúmeros seculares e religiosos, e até o próprio padre comissário daquelas cristandades, Frei Amaro da Conceição, eram atribuídas ao Bispo estas faltas: zelo impetuoso, ambição desmedida de governar e procedimento subversivo. Entre alguns dominicanos que criticavam abertamente as atitudes do Bispo contavam-se os padres Frei Francisco da Madre de Deus e Frei João do Rosário, comissário do Santo Ofício.

No processo contra o Bispo, “*apareceram a depor contra D. Manuel de Santo António cinco frades de S. Domingos, um padre secular, cónego da Sé de Goa a quem o Bispo havia demitido do lugar de seu vigário-geral [...] João da Costa de Lemos, ouvidor no tempo do Coelho Guerreiro, um capitão-mor, dois régulos de Timor e um cirurgião*”<sup>15</sup>.

Forçado a regressar à sua terra natal, Dom Frei Manuel de Santo António não teve vida sossegada em Goa. Entrou em conflito com o Arcebispo Dom Frei Inácio de Santa Teresa, O.P. Na noite de 7 de outubro de 1731, Dom Manuel foi alvo de uma tentativa de assassinato por parte de um frade dominicano e de um grupo de naturais de Timor. Sobre a polémica com o Arcebispo de Goa, diz Humberto Leitão:

A última pastoral do Bispo de Malaca que encontramos, respeitante a esta polémica, foi de 15 de Outubro de 1731. Nesta pastoral, em que mais uma vez excomunga e anatematiza o Arcebispo, Dom Manuel priva do ofício de vigário-geral da Ordem dos Pregadores ao padre frei Simão de S. Tomás seu notório fautor, já anteriormente excomungado.

Na impossibilidade de regressar à diocese, e incompreendido pelas autoridades, quer eclesiásticas quer civis, veio Dom Manuel de Santo António a falecer no ano de 1733, com 73 anos de idade.

Este primeiro Bispo que residiu em Timor teve inimigos e admiradores. Entre os críticos, registamos o nome do vice-rei da Índia, Vasco Fernandes César de Meneses (1712-1717), segundo o qual o mal-estar em Timor e as

<sup>14</sup> Cfr. Arquivo Histórico Colonial, Caixa 1, *apud* SÁ, Artur Basílio de, *A Planta de Cailaco*, p. 33.

<sup>15</sup> Cfr. LEITÃO, Humberto, *Vinte e Oito Anos de Historia de Timor*, pp. 281-282.

contínuas sublevações dos reinos contra a soberania portuguesa se deviam ao comportamento do Bispo de Malaca.

Em 1713, escrevia: “*Esquece-se o Bispo de Malaca das suas obrigações de Prelado, querendo só exercitar as de General e de político, tentação em que cahem muitos Religiosos*”. E continuava a carta: “*Era insolente, como se prova por uma carta que elle próprio escreveu a El-rei, e na qual dizia: Estou disposto a ausentar-me para logares onde me veja livre dos Governadores de V. Mag*”<sup>16</sup>.

O mesmo vice-rei, Vasco Fernandes César de Meneses, primeiro conde de Sabugosa, dizia ainda: “*Este prelado me asseguram ter sido mui exemplar em religioso, mas não tem a mesma opinião em bispo*”.

O conselheiro Domingos Gomes de Azevedo emitiu opinião semelhante acerca do comportamento do Bispo Dom Frei Manuel de Santo António:

[...] e este Prelado nos excessos que se mostram dos papeis inclusos, por onde se colhem serem as suas acções muito para se fomentarem as discordias que ha naquelles moradores e ter mostrado a experiencia que em outros governos deo também causa a muitas perturbações, devendo elle, pelas obrigações do seu lugar, ser o que compuzesse tudo, sem querer intrometer-se em governar o temporal, mas somente tratar do espiritual que lhe he dado a que somente se devem dirigir os seus cuidados, pois conhecidamente seria este o caminho para que se benquistasse com as suas ovelhas e não succedessem as desordens tão repetidas que naquelas terras tem acontecido [...]<sup>17</sup>.

Afonso de Castro, na sua obra *As Possessões Portuguezas na Oceania*, ao falar do Bispo Dom Manuel de Santo António, diz:

Era o bispo homem ambicioso, inquieto, turbulento e mais inclinado a occupar-se das temporalidades do que a curar dos negocios espirituais, e sorrindo-lhe a idéa de dirigir a política, valendo-se da ascendência que havia tomado sobre o governador, começou a ingerir-se na administração da colónia<sup>18</sup>.

Historiadores recentes como o inglês Charles Ralph Boxer não opinam positivamente:

Devia ser uma pessoa difícil, pois após a sua chegada a Goa, dispendeu a maior parte do tempo em querelas com o Arcebispo-Primaz Dom Inácio de

<sup>16</sup> Cfr. MORAIS, A. Faria de, *Subsídios para história de Timor*, p. 129; cfr. VASCONCELOS, Frazão de, *ob.cit.*, p. 29, nota 15; cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. VI, p. 352.

<sup>17</sup> Arquivo Histórico Colonial, Timor, caixa n. 1, in SÁ, Artur Basílio de, *ob. cit.*, pp. 28-29.

<sup>18</sup> CASTRO, Afonso de, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, p. 57. Cfr. LEITÃO, Humberto, *ob. cit.*, pp. VI-VII.

Santa Tereza, ou escrevendo protestos indignados às autoridades da Propaganda Fide em Roma, reclamando uma jurisdição espiritual no Sião e Samatra.<sup>19</sup>

O padre Manuel Teixeira é desta opinião:

Concordamos em absoluto com o que dele afirmou uma comissão constituída em Goa para o julgar. De facto, D. Frei Manuel foi citado perante uma comissão para dar razão da sua conduta para com os Dominicanos. [...] Achou-se que o bispo de Malaca era prelado de letras e de vida muito piedosa, mas também muito arrebatado e imprudente<sup>20</sup>.

Apreciações mais positivas acerca da personalidade e do comportamento do Bispo Dom Frei Manuel de Santo António são dadas pelos historiadores contemporâneos, dos quais se destacam o comandante Humberto Leitão, o padre Artur Basílio de Sá e o Professor Artur Teodoro de Matos. O comandante Humberto Leitão escreveu um livro em homenagem do primeiro goês Bispo residente em Timor, intitulado *Vinte e Oito Anos de História de Timor (1698-1725)*, Lisboa, 1952. No final do seu livro, o comandante Humberto Leitão escreve:

Mais de dois séculos já passaram depois de que estes sucessos ocorreram e, sem embargo dos esforços empregados por Dom Frei Manuel para destruir as acusações que lhe faziam, o seu proceder só palavras de censura tem merecido.

Ficou a planície de Lifau bem regada com sangue português de mistura com sangue de indígena de Timor e da ilha de Flores a quem mui ilustres e zelosos padres de S. Domingos ensinaram a Lei de Cristo e o amor a Portugal. Todos quantos à sua vista possam evocar as renhidas lutas ali travadas, as dores, os sofrimentos e os sacrifícios da nossa bandeira lá viveram horas tormentosas, não poderão deixar de sentir que por sobre aquelas terras paira a sombra vigorosa do célebre Bispo de Malaca.

É bem possível que nessa planície - a qual as fomes, as lutas e a insalubridade do clima transformaram em vasto cemitério - houvessem ficado, também, sepultadas para sempre as pretensões de Portugal à ilha de Timor se não fora o padre frei Manuel de Santo António. Não sabemos se quaisquer arquivos albergam documentos que permitam, um dia, fazer justiça a este homem

<sup>19</sup> BOXER, C. R., *Fidalgos no Extremo Oriente*, Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, p. 198.

<sup>20</sup> TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, vol. VI, p. 353.

para lhe aliviar as culpas, ou para lhas agravar. Até que isso possa acontecer, e ainda depois em qualquer caso, é de razão que as acções meritórias por ele praticadas sejam tomadas em desconto dos seus pecados<sup>21</sup>.

O padre Artur Basílio de Sá (Fig. 7) afirma que o Bispo, apesar de “*todas as suas imprudências, génio impulsivo, zelo arrebatado, é uma personagem de relevo da história da colónia [Timor]*” e o “*aumento daquelas cristandades, a defesa da soberania portuguesa na ilha eram principalmente obra sua e que ele via ameaçada em mãos inábeis*”<sup>22</sup>.

Por sua vez, o Professor Artur Teodoro de Matos dá esta opinião:

Missionário por excelência, feito bispo não poderia pactuar com comportamentos imorais e procedimentos mundanos de muitos dos seus irmãos de religião. Talvez não tenha sido um bispo modelar e, como político, também não terá tido sempre o melhor desempenho. Precipitado em muitas das suas decisões, as vicissitudes do meio e as muitas contrariedades talvez tenham aguçado a sua irascibilidade. Mas pautou sempre a sua acção por princípios que defendeu até à exaustão. A história política e religiosa de Timor terá de lhe reservar um especial lugar<sup>23</sup>.

Numa outra obra notável, *Timor Português, 1515-1769*, o Professor Artur Teodoro de Matos escreve: “*Apontado por alguns como homem irrequieto e provocador de distúrbios com o intuito de satisfazer a sua irreprimível ambição de Governar, Dom frei Manuel de Santo António, apesar do seu espírito arrebatado e, por vezes fanático, bem merecia julgamento mais digno*”<sup>24</sup>.

Apesar de todas as opiniões sobre o Bispo Dom Manuel de Santo António, a sua figura continua a suscitar interesse entre os estudiosos da missão

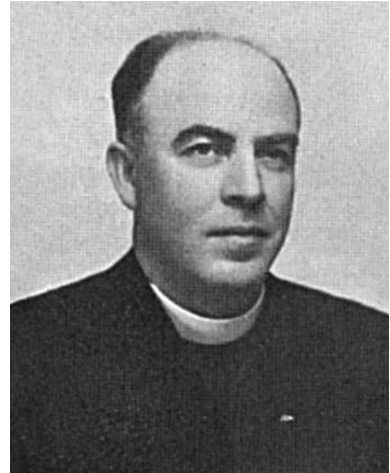


Fig. 7. Padre Artur Basílio de Sá. Publicada in: *Manuel Teixeira, Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.

<sup>21</sup> LEITÃO, Humberto, *ob. cit.*, pp. 341-342.

<sup>22</sup> SÁ, Artur Basílio de, *A Panta de Cailaco*, pp. 27-30.

<sup>23</sup> MATOS, Artur Teodoro de, “Dom Frei Manuel de Santo António: missionário e primeiro bispo residente em Timor...”, In *Revista CAMÕES*, Instituto Camões, 1999, p. 117.

<sup>24</sup> *Ibidem*, *Timor Português 1515-1769*, p. 65.

no Oriente. Na sequência do artigo já citado do Professor Artur Teodoro de Matos na revista *Camões*, em dezembro de 2008 a Doutora Margarida Luísa Coutinho Mendes fez a tese de mestrado na Universidade Nova de Lisboa, escrevendo sobre o Bispo Dom Frei Manuel de Santo António, O.P., Bispo de Malaca, primeiro bispo residente em Timor.

Foi pena que a controvérsia suscitada pelas palavras e tomadas de posição do Bispo Dom Frei Manuel de Santo António tivessem deixado na sombra a sua ação pastoral. Abundam documentos que só fazem transparecer a sua figura “política e controversa”. A sua atividade missionária e episcopal teria outro peso e outra dimensão, se as extensas cartas que ele escreveu tivessem deixado dados estatísticos sobre o número de católicos timorenses nesse período (1702-1722); os nomes e as localidades das igrejas e das capelas; os nomes e o número dos missionários dominicanos; o número de escolas e de alunos; e as cartas pastorais. A despeito de uma certa tendência negativa na apreciação da figura do Bispo, por parte de alguns historiadores, Dom Frei Manuel de Santo António foi um missionário corajoso, sacrificado, zeloso, amigo dos Timorenses e grande defensor da sua Pátria. Sem ele, o Timor do primeiro quartel do século XVIII teria outro enquadramento político e social. Com ele, a alma dos Timorenses, e sobretudo, a alma dos seus reis e coronéis, ficou imbuída e plasmada de uma certa lusitanidade e as suas mentes estavam a ser formadas nos valores do cristianismo.

Pensamos nós que Frei Dom Manuel de Santo António seja o Bispo, proveniente de Goa, que suscita mais interesse entre os estudiosos. De facto, a vida e a obra do famoso Bispo de Malaca têm sido objeto de tese e de outros estudos em livros revistas. Ele é o máximo representante dos missionários da Índia Portuguesa em Timor-Leste.

### **Padre José Caetano de Meneses**

O padre José Caetano de Meneses, natural de Goa, bacharel em teologia, foi nomeado governador episcopal de Malaca e Timor por provisão de 26 de abril de 1775. Chegou a Díli em 4 de abril de 1776 e tomou posse a 26.

O novo governador do bispado, cumprindo as “Instrucções” do Arcebispo de Goa, mandou prender o antecessor, Frei Francisco da Purificação<sup>25</sup> e outros três dominicanos, Frei Purificação, Frei Tomás da Anunciação e Frei

---

<sup>25</sup> Cfr. FIGUEIREDO, Fernando Augusto, *Timor. Presença Portuguesa, 1769-1945*, Lisboa, Fundação Oriente, pp. 425 e 427.

Bernardino de São Francisco, os quais foram levados presos para Goa, tendo sido sequestrados os seus bens e objetos. Frei Francisco da Purificação conseguiu reabilitar-se.

Em Timor, outros dominicanos foram perseguidos. Nessa altura, era Governador das Ilhas de Solor e Timor outro goês, Caetano Lemos de Menezes (1776-1779), que apoiava o seu conterrâneo, padre Caetano, na perseguição aos dominicanos. No entanto, o governador do bispado foi removido em 1776. Faleceu em 1817<sup>26</sup>.

### **Padre Frei Sebastião de S. Miguel Gameiro**

Este missionário goês esteve como missionário no Reino de Claco (Clacoc, Klakuk), reino situado na Costa Sul, entre 1770-1774. Foi mandado sair de Timor por ter ordenado desenterrar o cadáver de uma criança que morrera sem batismo<sup>27</sup>. Por este facto, o padre foi suspenso e preso pelo Superior das Missões de Timor, Padre Frei António de S. Boaventura, e depois remetido para a prisão de Macau. Na condição de preso, escreveu ao Bispo daquela diocese, Dom Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, questionando a sua prisão. O Prelado macaense escreveu ao antigo superior das Missões de Timor pedindo informações concretas sobre a situação do Padre Frei Sebastião Gameiro, que em 1774, estava preso na cadeia de Macau. Em resposta ao pedido do Prelado, escreveu o Padre Frei António de S. Boaventura:

Obedecendo o despacho do Ex.mo e Revmo Sr. Bispo Diocesano, certifico eu Fr. António de S. Boaventura da Ordem dos Pregadores ser verdade que quando Comissário dos Relligiosos Missionários da Missão de Timor, e Governador do Bispado de Malaca e da mesma Ilha; foi mandado de Goa o R. P. Sebastião Gameiro para a dita Ilha assistir nella por degredo por tempo de três annos; e pela falta, e se achavão algumas Igrejas vagas por terem falecido os Vigários delas, me foi preciso occupar o dito Revdo na Igreja do Reyno de Claco; donde tomou posse da dita Igreja, e depois fez bastantes disturbios no dito Reyno procedente muito mal posto que da minha parte o admoestei com algumas correções, antes sim mais obstinado; e por ultimo morrendo huma criança no dito Reyno, gentia seos Pais a enterrarão em hum gudão de uma Caza; e sabendo o dito Pe. que dita criança tinha morrido gentia, e depois de estar enterrada cinco dias mandou o dito Padre pelos seos Meyrinhos da Igreja desenterrar a dita criança, e a levarão à prezença do dito Padre, e ele mandou

<sup>26</sup> BELO, Carlos Filipe Ximenes, *Historia da Igreja em Timor-Leste*, 1.º volume, pp. 255-256.

<sup>27</sup> TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, pp. 518-519.

dezammortalhar o cadáver, e se revestio de sobrepelis, e Estola, e baptizou o dito Defundo solenemente pondo-lhe os Santos Óleos, com Padrinhos, e depois mandou abrir uma cova no Adro da Igreja mandando enterrar o dito cadáver. Ás p.r queixas dos Freguezes do dito Reyno, e de outras pessoas mais, mandei ao R. Pe. Fr. Eusebio de Santa Maria relligioso da mesma Relligião sagrada, que se acha na dita Ilha parroqueando o Reyno de Viqueque fosse ao Reyno de Claco, e tirasse depoimento do dito caso succedido, e mandasse desenterrar o cadáver gentio, que se achava no lugar sagrado, e mandasse lançar fora no monturo; o dito Pe. Frei Euzebio tirou dito o depoimento com algumas testemunhas, que virão fazer o dito baptismo, e assistirão a dita solemnidade; e me mandou o depoimento das testemunhas, e mandou deenterrar o dito cadáver; me foi preciso proceder contra o dito Pe. Sebastião Gameiro, com uma Pastoral e o tirei fora da Igreja, mandando outro Vigario para ella, e suspendi o dito Padre do exercício das suas ordens e lhe ordenei sahisse fora da Missão de Timor, e se recolhesse a esta Cidade. Nesse mesmo tempo, chegou o Navio de Macao a dita Ilha, e como tinha solicitado a licença havia doze anos para sahir da dita Missão, e recolher-me ao convento de Goa, e me chegasse a dita licença; entreguei o dito depoimento que tinha mandado tirar do dito Padre, o entreguei ao meo successor<sup>28</sup>.

A 20 de setembro de 1774, o já citado Bispo de Macau era de opinião que o padre Sebastião Gameiro fosse remetido para Goa.

### **Padre Frei Eusébio de Santa Maria, O.P.**

Pároco em Viqueque<sup>29</sup>, em 1773/1774. Foi mandado pelo superior, Padre António de S. Boaventura, para ir ao reino de Claco verificar, *in loco*, o caso da criança morta sem batismo e mandada desenterrar pelo padre Frei Sebastião Gameiro a fim de ser batizada.

### **Padre Francisco Luís da Cunha (1788) (Governador de Bispado de Malaca)**

Nasceu em Nerul, Bardez, Goa. Era filho de Fernando da Cunha Teixeira e de Dona Antónia de Meneses (portugueses). Da sua entrada no Seminário, há uma referência que diz:

---

<sup>28</sup> Cf. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, pp. 519-520.

<sup>29</sup> Não sabemos se era natural de Goa ou de Portugal.

Este clérigo he filho de Fernando Teixeira da Cunha, mulato de Jerónimo Teixeira, cujo herdeiro Vicente Rebelo o queria vender, mas protegido dos Frades se fez soldado, e por este modo se livrou da escravidão, cujos documentos se acham no cartório do civil de Goa, e como tinha praça de bobo e faceto dos Frades, o cazaram com uma mestiça, e o fizeram oficial e por estes merecimentos obteve seu filho entrar no seminário do Colégio de Chorão<sup>30</sup>.

Recebeu a ordenação sacerdotal conferida pelo Arcebispo António Taveira de Neiva Brum a 10 de maio de 1772. Era meio cónego e cónego da Sé de Goa e Desembargador da Relação Eclesiástica. Resignando o canonicato foi nomeado vigário de São Lourenço de Agaçaim. Por Provisão de 29 de dezembro de 1787, foi nomeado para governador do bispado de Malaca e ilhas de Solor e Timor, pelo falecimento de frei Joaquim de Santa Ana e impedimento de frei Francisco de São José Toscano que não pôde seguir para Timor. No caminho para Timor, fez uma paragem em Malaca, “*onde no dia 12 de junho de 1788 foi padrinho dum protestante alemão por nome Jacob que se batizou na igreja de S. Pedro*”. Teria chegado a Díli depois do dia doze de junho daquele ano.

De Díli escreveu uma carta ao Arcebispo falando muito mal dos dominicanos, concretamente de três dominicanos goeses: Frei Silvestre de Santa Rita, Frei Joaquim de Jesus Maria José e Frei Lucas de Santo António. O padre Luís da Cunha escrevia que estes três dominicanos “*estavam culpados de terem incitado a rebelião da Província dos Belos contra o Governador Nogueira Lisboa*”.

Em Timor, teve desavenças com o governador Feliciano António Nogueira Lisboa. “*Acusava o governador de estorvar a sua acção, de monopolizar os negócios, oprimindo os comerciantes com recurso de testas-de-ferro, de fazer guerra aos indígenas e de ter com todos um comportamento despótico*”.

Retirou-se para Manatuto e ali agitou o povo a rebelar-se contra o governo; a sua atitude provocou o assalto à povoação de Manatuto pelas forças do governo. Sobre a sua atuação, escreve o padre Casimiro Nazareth:

[...] querendo em 1789 visitar pessoalmente as missões de Timor onde residia, foi violentamente impedido e preso pelo governador daquela cidade, Feliciano A. Nogueira Lisboa.

---

<sup>30</sup> RIVARA, J. H. da Cunha, *A Conjuração de 1787 em Goa E Várias Cousas Desse Tempo Memoria Historica, Documentos*, 1875, pp. 61-62.

Em ofício de 21 de julho de 1790 escrevia o governador de Timor ao de Goa:

O meu antecessor fez guerra aos reis de Manatuto e Lacló, por estes não quererem entregar-lhe o gover.<sup>or</sup> episc. o p. Fr.<sup>co</sup> Luiz de Cunha que desejava prender, na inteligência de que maquinava contra a sua conservação; ao qual ao princípio poderia evitar, porém depois lhe foi indispensável o fazê-la, porque estes junto com outros desgostosos reis desta província, o pretendiam depor do governo. Em 1791, Julho 16, avisava o mesmo govern. de Timor ao de Goa, que remetia preso d'ordem de s. mag.<sup>e</sup> o govern.<sup>or</sup> ecles. do bispado de Malaca, que assim me foi entregue pelo meu antecessor a face dos altares..., e nesta ocasião mando a devassa que contra aquele eclesiástico se estava tirando; ao que respondia de Goa o vice-rei que chegara a Goa e aí se conserva preso o govern.<sup>or</sup> ecles. do bispado de Malaca Fr.<sup>co</sup> Luiz da Cunha.

Foi também acusado de ter fomentado a sublevação de alguns reinos contra o governo. Tanto o Governador do Bispado, como o Governador Nogueira Lisboa, foram remetidos para Goa e presos. O padre Francisco Luís da Cunha faleceu em Goa em 1793<sup>31</sup>.

#### **Padre Frei Silvestre de Santa Rita, O.P**

Era dominicano e natural de Goa. Era Vigário de Díli, em 1787 e 1788<sup>32</sup>.

#### **Padre Frei Joaquim de Jesus Maria José, O.P.**

Era natural de Goa. Encontrava-se em Timor, aquando da chegada do Padre Francisco Luís da Cunha, novo Governador do Bispado de Malaca<sup>33</sup>. Estava em Timor em 1785. Faleceu em Díli no ano de 1803.

#### **Padre Frei Lucas de Santo António, O.P.**

Era goês e estava como missionário em Timor, no tempo do Padre Luís da Cunha, Governador do Bispado de Malaca<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Cfr. FIGUEIREDO, Fernando Augusto, *Timor. Presença Portuguesa, 1769-1945*, p. 427, nota 63; cfr. BEDM, Ano LI, n.º 590, junho de 1953, p. 414.

<sup>32</sup> FARIA, Francisco Leite de, "Estudo sobre Frei Alberto de São Tomás", in *Virtudes de Algumas Plantas da Ilha de Timor*, Ministério do Ultramar, 1969, p.24.

<sup>33</sup> Idem, p. 24.

<sup>34</sup> Idem, p. 24.

**Padre Frei Manuel Ascensão e Silva, O.P. (1792)**<sup>35</sup>

Professou no Convento de Goa. Nomeado para missionário de Timor por provisão institutiva de 28 de abril de 1792. Não se sabe onde estava colocado.

**Padre Frei José da Ave-Maria e Sousa, O. P. (1817)**<sup>36</sup>

Segundo o padre Manuel Teixeira, Frei José de Sousa, O.P., professou no Convento de Goa. Nomeado missionário para Malaca, Solor e Timor, pela provisão de 31 de março de 1817.

Diz uma crónica que em 1818, chegou a Timor frei José Ave-Maria, um padre novo e sem experiência, e que viria a falecer em Díli em 1824.

**Padre Frei António Raposo de Amaral, O.P. (1818)**<sup>37</sup>

Frei António Raposo (de Amaral), da Congregação de Goa. Nomeado missionário para Malaca, Solor e Timor, por provisão de maio de 1818. Foi-lhe conferida a ordem de presbiterado 23 de setembro de 1815.

Desembarcou em Díli no ano de 1820. Não sabemos o local de serviço.

**Padre Frei António de José Soares, O.P.**<sup>38</sup>

Professou no Convento de Goa. Nomeado missionário para Malaca, Solor e Timor por provisão de 31 de março de 1817.

**Padre Frei José da Virgem Pura, O.P.**<sup>39</sup>

Nomeado superior das Missões de Timor por provisão de 9 de março de 1820. Desembarcou em Díli no ano de 1820. Foi, por algum tempo, superior dos dominicanos de Timor.

---

<sup>35</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 520.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 521.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 521.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 521.

<sup>39</sup> *Idem*, p. 521.

### **Dom Frei Joaquim de Santa Rita, O.F.M. (1820)**

Este sacerdote franciscano que foi Bispo de Cochim nunca esteve em Timor. Mas inserimos o seu nome aqui pelo simples facto de ter sido eleito bispo eleito de Malaca, diocese que abrangia as ilhas de Timor e Solor.

Era filho de Manuel Marques Botelho e dona Rita Francisco de Fria, de ascendência portuguesa. Nasceu em Pangim, Goa aos dias 30 de outubro de 1859. Matriculou-se aos 9 anos no Seminário de Chorão; mais tarde frequentou as aulas de Latim e Filosofia. Completados os estudos, em 7 de julho de 1787, ingressou no convento da Madre de Deus, onde um ano depois fez a sua profissão. Aqui estudou a Teologia sob a direção do padre Mestre Frei José de Santa Ana. Em 12 de junho de 1807 foi nomeado pela unanime votação do definitório lente de Filosofia, e no dia 1 de abril de 1809, lente de Teologia no respetivo convento. Com apenas 36 anos de idade foi eleito provincial dos franciscanos, cargo que exerceu até 1820. No dia 15 de janeiro desse ano foi nomeado Governador do Episcopal de Malaca e das ilhas e Solor e Timor. Não seguiu para lá, pelo facto de ter sido transferido para Cochim (1832-1851). Foi também Administrador Apostólico da Arquidiocese de Goa, e membro do Conselho do Governo do Estado da Índia (1855). Faleceu no dia 8 de fevereiro de 1859, aos 77 anos de idade<sup>40</sup>.

### **Padre Frei Vicente Ferrer Varela, O. P.<sup>41</sup>**

Chegou a Timor em 1827. Faleceu em Goa, no ano de 1857<sup>42</sup>.

Filho de José Joaquim Varela e de Dona Rosa de Meneses, nasceu na ilha de Santo Estêvão (Goa) a 13 de outubro de 1792. Era neto paterno de Manuel Varela e de Isabel Carvalho e foi batizado no dia 21 do mesmo mês, com o nome de Vicente Manuel Varela. Ainda novo, ingressou na Ordem de São Domingos, em Goa. Recebeu as ordens de subdiaconado, a 27 de fevereiro de 1814, e de diaconado, a 24 de fevereiro de 1815. Foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo Dom Manuel de São Galdino, a 23 de setembro de 1816. Foi nomeado vigário encomendado da igreja paroquial de Santa Bárbara, de Morombim-o-Grande, por provisão de 22 de fevereiro de 1817.

---

<sup>40</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. VI; p. 380.

<sup>41</sup> Idem, vol. X, p. 521.

<sup>42</sup> TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, pp. 522-523.

Em 2 de outubro de 1818, em conformidade com a lei de 17 de dezembro de 1794, e carta régia de 19 de agosto de 1799, foi-lhe concedida licença para defender publicamente conclusões magnas com 80 teses.

Por Provisão institutiva de 21 de abril de 1823, o padre Frei Vicente Varela foi nomeado missionário de Malaca, onde era vigário; e por provisão de 21 de abril de 1824, foi nomeado pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Malaca. A apresentação para este lugar foi feita pelo Padre Vigário Geral da Ordem de São Domingos, Padre Frei António José de Maria, em 7 de abril do ano 1824.

Por provisão de 21 de abril de 1828, foi nomeado missionário de Timor e aí chegou nesse mesmo ano. Em 1829, era vigário de Díli e comissário das missões de Solor e Timor, como escreveu Casimiro Cristóvão de Nazareth.

Por provisão de 21 de maio de 1832, foi nomeado governador do bispado de Malaca e ilhas de Solor e Timor, em lugar do padre José Joaquim Leite, da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, o qual, tendo sido nomeado por provisão de 11 de abril de 1821, não chegara a tomar posse, por ter ficado sem efeito essa provisão.

Como governador do bispado Frei Varela teve faculdade de crismar os povos sob a sua dependência durante a visita pastoral pelas Missões de Timor em força da provisão de 6 de maio de 1833.

Quando morreu o governador de Timor Miguel da Silveira Lorena, Frei Vicente Ferrer Varela fez parte da junta governativa. Os outros membros eram José Pereira de Azevedo, tenente-coronel, e Francisco Inácio de Seabra, ouvidor.

O padre dominicano teve ambição do poder: expulsou para Goa o comandante do Batalhão Defensor das Ilhas Azevedo e o ouvidor Seabra, e nomeou gente da sua confiança para os substituir.

O tenente Duarte Leão Cabreira revoltou-se contra o padre Varela mas, ameaçado, não executou esse plano. Pôde assim o padre Vicente Ferrer Varela ficar como governador interino.

Em 1834, entregou o poder ao novo governador de Timor José Maria Marques. Frei Vicente Ferrer Varela deixou Timor em 1835, chegando a Goa a 25 de março daquele ano e aqui faleceu em 5 de junho de 1857.

Depois da extinção das ordens religiosas, por Joaquim António de Aguiar, alguns dominicanos já exclaustrados foram nomeados governadores do bispado de Malaca.



### CAPÍTULO III

## Missionários no Período do Interregno (1834-1875)

Este período segue-se ao Decreto da expulsão das Ordens Religiosas dos domínios portugueses, tanto no continente como no ultramar. O grande protagonista foi o ministro Joaquim António de Aguiar.

Em consequência disso, as Missões católicas de Timor entraram numa fase de estagnação. Após 1835, o governo recorreu aos padres seculares de Goa, de Macau e também de Portugal para prover as missões de Timor. No ano de 1838, do Governo-geral do Estado da Índia seguia um ofício para o Arcebispo Primaz do Oriente em que se dizia:

sendo de absoluta necessidade, que vão nessa monção para as Ilhas de Solor, e Timor quatro ou seis Padres de boa conduta moral, e Civil, espera que V. Exc os nomee para partirem com o Governador nomeado daquelas Ilhas pela curveta - Infanta Regente —, que deverá sahir por todo este mez; visto que existindo ali ao presente só dois Padres, não são estes bastantes para um Paiz daquela extensão<sup>43</sup>.

Foi então que o Arcebispo de Goa tomou a peito o envio de alguns sacerdotes exclaustrados, aliás ex-frades (dominicanos e franciscanos) para Malaca e Timor.

---

<sup>43</sup> Cfr. HAG, Correspondência de Timor, livro n.º 2.781, pasta 10 (1842), Goa 18 de maio de 1849, p. 450; cfr. *Boletim do Estado da Índia*, n.º 21, 12 de abril de 1838, in FIGUEIREDO, Fernando Augusto, *Timor. Presença Portuguesa 1769-1945*, p. 426, nota 54.

### **Padre Filipe Atanásio da Costa (1838-1843)**

Era natural de Curtorim, Goa. Professou no Convento de São Domingos de Goa em 23 de outubro de 1826, sendo ordenado sacerdote em 1832; em 1835, ficou administrador do extinto Convento de São Domingos de Goa. Na qualidade de *egresso* (ex-frade) deste extinto convento foi, em 27 de abril de 1838, nomeado vigário da vara e superior do Bispado das missões de Malaca e ilhas de Solor e Timor Provisão de 27 de abril de 1837).

A 12 de Maio de 1838, a Fazenda de Goa oficiava ao Senado de Macau comunicando a ordem da Rainha para a cômgrua aos padres que seguiram de Goa para Macau na barca Angelica e daqui para Timor. [...] A 16 desse mês, o Secretário do Governo da Índia remeteu ao Senado a lista dos passageiros que vinham na corveta de guerra Infanta Regente e na barca Angelica de Macau. Entre eles vinham os seguintes padres: P. Filipe Atanásio da Costa, com o criado Piedade Luís. P. Vitorino das Dores, missionário com um criado. P. António Botelho. P. José Maria Brandão

Aos padres Filipe Atanásio da Costa e Vitorino das Dores, ex-frade franciscano, o Senado deveria pagar 900 xerafins anuais.

Em 1843, querendo o padre Filipe da Costa apoderar-se do governo de Timor, foi exonerado e mandado regressar a Goa. Para substituir Frei Filipe Atanásio, foi nomeado frei António da Graça; este, porém, recusou-se a partir para Timor, pelo que foi privado da tença de egresso em 21 de abril de 1843.

O padre Filipe Atanásio da Costa teve problemas com o governador Frederico Leão Cabreira. Segundo o Doutor Fernando Augusto de Figueiredo,

A hostilidade foi ao ponto de o clérigo aliciar militares e civis para depor o governador. Por outro lado, como tardassem a actualizar o seu pagamento e recebesse durante algum tempo como simples missionário, fez saber que se não atendessem às suas pretensões, preferia que lhe dessem passagem de regresso largando a ilha 'com grande satisfação'. O padre Filipe da Costa acabou por ir preso para Goa para ali ser julgado<sup>44</sup>.

### **Padre Vitorino das Dores**

Natural de Aldoná, foi ordenado sacerdote em 1833. Sendo egresso franciscano, acompanhou o padre Filipe Atanásio da Costa. Nomeado para Timor

---

<sup>44</sup> Cfr. FIGUEIREDO, Fernando Augusto, *ob. cit.*, p. 426, nota 55.

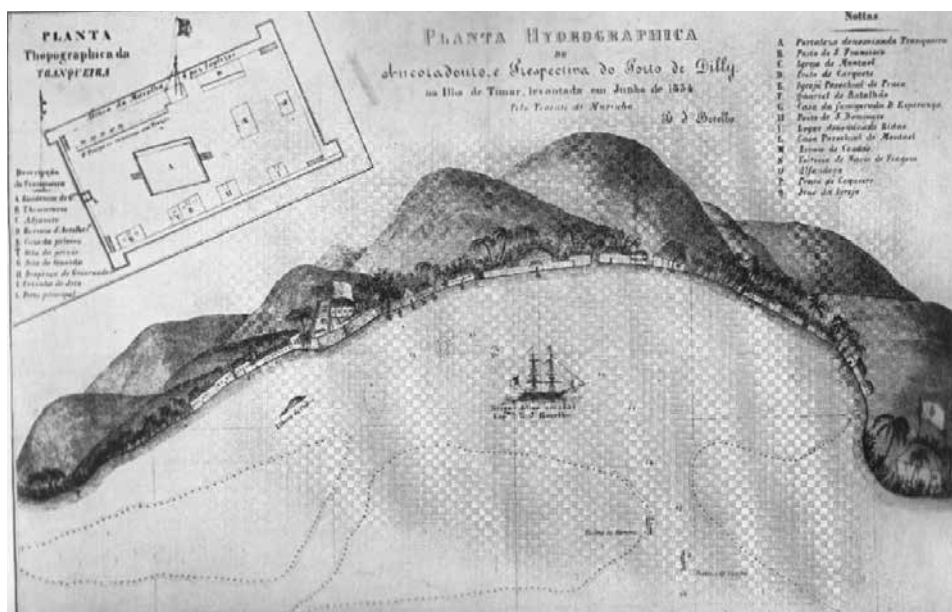


Fig. 8. Planta de Díli com referência à Igreja de Montael (1834). Editada por Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Lisboa*: Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1957, 3.º vol., p. 487.

por Provisão de 18 de abril de 1838. Serviu as Missões durante 10 anos. Sendo-lhe passadas duas provisões, uma em fevereiro de 1839 e outra em 25 de outubro de 1845. Em 26 de abril de 1846, fazia parte de personalidades que na ‘Praça de Delly’ (Fig. 8), escolheram três Deputados para as Cortes: Frederico Leão Cabreira, D. Frei João Xavier da Trindade e Sousa e Adrião Acácio de Silveira Pinto

O missionário Vitorino das Dores, regressou muito pobre a Goa, fazendo escala em Batávia. Faleceu em Aldoná a 15 de julho de 1878 com 73 anos de idade<sup>45</sup>.

### Padre António Botelho

Era companheiro de viagem do Padre Filipe Atanásio da Costa na corveta de guerra *Infanta regente*. Não se sabe onde cumpriu o serviço missionário.

<sup>45</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, pp. 523-524.

### **Padre José Maria Brandão**

Era companheiro de viagem do Padre Filipe Atanásio da Costa na corveta *Infanta Regente*. Não se sabe o local de trabalho missionário.

### **Padre João Xavier da Santíssima Trindade e Sousa**

Este padre nunca esteve em Timor, mas damos aqui a notícia sobre ele, por ter sido eleito Governador do Episcopal e Bispo eleito de Malaca, e Deputado às Cortes, pelo Círculo da Província de Timor.

Nasceu em Assagão de Bardez, Goa, no ano de 1801. Era filho de Francisco de Sousa e de Ana Joaquina. Professou na Ordem dos Padre Dominicanos (Ordo Praedicatorum) no ano de 1815. Recebeu a ordenação sacerdotal em junho de 1822; pouco depois foi nomeado superior do convento de São Domingos; mais tarde assumiu o cargo de Procurador Geral da Congregação. No mês de janeiro de 1823, muda-se para o Colégio de São Tomás, munido de patente Superior de mestre substituto dos estudantes. Durante um ano foi professor de Filosofia, ao mesmo tempo que defendia ‘umas conclusões magnas’. Em março de 1824, teve a nomeação de Lente das Artes. No mês de dezembro seguinte foi canonicamente eleito Prior do Colégio. No ano de 1828, recebeu de Roma a patente de Presentado em Teologia. Tendo dado provas de sabedoria, de ciência e de bons costumes, o Superior da Congregação da Índia Oriental, padre Frei António José da Maia nomeava, pela Provisão, o padre frei João Xavier da Santíssima Trindade e Sousa Vigário e Prelado do Convento de São Domingos, em Macau. (Fig. 9) Exercia também o cargo de Comissário provincial. No ano de 1831, o padre João Xavier obteve a patente de Mestre e Doutor de Teologia. Entretanto em Portugal, António Joaquim de Aguiar publicava a lei de supressão das Ordens e congregações religiosas (1834). No ano de 1838, aquele que tinha sido superior do convento de Macau regressaria a Goa, na condição exclaustrado, continuando, porém, como sacerdote. Por ter sido lente de Filosofia e Teologia, o Prelado do Arcebispado de Goa escolhe-o para ‘Examinador Postsynodal’ e Governador Episcopal de Malaca. Foi eleito Deputado às Cortes (1846), e por essa razão manteve-se em Lisboa. Apresentamos aqui as atas da reunião na Praça de Dilly, sobre a eleição do padre João Xavier Trindade de Sousa para Deputado, representando Solor e Timor.

Nós Eleitores das ilhas de Timor e Solor, reunidos nesta Praça de Delly, tedeo procedido a eleição dos Deputados que deve ser nomeados por esta provincia,



Fig. 9. Igreja de São Domingos Macau;  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_S%C3%A3o\\_Domingos\\_\(Macau\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_S%C3%A3o_Domingos_(Macau))

declaramos que foram eleitos Frederico Leão Cabreira, D. João Xavier da Trindade e Sousa, e Adrião Acacio da Silveira Pinto, pelo que por esta presente proclamação damos a todos este Deputados juntamente, quando seja admitida a resolução, em virtude da qual forem eleitos três e a cada um deles in solidum, os mais amplos poderes, para que reunidos na Camara de Deputados com os outros nomeado pelas mais províncias, possam fazer tudo o que for conducente ao bem da nação, cumprindo as suas funções na conformidade e dentro dos limites da Carta Constitucional, dada e decretada pelo Senhor Rei Dom Pedro IV, em 29 de Abril d e mil oitocentos vinte e seis, obrigando-nos a cumprir e ter por valido tudo o que os dictos Deputados, assim fizerem, dentro dos referidos limites.

Dada nesta Praça de Delly, capital das referidas ilhas, em 26 de Abril d e 1846. - Dom António da Costa Pereira, — Joaquim Vicente Gomes de Mello, — José António da Costa, — José Caetano Feio, — Manoel Henriques de Carvalho, — Manoel Joaquim Pereira, — António Victorino Doutel, — D. Francisco dos Reis e Cunha, — D. Belchior Fernandes da Costa, — Manoel Prereira, da Costa, José Caetano Barbosa, — Zeferino Benedito Gonçalves. — Manoel Luis

da Silva, — Padre Victorino das Dores,— Frederico Leão Cabreira,— D. Joaquim Soares Ribeiro<sup>46</sup>.

Mais tarde foi apresentado para ser Bispo de Malaca. A este propósito leiamos o documento da eleição pela Coroa.

Decreto da Rainha de Portugal, Dona Maria II:

Achando-se vago o Bispado de Malaca, Solor e Timor, e concorrendo na pessoa do Presbítero João Xavier de Sousa Trindade a sciencia e louváveis costumes, necessários, para bem desempenhar as funcções episcopais: Hei por bem nomear e apresentar o dicto Presbitero João Xavier de Sousa Trindade, Bispo de Malaca Solor e Timor, e em tempo oportuno Mandarei expedir para que esta minha nomeação e apresentação tenham completo efeito. O Ministro Secretario de Estado de Negocios de Marinha e Ultramar, assim o tenha, intendido e faça executar. Paço das Necessidades em três de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e um”. - Rainha - José Ferreira Pestana. - Está conforme - António Pedro de Carvalho<sup>47</sup>.

Houve, porém, factos que contribuíram para que a Santa Sé não desse o *placet* à nomeação real. Este não é lugar para expor o complexo problema do Real Padroado Português no Oriente. A verdade é que à altura, as sedes de Malaca, Cochim, Cranganor, Pequim e Nanquim estavam vagas.

Em carta régia de 1844, recomendava-se ao Arcebispo de Goa que constituísse Frei João Xavier de Trindade e Sousa vigário capitular da Diocese de Malaca Timor e Solor, com toda a jurisdição ritual. Diz o padre e historiador Casimiro Cristóvão Nazareth o seguinte: “*Em 1 de Julho de 1844, os povos de Malaca dirigiram uma representação a Sua Magestade e outra ao Santo Padre, pedindo a confirmação de Dom João da Trindade em bispo daquela diocese*”<sup>48</sup>. O padre João Xavier Trindade faleceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1864<sup>49</sup>.

### **Padre António da Graça (1843)**

Era natural de Siolim, foi batizado com o nome de Luís António Gonzaga de Sequeira. Professou no Convento de S. Domingos, em Goa, a 3 de outubro de 1817 e recebeu a ordenação sacerdotal a 18 de setembro de 1818.

<sup>46</sup> Cr. *Exposição Documentada*, Lisboa, Typographia de Silva, 1849, pp. 29-30.

<sup>47</sup> Cfr. *Idem*, pp. 28 e 29.

<sup>48</sup> NAZARETH, Casimiro Cristóvão, *ob. cit.*, vol. II, p. 262.

<sup>49</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. VI, p. 359.

Era egresso ou ex-frade dominicano, e foi nomeado vigário da vara e superior das Ilhas de Solor e Timor por Provisão n.º 779 de 3 de abril de 1843<sup>50</sup>. Não seguiu para Missão, sendo-lhe, por isso, cortada a tença de egresso<sup>51</sup>. Exerceu o cargo de coadjutor de Siolim, por Provisão de 18 de maio de 1844. Faleceu em Siolim a 6 de novembro de 1867, com 90 anos de idade<sup>52</sup>.

### **Padre Francisco Gomes (1843)**

Natural de Goa, em 1815 tomou o hábito de São Domingos e professou no convento dominicano de Goa. Em 20 de fevereiro de 1826, foi nomeado vigário da Igreja de São Pedro de Malaca. Em 6 de maio de 1833, recebeu faculdades, por três anos, de crismar os povos da sua dependência. Em 5 de maio de 1840, foi nomeado governador do bispado de Malaca, mas não se sabe se visitou Timor. Faleceu em Malaca aos dias 17 de janeiro de 1858.

### **Padre Sebastião Patrício Homem**

Natural de Arporá, onde teria nascido a 2 de junho de 1819. Foi batizado na Igreja Nagoa a 14 de junho de 1819. Recebeu a ordenação sacerdotal a 7 de dezembro de 1845. Foi nomeado missionário para Timor por Provisão de 10 de maio de 1847<sup>53</sup>.

### **Padre Inácio Brás Santimano**

Natural de Colvá. Recebeu a ordenação sacerdotal a 7 de dezembro de 1845. Nomeado missionário de Timor por Provisão de setembro de 1847<sup>54</sup>.

### **Padre Francisco António da Costa (1857)**

Natural de Majordá, onde nasceu a 20 de março de 1827. Foi ordenado presbítero a 10 de abril de 1853. Nomeado missionário para Solor e Timor por Provisão de 21 de dezembro de 1857. Foi depois missionário em Cochim (1868-1873) e em Goa, vigário encomendado de Velim (1874-1877); de

---

<sup>50</sup> Cfr. Boletim Oficial do Estado da Índia, n.º 30.

<sup>51</sup> Cfr. Boletim Oficial do Estado da Índia, n.º 32.

<sup>52</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 524.

<sup>53</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 525.

<sup>54</sup> *Idem*, p. 525.

Neurá (1877-1880); de Linhares (1880-1881), de Sanguém (1881-1888); de Verná (1888-1889). Faleceu em janeiro de 1889<sup>55</sup>.

### **Padre Domingos Caetano Coelho (1859)**

Natural de Nevelim, onde nasceu a 15 de março de 1828, e batizado no dia 23 do mesmo mês e do mesmo ano. Recebeu a ordenação sacerdotal a 3 de abril de 1858. Foi nomeado capelão da Sé Primacial de Goa. Mais tarde, o padre Domingos Coelho seria nomeado missionário para Solor e Timor por Provisão de 12 de janeiro de 1859<sup>56</sup>. A viagem para Timor foi subsidiada pela Fazenda de Goa, pagando Xerafins 343:3:45 (229 prata e 114:3:45 cobre)<sup>57</sup>. Seguiu para Timor no vapor de guerra inglês *Prince Arthur*, em 28 de janeiro de 1859<sup>58</sup>.

### **Padre Manuel José Gomes (1858-1868)**

Filho de João Francisco Gomes e de Ana Maria Avelina Corrêa, nasceu em Benaulim, Goa, em 25 de abril de 1802. Recebeu a ordenação sacerdotal em 29 de setembro de 1829. Em 1832, partia como missionário para Malaca, tornando-se coadjutor do vigário padre Francisco Gomes. Em 29 de dezembro de 1858, foi nomeado governador episcopal de Malaca e ilhas de Solor e Timor, vindo a tomar posse em 1859. Mais tarde, era confirmado no mesmo posto por Provisão de 31 de janeiro de 1863. Faleceu em Malaca, aos dias 18 de outubro de 1868, sendo o último eclesiástico a usar o título de governador do bispado de Malaca e das ilhas de Solor e Timor. Não se sabe se foi alguma vez a Timor.

A partir de 1868, não houve mais nomeações para o cargo de governadores do bispado de Malaca. A antiga sede de Malaca foi unida ao vicariato de Sião (Siam), pela bula *Multa Praeclare* de 24 de agosto de 1838, do Papa Gregório XVI.

---

<sup>55</sup> Idem, p. 525.

<sup>56</sup> Idem, p. 525.

<sup>57</sup> Cfr. *Boletim Oficial do Estado da Índia*, n.º 34, p. 207.

<sup>58</sup> Idem.

### Padre Luís Xavier de Mesquita

O padre Luís Xavier de Mesquita foi o último Superior das Missões de Timor, quando aquelas pertenciam à Arquidiocese de Goa.

Com a morte do padre timorense Gregório Maria Barreto, em abril de 1867, ficara vago o lugar de superior da Missão de Timor. Para o substituir, o Arcebispo de Goa nomeou novo superior de Timor o padre goês Luís Xavier de Mesquita.

O padre Luís Xavier de Mesquita era natural de Pangim<sup>59</sup>. Foi ordenado presbítero no seminário de Rachol (Fig. 10) a 17 de julho de 1864. Por provisão de 12 de março de 1868, o Arcebispo de Goa nomeou-o superior das missões de Timor. Antes, porém, já tinha sido nomeado pela Coroa, pela portaria n.º 63, de 28 de fevereiro de 1868. O padre Luís partiu de Goa no dia 18 de abril de 1868 e chegou a Díli em agosto desse mesmo ano.



Fig. 10. Seminário de Rachol, Goa; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Semin%C3%A1rio\\_de\\_Rachol](https://pt.wikipedia.org/wiki/Semin%C3%A1rio_de_Rachol)

<sup>59</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 525.



**Fig. 11.** Igreja de Ocussi. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.



**Fig. 12.** D. António Joaquim Medeiros. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.

Em 1870, estava a paróquia em Díli. Como superior, realizou visitas aos reinos de Batugadé, Oe-Cusse, Ambeno e Noemuti. Em Oe-Cusse, batizou 188 pessoas (Fig. 11); em Ambeno, administrou 51 batismos; em Noimuti, 94 batismos; em Batugadé, 9 batismos. No relatório apresentado ao governo, afirmava que nesses reinos havia paz e sossego.

Em 1876, residia em Lacló; é o que podemos ler no relatório do padre António Joaquim de Medeiros (Fig. 12), quando fala da igreja de Lacló: “*É aqui nesta povoação de Lacló que tem residência o actual superior da Missão, contra todas conveniências do lugar que ocupa [...]*”

Quando, em 1874, as missões de Timor foram desligadas da diocese de Malaca e agregadas à diocese de Macau, o padre Luís Mesquita foi de novo reconduzido no lugar de superior das missões de Timor, com o título de vigário da vara, até 17 de agosto de 1876, em que findaram os oito anos de serviço marcados na respetiva lei. O padre Luís de Mesquita, além de ser missionário, era escritor. Em fins de janeiro de 1877, retirou-se para Goa; no ano de 1878, embarcou para Lisboa, onde viria a residir por alguns anos. Faleceu nesta cidade em 1896.

Antes da Restauração das Missões em 1875, os sacerdotes que exerciam o seu ministério em Timor recebiam um subsídio do governo. Segundo o decreto de 26 de novembro de 1860, “*o ministério eclesiástico é exercido por três padres, tendo de ordenado o superior da missão e o missionário da Europa 320\$000 réis, e o da Índia 220\$000 réis*”.

Tomamos a liberdade de inserir neste livro um estudo do Dr. Hugo C. Cardoso:

Os missionários goeses que foram autorizados a operar em Timor após este momento de ruptura eram pouco numerosos e suscitaram críticas por parte das autoridades administrativas. O governador Hugo de Lacerda, numa carta de 1877, descreve-os como “*três, devassos mandriões e ignorantes, padres de Goa*”. Estas palavras poderão parecer surpreendentes se considerarmos que neste grupo de missionários goeses se incluía o Padre Luís Xavier de Mesquita, que, como vimos, cedeu a Rafael das Dores os seus apontamentos sobre o tétum, e a quem este se refere elogiosamente nos seguintes termos: “[...] *sendo-me então graciosamente offerecidos bastantes apontamentos, pelo reverendo padre Mesquita, superior da missão catholica, índio muito intelligente e instruído, que posteriormente foi perseguido, para dar logar ao estabelecimento da missão dos europeus ordenados em Sernache de Bom Jardim, sem duvida mais instruídos que os missionários de Gôa.*”<sup>60</sup>

Curiosamente, há outras sugestões de que o Padre Mesquita tenha sido excecional entre os seus pares, louvor feito, inclusivamente, pelos que os vieram substituir. Na breve história das Missões de Timor que Abílio Fernandes publica em 1931, esta transição é descrita do seguinte modo:

Os arcebispos enviaram então alguns missionários indianos. Êstes, poucos e sem vigilância do seu prelado, num meio dissolvente e, para mais, isolados,

---

<sup>60</sup> DORES, Raphael, das, *Dicionário Teto-Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1907, p. 2.

sem meios espirituais, em breve esmoreceram, decaíram e, por consequência, a sua ação tornou-se não só nula, mas até prejudicial.

Pede, porém, a justiça que se faça excepção honrosa do Pe. Luís Xavier de Mesquita que muito se distinguiu como Superior da Missão, merecendo pelos seus serviços ser agraciado por Sua Majestade com o grau de Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa, “pelos louváveis serviços prestados à Igreja e ao Estado no exercício e prática de muitos actos próprios de um missionário,” conforme se lê no Diário do Governo de 8 de Junho de 1874.<sup>61</sup>

No terceiro quartel do século XIX, a população de Timor era de 300.000 habitantes e o número de missionários era reduzido. Os católicos eram apenas 6124. Com quase trezentos anos de cristianismo, o povo continuava agarrado aos usos e costumes gentílicos. O governador Afonso de Castro (1858-1863) chegou a fazer esta afirmação sobre o comportamento dos nativos de Timor em relação à religião católica:

O Christianismo fez notáveis progressos em Timor, mas não nos iludâmos, o timor convertido não aprecia os preceitos do evangelho; é baptizado, assiste às cerimónias religiosas: mas a luz não penetra as trevas d’aquelles espíritos embrutecidos, e a água baptismal não adoça a fereza dos costumes. O ser christão importa unicamente mudar de nome. Esta é a regra, e tudo o mais é excepção<sup>62</sup>.

E na sua obra *As Possessões Portuguezas na Oceânia*, afirma ainda: “*Mesmo os que receberam a água baptismal não conhecem os mais simples preceitos da nossa religião e não seguem nenhuma das práticas de culto*”.<sup>63</sup>

Em 1861, visitava Timor o naturalista inglês Alfred Russel Wallace, que deixou registada a sua impressão sobre os cristãos de Díli: “*À excepção de alguns mestiços na praça de Dilli, não há católicos na ilha de Timor. O povo conserva a sua independência em grande medida, e detesta os seus colonizadores, quer sejam holandeses quer sejam portugueses*”.<sup>64</sup>

O padre Abílio José Fernandes referindo-se ao trabalho missionário do Padre Luís Mesquita.

<sup>61</sup> FERNANDES, Abílio José, *Missões de Timor 1561-1931*, Macau, Typ. Mercantil, 1931, p. 36.

<sup>62</sup> CASTRO, Afonso, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, p. 316.

<sup>63</sup> Idem, p. 399.

<sup>64</sup> WALLACE, Alfred Russel, 1869, *The Malay Archipelago*, vol. I, p. 307.

Durante o governo do padre Luís de Mesquita, trabalhavam em Timor estes missionários naturais da Índia portuguesa.

### **Padre António da Costa**

Goês, natural de Mojardá, tinha sido ordenado sacerdote em 1864 e nomeado missionário de Timor por Provisão de 13 de março de 1868.

### **Padre Simeão Joaquim José Piedade Lobo**

Natural de Serulá (Goa), missionário em Timor por provisão de 21 de março de 1868, desembarcou em Díli a 5 de agosto de 1869 e foi vigário da igreja de Manatuto.

### **Padre João Camilo de Azevedo**

Natural da localidade dos Reis Magos, nomeado missionário em Timor em 1870, era pároco de Motael e em 1873 visitou pela primeira vez o reino de Aileu, onde batizou cento e cinquenta pessoas.

### **Padre Francisco Marcelino da Costa**

Natural de Colvá, Salcete, Goa, onde nasce a 20 de fevereiro de 1831, filho de António Francisco da Costa e Maria Josefa Piedade Dias e Costa. Foi ordenado sacerdote a 18 de novembro de 1866; exerceu a função de cura de Aldoná de 1868 a 1870. Nomeado missionário em Timor por provisão de 24 de Outubro de 1870<sup>65</sup>.

\* \*

Quanto à ação pastoral destes sacerdotes, o padre António Joaquim de Medeiros, nomeado visitador das missões de Timor, em dezembro de 1875, teceu severas críticas, acusando-os de estarem só a contribuir para que o cristianismo em Timor se convertesse em semipaganismo. E, na sua opinião, o maior culpado de todos era o superior (padre Luís Xavier de Mesquita):

Os padres que actualmente estão em Timor, além da sua vida escandalosa, transigem com os indígenas nos seus ritos pagãos, são intriguistas a toda a

---

<sup>65</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, p. 529.

prova: pelo que é impossível que continuem a estar em Timor; não só para evitar escândalos os mais públicos, mas para estabelecer a unidade do clero<sup>66</sup>.

Por sua vez, o governador António Joaquim Garcia (1869-1870) era de opinião que os padres deviam continuar em Timor, mas distribuindo-se por outras missões, fora de Díli, como por exemplo por Oe-Cusse e Viqueque. E a respeito do padre Luís Mesquita, dizia: “*Em Dilly hoje só se pode contar com o Superior da Missão, o Padre Luís Xavier de Mesquita, homem de bons costumes, e zeloso pelo serviço da igreja*”.

---

<sup>66</sup> MEDEIROS, Dom António Joaquim de, “Relatório de 10 de Junho de 1876”, in TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 191.

## CAPÍTULO IV

# Missionários da Índia Portuguesa no Período da Restauração das Missões de Timor (1875) até à Ereção da Diocese de Díli (1940)

Depois de as Missões Católicas da Colónia de Timor terem sido adstritas à Diocese de Macau, em 1875, os prelados desta diocese do Padroado Português do Oriente envidaram esforços junto das autoridades portuguesas no sentido de providenciar pessoal missionário para Timor. Foi nesta linha que o então Bispo de Macau, Dom António Joaquim de Medeiros nomeou para Timor o primeiro sacerdote natural do Estado da Índia, na pessoa do padre Zeferino Nazaré.

### **Padre Zeferino Caetano (dos Santos) Xavier Nazaré**

Era filho de João Manoel de Nazaré e de Ana Especiosa Carolina Godinho de Nazaré e nasceu a 6 de setembro de 1861, em Punola, Ucassim, Bardez, Goa<sup>67</sup>. Frequentou o Seminário de Rachol. Ali recebeu a Tonsura e o 1.º grau das Ordens Menores. Quando Dom António Joaquim de Medeiros, então bispo coadjutor de Goa, foi transferido para Macau levou em sua companhia o seminarista Zeferino. Naquele território, foram-lhe conferidas as restantes ordens e, a 8 de março de 1885, Dom António Joaquim ordenou-o presbítero. Por Portaria Régia de 21 de julho de 1887, o novel sacerdote foi nomeado missionário para a Colónia de Timor, partindo para lá em setembro de 1888.

---

<sup>67</sup> Bardez é um concelho do distrito de Goa Norte. Bardez, ou melhor Bara desh significa “doze terras”, em provável referência às aldeias de Aldona, Moira, Olaulim, Nachinola, Siolim, Anjuna, Candolim, Serula, Saligão, Sangolda, Assagão e Pomburp. (de Wikipedia).

Serviu as cristandades de Viqueque (1888-1901) e de Barique (1901-1906). Nesta última povoação, construiu uma bela igreja que deixou provida de alfaias litúrgicas e de objetos religiosos.

Durante aquele período, foi duas vezes gozar a licença graciosa em Goa. Infelizmente, no ano de 1906, o padre Zeferino Nazaré viria a falecer, sendo vítima de um ataque fulminante, quando ia iniciar a viagem de Barique para Soibada<sup>68</sup>. Era o fatídico dia 9 de maio de 1906.

Na década dos anos 90, do século XX, uns velhos de Natarbora contaram-me que, possivelmente, o padre Zacarias, que na altura residia em Fehuc Rin, teria sido envenenado às ordens do Liurai de Barique, o qual não gostava do missionário. Segundo contaram alguns anciãos de Barique/Natabora, o liurai mandou dar ao sacerdote, a carne de veado já condimentada com folhas de “ai moruk”, isto é, folhas de plantas venenosas.

Respigramos do *Boletim Eclesiástico* da Diocese de Macau:

Falleceu n'aquela districto o Revdo. Zeferino dos Santos Nazareth, missionário de Barique, que há mais de doze anos se achava no serviço d'esta diocese. Era natural da Índia portugueza, onde ainda tem mãe e irmãos a quem esta noticia vae lançar em profundo luto porque todos o estimavam muito. Tendo feito todos os estudos preparatórios e theologicos em Goa, acompanhou d'ali o Snr. Dom António Joaquim de Medeiros, quando de Bispo Coadjutor do Snr. Arcebispo Primaz foi promovido a Bispo de Macau, indo com elle à Europa e acompanhando-o depois a Macau.

Por suas excellentes qualidades foi sempre muito estimado pelo Snr. Bispo Medeiros, e não menos pelos seus sucessores. Sua Excia. O Snr. D. João tinha-o em grande apreço e por isso sentiu profundamente a notícia da sua morte. Nas missões de Timor prestou relevantes serviços, especialmente na de Barique em que por último missionou, edificando uma boa igreja que deixou muito bem provida de tudo o que era preciso para os actos do culto se celebrassem com decência e brilho. Os povos do Sul estimavam-no muito e a elle recorriam com facilidade porque era em extremo valedor; sem usurpar attribuições a todos procurava ser útil e bom aconselhando-os, dirigindo-os e valendo-lhes como podia.

Parecia ter uma constituição robustíssima, mas a saúde achava-se fortemente abalada. Ainda que por ocasião da visita pastoral do anno pretérito mostrou-se sempre solícito e muito trabalhou para que tudo o que d'elle dependia corresse bem.

<sup>68</sup> Cfr. TEIXEIRA, *Macau e a sua Diocese*, vol. X., Missões de Timor, Macau, 1974, pp. 280-282.

Os Revdos Padres de Soibada tinham n'elle um prestimoso auxiliar, especialmente por ocasião das suas festas, por isso em todas as photographias que o amator photographo Sebastião d'elas tirava, lá estava elle sempre com o seu sorriso que traduzia um coração bondoso.

No dia 8 de maio tendo-se ido despedir do comandante para no dia seguinte partir para a Soibada aonde o chamara o Revdo Pe. Superior da Missão, de caminho para casa cahiu com um ataque violento a que succumbiu poucos instantes depois, entre os braços dalguns dos seus discípulos que lhe acudiram.<sup>69</sup>

O saudoso padre Zeferino Nazaré serviu as Missões de Timor durante dezoito anos. Treze anos em Viqueque e cinco em Barique. O missionário goês tinha 45 anos de idade.

### **Padre Manuel Xavier Álvares**

Nasceu no dia 13 de outubro de 1859 em Aldoná. Esta era uma vila no concelho de Bardez, no distrito de Goa Norte, então Estado da Índia, e hoje, pertencente ao estado indiano de Goa. Foram seus pais Cosme Damião Álvares e Santana Pascoela de Noronha. Realizou os estudos no Seminário de Rachol. Porém, no ano de 1886, partiria para Portugal, onde veio a ser ordenado sacerdote na Arquidiocese de Évora no dia 26 de junho de 1887. Por Portaria régia de 17 abril de 1888, foi nomeado missionário para o Padroado Português do Oriente, chegando a Macau no dia 1 de setembro do mesmo ano. No dia 15 desse mês, partia para a Colónia de Timor, desembarcando em Díli no dia 7 de outubro de 1888. Em 1900, era professor na escola de Fatumaci ou Fatumassi (Bazartete). Depois de ter servido aquelas missões durante dez anos, viajou para Goa a fim de gozar a licença graciosa. No ano de 1899 estava de regresso ao então designado Distrito Autónomo de Timor. Regressou à sua antiga Missão onde vai permanecer até 1916. Construiu em Fatumaci (Bazartete) uma capela dedicada a São Francisco Xavier.

Além do trabalho missionário que consistia no ensino da doutrina cristã, na pregação, na administração dos sacramentos e nas visitas às cristandades da zona, o Padre Manuel Álvares era também professor da Escola do sexo masculino. E regia essa escola desde 1900. Uma regência que se prolongou até ao ano de 1916. A frequência média de alunos rondava entre 20 e 29 alunos<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> BEDM, junho de 1906, pp. 309-310; cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, pp. 281-282.

<sup>70</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 282.

Em 1915, o Padre Manuel Xavier Álvares deixava Timor, e partia definitivamente para Goa, onde veio a falecer em Aldoná no dia 4 de setembro de 1921. Tinha 62 anos de idade.

### **Padre Adolfinho Sofrónio Pereira**

Nasceu em Chinchinim, Goa, a 12 de outubro de 1872, sendo filho de João Francisco Pereira e de Maria Madalena Especiosa Afonso. Estudou no Seminário de Rachol, onde terminou com sucesso os estudos de Filosofia e de Teologia. Recebeu a ordenação sacerdotal a 24 de setembro de 1898. Nomeado confessor pela provisão de 24 de julho de 1900, pregador pela provisão de 10 de fevereiro de 1899. Foi nomeado missionário de Macau pela provisão de 20 de janeiro de 1901. A primeira missão foi em Singapura, para onde partiu a 6 de abril de 1901. Tomando posse da missão a 12 de abril do mesmo ano.

No ano de 1903, foi nomeado missionário de Timor, partindo para aquela Colónia no vapor *Eastern*. Transferido para a Missão de Timor por Portaria Régia de 23 de fevereiro de 1904 onde seria colocado na Missão de Baucau; permaneceu aí durante seis anos. No ano de 1905, o padre teve a dita de receber a visita pastoral do senhor Dom João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau. O Prelado que visitava primeira vez a vila de Baucau, foi recebido à entrada, pela Companhia de Leais Moradores de Baucau, constituída por 1000 homens. Nessa altura, o senhor Dom João Paulino administrou o sacramento do crisma a 522 pessoas, batizou 86 crianças, 177 adultos e benzeu 44 pares de casais que celebravam o matrimónio.

Além de tomar conta das cristandades, o padre Adolfinho Pereira dirigia a escola do sexo masculino, dando também aulas. No ano de 1906, a escola era frequentada por 65 alunos. O missionário saiu de Timor em 11 de fevereiro de 1910, viajando para Goa onde iria gozar um merecido período de férias ou, como se chamava na altura, a licença graciosa de um ano. Infelizmente foi acometido de doença e veio a falecer em Colvale no dia 20 de maio de 1910<sup>71</sup>. Tinha 38 anos de idade.

---

<sup>71</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, pp. 349-350.

### Monsenhor Diogo Caetano José Avé-Maria de Almeida

Monsenhor Diogo Caetano José de Avé-Maria de Almeida era filho de Eduardo Xavier de Sant'Ana Almeida e da senhora Expectação de Santa Maria Cândida de Sousa e Almeida, e nasceu no lugar de Zaino, Velim, Província de Salsete, no dia 4 de outubro de 1887; no dia 11 o mesmo mês seria batizado na igreja de Velim. O Monsenhor Diogo de Almeida teve um irmão sacerdote, Padre Francisco Xavier Caetano de Santa Maria Babacier d' Almeida e que nasceu no dia 24 de agosto de 1874. Além desse irmão padre, teve outros irmãos: Luiza de Almeida; Sebastião José de Almeida; Fulgêncio Simplício de Almeida; Manoel Augustinho de Almeida e 6 outros.

O adolescente foi admitido no Seminário de Rachol. Aí fez os estudos preparatórios, e os cursos de Filosofia e de Teologia. Foi ordenado presbítero aos 28 de setembro de 1918, sendo nomeado missionário de Timor por Provisão de 27 de fevereiro de 1924. Desembarcou em Díli a 12 de maio de 1924; pouco tempo depois, foi colocado na missão de Manatuto, onde permanece até 1942.

Durante a sua permanência em Manatuto, restaurou e embelezou a igreja daquela vila (Fig. 13); transformou e embelezou a capela do Colégio de Santa



Fig. 13. Igreja de Manatuto. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.



Fig. 14. Igreja de Laleia; [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Laleia\\_church\\_2015.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Laleia_church_2015.jpg)



Fig. 15. Igreja de Vemasse;  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja\\_de\\_Vemasse\\_2016-05-04.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_de_Vemasse_2016-05-04.jpg)

Isabel, a cargo das irmãs Canossianas. Aquele zeloso missionário concluiu as igrejas de Laleia (inaugurada em 1933) (Fig. 14) e de Vemasse (inaugurada em 1936; Fig. 15). Para essas igrejas, o padre Almeida gastou mais de 4.700 patacas, provenientes das suas economias.

Diz um seu admirador: “A Igreja de Manatuto, de velha e deselegante que estava, o Sr. Pe. Ave-Maria de Almeida transformou-a completamente, construindo o altar-mor e os altares laterais, inteiramente novos e os dois nichos mandados vir de Paris à sua custa”.

O seu empenho missionário em Manatuto foi considerável. Num relatório referente ao ano de 1925, o Padre Manuel Patrício Mendes, Vigário Geral e Superior das Missões de Timor, escrevia:

Com estes elementos a Missão de Manatuto dirigida pelo Revdo. P. Diogo J. C. Avè-Maria de Almeida, vai progredindo. As festividades e de— demais actos de culto revestem ali um brilho difícil de ser igualado, a não ser em Díli ou Soibada. Faz ali serviço desde maio o Revdo. José Xavier Miranda que de tal modo se lançou à aprendizagem do dialecto daquela região o Galóli - que em menos de seis meses se apresentou em público fazendo práticas e explicando a doutrina e fazendo-se compreender com muita correção e clareza como me testemunham as várias pessoas naturais de Manatuto que o ouviam. O movimento religioso é muito importante como se pode ver-se no mapa e, trabalhar-se como se está trabalhando, tudo faz pensar que nos anos seguintes será ainda muito maior. Sob a direcção de Manatuto há ainda as seguintes escolas de Catequese e Primeiras Letras de Laleia.<sup>72</sup>

Movimento religioso verificado na Missão no ano de 1927:

- 1) Manatuto (sede): Cristãos: 1.097; catecúmenos: 5; batismos de crianças: 70; batismos de adultos: 0. Confissões por desobriga: 507; confissões por devoção: 4.559; confissões de enfermos: 22. Comunhões por desobriga: 482; comunhões por devoção: 7.542; de enfermos: 7. Matrimónios: 4; Visitas a enfermos: 15; Extrema-unção: 3; Óbitos de crianças: 14; óbitos de adultos: 36. Catequeses: 901.
- 2) Estações missionárias: Laleia (com 934 cristãos e 4 catecúmenos). Lacló (com 693 cristãos). Vemasse-Baucau (com 535 cristãos e 65 catecúmenos).

<sup>72</sup> O MISSIONÁRIO CATÓLICO.

O missionário de Manatuto tinha à sua responsabilidade as cristandades de Manatuto, Lacló, Laleia, Vemasse e Baucau. Algumas vezes, o missionário deslocava-se até Lautém.

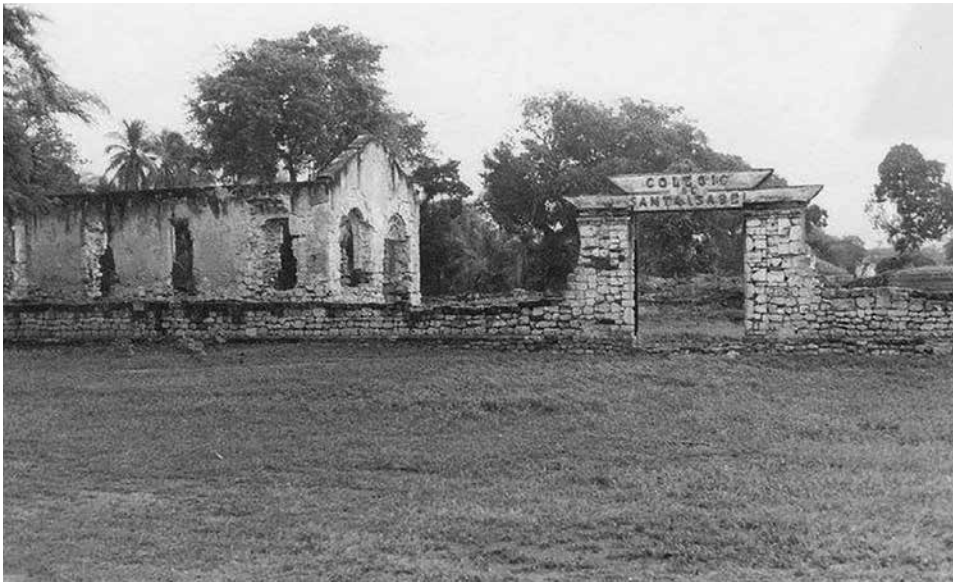
Movimento religioso em 1928:

- 1) Manatuto (sede): Cristãos: 1.895; catecúmenos: 528. Batismos de crianças: 70; de adultos: 7. Confissões por desobriga: 532; por devoção: 7.962; de enfermos: 23. Comunhões por desobriga: 525; por devoção: 17.534. de enfermos: 14. Matrimónios: 10. Visitas a enfermos: 32. Extrema-unção: 26. Óbitos de crianças: 18; de adultos: 28. Catequeses: 948.

Escolas para sexo feminino: Colégio de Santa Isabel em Manatuto (Fig. 16) (internas e externas): 118 alunas. Alunas aprovadas: 1.º grau — 3; 2.º grau — 1.

2) Estações Missionárias:

- Lacló : 693 cristãos e 41 catecúmenos.
- Laleia: 934 cristãos e 58 catecúmenos.
- Vemasse e Baucau: 922 cristãos e 133 catecúmenos.



**Fig. 16.** Colégio de Santa Isabel, Manatuto (1970);  
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manatuto.jpg>

Escolas do sexo masculino: Escola missionária de Laleia (externos): 27 alunas; Escola missionária de Baucau (externos): 59 alunos.

Num relatório apresentado ao senhor Bispo de Macau, o então Superior das Missões de Timor, o padre Abílio José Fernandes, ao referir-se à Missão de Manatuto, escrevia:

O Reverendo Pe. Almeida concluiu as obras da Igreja de Manatuto, elevando as torres, forrando todo o interior, pintando tudo a óleo, construindo novos altares, pavimentando-as com cimento, dotando-as com estátuas novas, numa palavra, deixando-a a primeira igreja de Timor, pela beleza e asseio.



Fig. 17. Igreja de Laleia. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.

Este mesmo missionário tem quasi prontas as paredes da igreja de Laleia (Fig. 17), muito parecida com a de Baucau, sem que a Missão gastasse em todas estas obras mais de \$3000, o que representa um grande elogio para este activo sacerdote. Em Vemassee começaram as obras da capela daquela cristandade custeadas com um fundo, fruto duma subscrição, já muito antiga, dos cristãos de Vemassee. Actualmete as obras estão paradas por causa dumas fendas que apareceram em todos os ângulos produzidos pela inconsistência do terreno, o que obrigará a abandonar o que está feito e procurar outro local. Tais percalços são frequentes em Timor.<sup>73</sup>

Num outro relatório, de 1937, enviado ao Prelado de Macau, e falando da Missão de Baucau (Fig. 18), assim escrevia o Padre Diogo de Almeida<sup>74</sup>:

Ia a Baucau antes de haver lá missionários, porque os Superiores queriam que fosse, mas pouco podia fazer, em primeiro lugar porque não havia lá catequistas e em segundo lugar porque não falava Tetun nem Macassae, limitando-me

<sup>73</sup> BEDM, XXIX, N.º. 336, 1932, p. 544.

<sup>74</sup> BEDM, junho de 1937, N.º 399, pp. 894-895.



**Fig. 18.** Baucau Colégio da Missão Católica [exterior] 1973;  
<https://actd.iict.pt/view/actd:AHUD18473>

no meu ministério a ouvir confissões e a pregar em galóli por haver lá povoações que sabem este dialecto. Houve uma catequista em Baucau, mas como era ao mesmo tempo professora, pouco ou nenhum tempo lhe restava para ensinar catecismo aos adultos e ir visitar as povoações, além de que, as circunstâncias eram então outras. Ao visitar as povoações verificava que a gente não era má. Na própria sede havia dias em que a Igreja se enchia por completo, sobretudo nos Domingos, havendo na assistência grande número de homens. Hoje as circunstancias mudaram e Baucau virá a ser uma grande cristandade.

Quando tomei posse desta Missão, a Igreja tinha apenas as paredes levantadas, havia seis anos, e a obra parada por falta de madeira. Em 1926, na ocasião de visita pastoral de V. Excia Revma, às Missões de Timor, fui incumbido por V. Excia Revma ou antes ofereci-me, para ir concluir a Igreja. Em menos de dois meses foi colocado o tecto, rebocou-se por dentro e fez-se ainda o altar para V. Excia Revma. poder inaugura-la e celebrar a missa no dia 12 de Dezembro desse ano.

A glória não me pertence, mas sim ao Sr. Tenente Eurico Lemos que era então Administrador desta circunscrição, que esteve ao lado do missionário com um nobre desinteresse, pondo dedicadamente à disposição do missionário, o material preciso e pessoal indispensável para concluir a obra. Sem isso, seria

impossível concluir a Igreja, dentro deste curto espaço de tempo. Comecei no dia 3 de novembro e no dia 2 de dezembro já estava pronta para a ser inaugurada. Só faltava ser rebocada por fora e cimentado o pavimento. O plano desta Igreja foi feito pelo Sr. Pe. Octávio e executado sob a direção do Tenente Lemos. As contas da receita e despesa desta Igreja foram entregues à missão Central pelo mesmo Sr. Administrador.

Eis em resumidas palavras o relato dos meus doze anos de serviço missionário em Timor. Fi-lo em estilo chão e correntio, não só porque não pertencço ao grupo dos cultores das formas literárias, mas ainda porque a sinceridade da alma que só gosta de trabalhar, em proveito da nossa Santa Religião. Se mais não fiz, é porque mais não pude.

Pedindo o abençoe, beija o seu sagrado anel de V. Excia Revma

O seu humilde servo

Pe. AVE MARIA ALMEIDA

Vejamos outra missiva ao Senhor Bispo de Macau, Dom José da Costa Nunes, em que o então superior e vigário geral interino narra a odisseia da viagem a Same e Ainaro:

Lahane, 22-5-1939

Exmo Senhor Bispo

Na manhã do 28 de Abril, parti para Ainaro, na Camioneta da Missão, levando algum cimento para a escadaria da Igreja de Ainaro, tanto mais que tinha sido chamado pelo missionário dessa localidade para tratar de certos assuntos relativos à Igreja e à escada.

Era minha intenção, ir, também, a Manufae, onde me devia encontrar com o sr. Administrador, a fim de escolher um sítio para a nova Igreja e tratar de assuntos relativos à construção. Devia partir no dia 29, mas não pude partir, visto estar a chover muito. Adiei a partida para o dia seguinte. A chuva não parou, mas como estava combinado encontrar-me nesse dia com o sr. Administrador em Manufae, tive de seguir mesmo debaixo da chuva. Depois de combinarmos tudo o que dizia respeito à Igreja, pensávamos voltar, logo no dia seguinte. Continuou, porém, a chover com tal intensidade e a fazer tanto vento, que não pudemos partir nessa manhã. O vento levou pelos ares o tecto da varanda do palácio. O Administrador apesar de tudo, quis seguir por estar preocupado por causa da família que se encontrava em Ainaro. Eu procurei dissuadi-lo, mas ele persistiu em seguir. Só chegou a Ainaro passados 3 dias, quando esta viagem, em tempo normal, se faz em 5 horas. Eu fiz bem em não ir. As chuvas, longe de diminuírem, foram aumentando cada vez mais

acompanhadas de vento. Um ribeiro, que corria do posto, transformou-se numa ribeira de mais de 100 metros de largura. Querendo voltar para Ainaro, havia dois caminhos, mas qualquer deles intransitável, visto serem atravessadas por ribeiras enormes muito aumentadas com tão grandes chuvas.

Assim tive de ficar uns 19 dias em Manufae sem poder sair e sem poder receber notícias de outras partes por as comunicações estarem todas interrompidas. Depois de 10 dias, resolvi partir, apesar de os ribeiros levarem ainda muita água. Logo a sair do posto tive de estar mais de uma hora e meia ao pé do antigo ribeiro hoje transformado em grande ribeira, tentando passá-la. Na primeira tentativa, a força da água ia arrastando o cavalo. Voltei atrás e procurei passar ajudado por homens. A água arrastou logo 4, uns três metros, mas conseguiram lançar-lhes a mão. A fim de evitar que morressem vítimas, resolvi procurar outro sítio. Aproveitando uma enorme árvore caída, pude atravessar a ribeira, passando sobre ela ajudado pelos homens. Já o chefe do posto me tinha dito que os caminhos estavam inteiramente destruídos. Dizia-se que tinha morrido muita gente e animais. Eu fiz certo desconto a todas estas notícias e segui. Fiquei, porém, certo de que não havia exagero. Os caminhos tinham desaparecido por completo. Houve grandíssimo desmoronamentos de montanhas. Num sitio desabou uma encosta tão grande que indo cair numa ribeira se transformou num montículo de mais de 200 metros de extensão. Uma outra encosta desabou e levou consigo duas casas e seus 10 habitantes, tanto que ficaram soterrados e sem vida. Uns quatro ou cinco destes desgraçados ficaram com a cabeça de fora de entulho e um deles ficou com a cabeça decepada. Como estavam morto, o chefe do posto mandou-os cobrir com uma grande camada de terra. Nesta mesma encosta andavam a pastar uns 25 cavalos e igual número mais ou menos de cabritos que morreram todos. Caíram muitas outras encostas, deixando, inteiramente, inutilizadas grandes plantações de café. O chefe do posto teve a amabilidade de mandar 20 homens em minha companhia para irem abrindo caminho. Em certos lugares, só podia passar agarrado a árvores e às raízes. Saí às 8 horas de manhã e só cheguei às 5 horas da noite em Maubisse. Não cheguei a aproveitar o cavalo e os auxiliares mais de 3 horas. O resto de caminho tive de o fazer a pé. Fiquei em Aileu uns dias em casa do secretário que teve a gentileza de mandar homens a ver se os caminhos davam passagem. De Aileu a Díli, ainda que os caminhos não estavam tão maus, também tive de andar bastante a pé. Saí de Aileu às 7 horas e cheguei às 4 horas a Lahane, que encontrei muito diferente do que era. O leito da ribeira alargou muitíssimo, deitou abaixo parte da ribanceira junto à casa do plano superior, levou a garagem toda e parte do edifício do antigo colégio de artes e ofícios, extendendo-se pela estrada e pelo lado da estrada e inutilizou muitos crótonos. Em toda a cidade Díli, sobretudo

nas partes baixas e na avenida marginal, foram grandes os estragos causados pelo temporal. A ribeira de Comoro cresceu muitíssimo e destruiu parte do que restava da ponte de cimento e parte da nova ponte de madeira. Em toda a ilha, houve grandes estragos, morreram muitas pessoas e milhares de cabeças de gado ficaram inteiramente inutilizadas bem como muitas várzeas e hortas, muitas casas e algumas povoações indígenas. No próximo ano, é natural que se faça sentir o flagelo de fome. Mesmo este ano, já não se podem lavar um grande numero de várzeas, umas por estarem inutilizadas pelas ribeiras, outras por terem ficado estragadas as valas de irrigação e também por haver poucos búfalos.

Em resumo são estas as conseqüências da grande calamidade que assolou Timor. Os próprios velhos não se lembram de ter visto outro igual.

Renovando os meus protestos de muita consideração, beijo-lhe, respeitosa-mente, o anel. (Fig. 19)

Servo humilde

Pe. Ave Maria de Almeida<sup>75</sup>

Monsenhor Diogo de Almeida trabalhou em Timor desde 1924 até à invasão de Timor pelos japoneses. Depois da Segunda Grande Guerra, voltou a assumir o cargo de Superior da Missão de Manatuto.

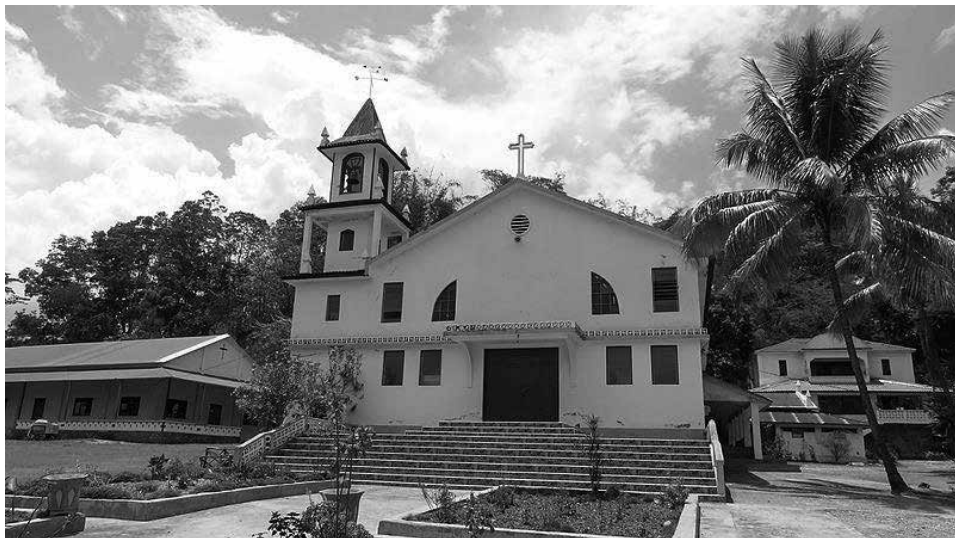


Fig. 19. Igreja Aileu (2016); <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AileuIgreja.jpg>

<sup>75</sup> BEDM, set.-out. de 1939, N.º 426 e 427, pp. 133-135.



Fig. 20. Jaime Garcia Goulart, Bispo de Díli; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime\\_Garcia\\_Goulart](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Garcia_Goulart)

Em 1949, Sua Reverência foi nomeado membro do Conselho de Consultores da Diocese de Díli. Veja-se a Provisão assinada pelo sr. Bispo Dom Jaime Garcia Goulart (Fig. 20):

#### PROVISÃO

D. Jaime Garcia Goulart, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Díli.

Fazemos saber que, tendo em consideração as boas qualidades, merecimentos e mais requisitos que concorrem na pessoa do Reverendo Presbítero Diogo José Caetano Avé-Maria de Almeida,

Havemos por bem nomeá-lo membro do Conselho de Consultores Diocesanos, cargo que servirá durante três anos, gozando todos os direitos e cumprir fielmente todas as obrigações, que estabelecem as Leus Canónicas.

Registe-se na Câmara Eclesiástica e comunique-se ao interessado.

Dada em Díli, sob o Nosso sinal e selo das Nossas Armas, aos vinte e dois dias do mês de março de 1949.

(ass.) + Jaime Garcia Goulart, Bispo de Dili<sup>76</sup>

<sup>76</sup> SEARA, junho de 1949, Ano I, N.º 6, p. 130.

Por Despacho de 10 de setembro de 1949, o padre Diogo José Caetano de Avé-Maria de Almeida<sup>77</sup> foi confirmado no cargo de Superior da Missão de Manatuto.

Um relato sobre as Festas da Páscoa de 1949 conta que o Padre Diogo Avé-Maria de Almeida, superior da Missão de Manatuto ficou inteiramente satisfeito com o modo como os cristãos de Manatuto e de Lacló participavam nas celebrações. Graças ao zelo daquele missionário o nível de fervor foi aumentando, traduzindo em número de conversões e na recepção dos sacramentos. Na Cristandade de Lacló, no Domingo da Paixão, após a bênção dos ramos, foram batizados quarenta adultos, e trinta crianças fizeram a sua primeira comunhão. Depois da Segunda Guerra Mundial, foi a primeira vez que se realizou a tradicional procissão do Senhor Morto<sup>78</sup>.

No ano de 1949, Sua Reverência escreveu para revista *Seara* (Fig. 21), este pequeno relato sobre a festa de Santo António de Pádua:

“Para que a festa de Santo António pudesse (sic) ser celebrada com a maior solenidade possível, conforme os desejos da gente de Manatuto que lhe tem uma grande e tradicional devoção, transferi-a para o dia 19 de Junho, por ser domingo. O Mestre Egídio ensaiou, cuidadosamente, um grupo coral de pequenos e meninas, empenhado, também ele, em que a festa se revestisse de maior brilho. Mal amanheceu, podiam ver-se pelo adro, algumas dezenas de crianças, de ambos os sexos, todas vestidas de branco e que pareciam estar desejosas de que os sinos dessem, o mais cedo possível, sinal de que ia começar a solene missa cantada. É que iam fazer, nesse dia, a sua primeira



Fig. 21. *Seara*: boletim eclesiástico da Diocese de Díli, Ano I, N.º 1, Janeiro de 1949; [http://hemerotecadigital.cm.lisboa.pt/Periodicos/Seara/N01/Seara\\_item1/P1.html](http://hemerotecadigital.cm.lisboa.pt/Periodicos/Seara/N01/Seara_item1/P1.html)

<sup>77</sup> Idem, agosto de 1949, Ano I, N.8, p. 173.

<sup>78</sup> Idem, abril de 1949, Ano I, N.º 4, p. 96.

comunhão. Algumas delas nunca tinham vestido tão bem na sua vida. Não eram só crianças de Manatuto. Havia, também, bastantes de Lacló.

A hora tão desejada chegou. Repicaram os sinos. A igreja foi muito pequena para o grande número de fiéis que a ela correram. Era a festa do Amo-Deus Coronel Santo António! Chegou uma formação de moradores rufando tambores, Subi ao altar onde ainda há vestígios do vandalismo de que foi vítima durante a ocupação. Parece-me que nunca ouvi o grupo coral cantar tão bem como nesse dia. O entusiasmo é comunicativo como a alegria. Não admira que o entusiasmo das crianças vestidas de branco se comunicasse a toda a gente, incluindo os cantores e cantoras.

Ao evangelho o Pe. Ezequiel fez uma vibrante exortação, em galóli, tomando, como tema, a devoção que o povo tem a Santo António. Como sei que gosta de Manatuto, onde foi meu companheiro seis anos, convidei-o para me vir ajudar porque sabia que que haveria muito que fazer. Depois da missa, mandei servir café, pão, doces e fruta às setenta e tal crianças neo-comungantes. Confesso que a minha satisfação era maior do que a delas, precisamente por vê-las tão satisfeitas.

Ainda bem que vida missionária, há lado dos espinhos há dias, como esse, em que colhemos rosas!

Os alunos executaram vários números de ginástica. Um deles é muito interessante por ser cantado. Os moradores, antes de se retirarem, quiseram cumprimentar, formados, com aprumo marcial, o seu antigo missionário que fora associar-se às festas do “Amo-Deus Coronel Santo António”.

Como era domingo, o Pe. Brito celebrou missa em Laleia mas veio, a seguir, para Manatuto.

À tarde levou-me no “Jeep” para Vemasse onde fui fazer a visita missionária”.

Pe. Avè Maria Almeida.

Por Provisão Eclesiástica de 8 de setembro de 1950, a seu pedido e para efeitos de aposentação do serviço, o padre Diogo José Caetano de Almeida ficou desligado da Diocese de Díli<sup>79</sup>.

Regressou a Goa nesse ano. (Fig. 22) Em 1952, o Padre Diogo d’Almeida foi nomeado Prelado Doméstico de Sua Santidade, sendo-lhe conferido o título de Monsenhor. Porém, Monsenhor Almeida ficou sempre ligado às Missões

---

<sup>79</sup> SEARA, novembro e dezembro de 1950, Ano II, N.º XI e XII, p. 187.



Fig. 22. Procuradoria das missões; Alunos e mestres, missão de Goa. [ca 1945) Postal; <http://purl.pt/31489>

de Timor. Por isso, no início do ano de 1954, regressava ele a Díli, para exercer o cargo de secretário do senhor Bispo, Dom Jaime Garcia Goulart.

Em finais de outubro de 1958, a bordo do paquete “Índia”, Monsenhor Diogo Almeida, já reformado havia anos, regressaria a Goa onde iria fixar a residência.

Monsenhor Diogo de Almeida faleceu em Goa no dia 13 de setembro de 1989.

Artigo do Padre Ezequiel Enes Pascoal<sup>80</sup>

#### MONSENHOR DIOGO JOSÉ CAETANO AVÉ MARIA DE ALMEIDA

“O Sr. Pe. Almeida acaba de ser nomeado Prelado Doméstico de Sua santidade. Esta notícia foi recebida na Província com muita satisfação, não só pelos missionários, em cada um dos quais o ilustre veterano tem um amigo, mas também pela vasta roda dos seus admiradores e por todos os cristãos de Manatuto e das cristandades dependentes dessa missão onde exerceu sempre a sua actividade, excepto três intervalos - no ano em que foi à Índia, terra da sua naturalidade, em gozo de licença graciosa; quando desempenhou por

<sup>80</sup> SEARA, setembro-outubro. 1952, Ano IV, N.º V, pp. 139-140.

uns meses, as funções de Vigário Geral e Superior das Missões de Timor e enquanto durou a guerra.

Depois de mais de trinta anos de actividade missionária, o Snr. Pe. Almeida teve de reformar-se, porque a sua precária saúde não lhe permitia continuar, por mais tempo, ao serviço desta Diocese. Em Meados de Agosto, partiu a bordo do “Timor”, para Goa, onde vai repousar das suas canseiras apostólicas durante os anos que ainda lhe restarem da vida.

A honrosa distinção de que foi alvo logo a seguir à sua reforma, reveste-se do carácter de homenagem aos seus reconhecidos méritos e de testemunho público de apreço à obra que realizou, homenagem e apreço da Santa Sé que, inteirada da acção desenvolvida pelo Snr. Pe. Almeida, sancionou a proposta do seu nome para essa dignidade.

Na sua longa folha de serviços, figuram a remodelação completa de duas Igrejas - a de Manatuto e a de Baucau - antes da guerra, e a de Manatuto, novamente, depois da guerra, e a construção de três ótimas igrejas - a da Laleia, a de Vemasse e a de Same. Esta última, em linhas inteiramente modernas, não chegou a ser concluída. Só lhe faltam o reboco e o madeiramento.

A de Vemasse foi, infelizmente, danificada por um terramoto, ainda antes da guerra. Mas tanto ela como as outras, excepto a de Baucau, que foi arrasada, atravessaram o período da guerra sem danos de maior. A de Manatuto foi a única a que os japoneses arrancaram todo o zinco da cobertura, bem como o forro, as portas e as janelas.

O povo de Laleia e o de Vemasse tem em grande estima a sua igreja. Isso o levou a pedir aos japoneses que a respeitassem, no que foram atendidos.

Fui coadjutor de Mons. Almeida durante os primeiros seis anos da minha vida missionária. Foi esse precisamente o período em que exerceu uma actividade mais intensa na construção de igrejas. Ergueu, então, a de Laleia, a melhor de todas, e a de Vemasse.

Acompanhei de perto essa actividade e, por isso, a conheço como poucos e sei apreciá-la melhor do que ninguém.

Não lhe faltaram alguns dissabores na realização da sua obra e teve de tropeçar num ou noutro entrave. Mas como é um autêntico gentleman, por natureza e educação, Mons. Almeida sabia contemporizar e a fidalguia das suas maneiras e a sua perseverança acabavam sempre por vencer os obstáculos que lhe surgiam pela frente.

Tudo o que fez foi à custa de muito trabalho, dispêndio de dinheiro seu e bastantes sacrifícios.

Se contasse só com as verbas postas à sua disposição nos orçamentos da Diocese pouco mais teria construído do que interessantes capelas. Mas Mons. Almeida sabia ter sempre a seu favor as autoridades locais que não lhe regateavam toda a espécie de auxílios em homens, transportes e materiais. O grande e justo prestígio de que gozava junto de todos os cristãos traduzia-se no concurso dos mesmos, concurso dado de bom grado que lhe levava dinheiro em moeda e em produtos agrícolas vendidos em favor das obras em curso, e ainda noutras facilidades. Em Laleia, por exemplo, até os liurais quiseram contribuir para a construção da sua igreja, indo buscar areia, à cabeça, no meio das filas dos que a transportavam de razoáveis distâncias.

Mons. Almeida organizava, de vez em quando, quermesses que muito rendiam para as suas obras e para as quais nunca faltou cooperação do comércio local e do de Díli, da população, bem como das religiosas Canossianas e respectivos colégios que contribuía com trabalhos de costura.

Deste modo Mons. Almeida mostrou ser pessoa de grande iniciativa e possuir todos aqueles requisitos que empreendimentos desta natureza exigem. Nisto reside o seu maior elogio.

Depois da guerra, ao mesmo tempo que remodelava, uma vez mais, a igreja de Manatuto, concluía a residência local que fora iniciada antes da guerra. Deu tanto a uma como à outra características de bom gosto e beleza

E note-se que Mons. Almeida, apesar de absorvido em obras de construção, nunca descuroou a parte propriamente missionaria do seu múnus.

Manatuto, como missão, é terreno sáfaro. Foi das primeiras regiões da ilha a serem evangelizadas. Os seus habitantes, apesar de serem quase todos cristãos, e dos mais civilizados da Província, em se tratando de religião, são extremamente apáticos, arredios e fanaticamente agarrados às suas superstições.

Num meio tão ingrato como este, Mons. Almeida muito conseguiu, graças a um aturado trabalho de catequização aliado ao vasto conhecimento que tem de galóli, a língua local, e ao seu grande ascendente sobre o povo.

Mons. Almeida transformou Laleia numa cristandade fervorosa, sem despende mais esforço do que em Manatuto, mas simplesmente porque as características da gente de Laleia, na maioria cristã, são diferentes.

“SEARA” congratula-se com Mons. Almeida pela prova de alta consideração com que acaba de ser agraciado e, embora sem a incumbência de ninguém, transmite-lhe as felicitações de todos os cristãos e habitantes de Manatuto, na certeza de que interpreta o desejo e o sentir de todos eles”

PARABÉNS!

(Ass) E.P.

Pelo seu valor histórico, reproduzimos um texto do J. Benedito Gomes, escrito em 1937, e publicado em *O Mundo Português*, n.º 53, maio de 1937 e no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano XXXVI, n.º 617, pp. 377-383.

#### Uma Obra Missionária dum Filho da Índia em Timor

Quando li no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, reproduzido pelo jornal *A Voz de S. Francisco*, órgão da Arquidiocese de Goa, uma referência a uma obra missionária de um missionário filho da Índia, o Sr. Pe. Diogo José Ave-Maria de Almeida, e depois no *Heraldo*, conceituado diário de Nova-Goa, a um discurso feito pelo mesmo missionário, por ocasião da inauguração da última Igreja construída, devido aos seus esforços, encheu-se-me a alma de prazer, por essas terras ainda afastadas pela navegação e desmembradas pela administração.

Era uma reprodução apostólica dos filhos da Índia, em peregrinação pela África, Macau e Timor, terras abrangidas pela Arquidiocese de Goa e que deixavam vestígios perduráveis da sua missão humanitária, civilizadora e cristã, a que em parte já me referi nos artigos anteriores.

E como monumento mais recente e concreto dessa acção missionária, pareceu-me conveniente acentuar bem esse esforço indo-português na longínqua e “desventurada Timor”, como ainda a conhecem, e na “antecâmara do inferno” como a conheceram, antes do Governo de Celestino da Silva.

Conheci Timor, através das belas canções que o estro poético e a inspiração estética do meu antigo e respeitável professor e amigo Dr. Alberto Osório de Castro deixou estilizados em versos prenhes de beleza e de amor à terra por onde passou, como os tem desta Índia que ele lembra com saudade, e eu vi ainda adorar e cheirar nos canteiros do seu jardim da Rua do Infante Dom Henrique, aromáticas plantas da Índia aclimatadas. Belas, sugestivas e vividas evocações de um espírito que o lado da justiça que exerceu, se impregnou das belezas orientais!

Timor é bem uma província que o filho da Índia penetrou e civilizou, pois já citei na referida série de artigos do Boletim do Instituto de Vasco da Gama, alguns nomes de goeses, entre professores aqui requisitados, advogados, padres, e médicos para o quadro de saúde, ao tempo de Macau e Timor.

Vejo ainda alguns traços de semelhança na administração política, como a concessão do título de Dom aos chefes guerreiros indígenas, tal como nesta Índia, o predomínio adquirido pelas Ordens religiosas na administração, etc.

É já conhecida a obra política e de fomento económico em que avultam os nomes de dois governadores e que se confundem no zelo “caboqueiro”: Celestino da Silva e Filomeno da Câmara. Aquele “tanto agiu, tanto fez, tão bem cumpriu, que a sua obra dá-nos a ilusão de ter sido só ele quem a descobriu”; este “nobre e destemido, tão activo talvez, umas vezes mais sereno no esforço tenaz e repressivo” muito fez, depois de dominado o último arranco revolucionário de 1912 dos chefes indígenas coligados.

Timor tem uma característica especial de aquisição entre as províncias do ultramar português. É uma aquisição ou conquista missionária.

Timor era uma espécie de “filho sem pai”, como o Congo Belga que, da Associação Internacional Africana, foi perfilhado e adotado pelo Rei Leopoldo.

Arribada uma das caravelas portuguesas a Timor em 1515 causou a ilha tão boa impressão nos padres que acompanhavam que para ela se voltaram, e construíram a 3.000 léguas de Portugal mais um trecho português de 18.939 quilómetros quadrados, hoje o 4.º na extensão territorial ultramarina, trecho que só em 1586 teve o seu capitão-mor, mas onde a predominância missionária perdurou até os fins do século XVIII.

E os “luliques” foram sendo apeados e substituídos, os “barlaques” foram-se extinguindo, graças a essa acção cristã dos missionários, abrindo os cérebros à luz da razão, e encaminhando a actividade corporal para o cultivo dos campos.

E hoje da “desventurada Timor” que os portugueses doutros tempos apelidaram “antecâmara do inferno”, veio a que é província bem portuguesa, onde o ardente espírito do indefectível português que eu conheci e admirei, o Sr. Coronel Leite de Magalhães, viu, “assistido ao lado dos indígenas hirtos e descobertos que ao içar da bandeira das quinas como que cantavam um hosana do glória aos ouvidos da perfídia humana” que era “ali a meio mundo que acabava o império de Portugal”.

Depois dessa obra política de conquista e de pacificação e algumas medidas de administração empregadas, e que se empregam, sobretudo no sentido do desenvolvimento económico em culturas e exploração mineira e que devem

valorizar-se pela iniciação de navegação, é justo registrar-se a obra missionária que sob o inteligente e vivificante influxo do actual Bispo da Diocese de Macau e Timor, o Sr. Dom José da Costa Nunes “um dos espíritos de eleição que nas colónias residem”, palavras com que foi fundamentada a sua aclamação como sócio honorário do Instituto Vasco da Gama desta Índia, se está fazendo.

Segundo me informaram, é já grande o activo da sua obra política e missionária nas duas províncias, obra que se faz, ora pela influência política que na actuação administrativa civil exerce, ora inaugurando novos edifícios para igrejas e capelas, ora concorrendo com subsídios, ora estimulando pela sua palavra fácil e insinuante e conselhos de experiencia feitos, na assimilação das populações atrasadas.

Orador fluente, de uma vez que pregou no Convento de S. Francisco Xavier nesta Goa, o seu sermão produziu uma dessas impressões que nunca se apagam, do género oratório sagrado.

O clero e as religiosas, são nas suas mãos, os valiosos auxiliares da sua acção.

O Colégio de Sta. Isabel, das Madres Canossianas, da direcção superior da Madre Pera, que está ali fazendo larga e benéfica sementeira da virtude, pelo exemplo e pelo trabalho manual na educação feminina, em rendas finíssimas e admiráveis, em tecidos de consistência e de elegância, ensinando a ler e escrever também, constitui um modelar viveiro da formação da mulher em Timor.

O clero, sob a acção directa do padre Superior de Timor, movimenta-se e actua beneficemente em prol da civilização portuguesa e cristã.

Desejo referir-me no fim, em especial, ao Pe. Diogo José Ave-Maria de Almeida, natural de Velim, de Salsete (Goa) que, missionário, nomeado para Timor e em exercício, desde Setembro de 1924, colocado em Chefe da Missão de Manatuto, durante os 12 anos que ali trabalhou, voltando depois com licença graciosa para retemperar a sua saúde em Goa, deixou, segundo se lê, trabalhos perduráveis que falam eloquência da sua abnegação e da sua benemerência. Monta a mais de Patacas 4.700, a soma por ele gasta das suas economias!!

Tive o prazer de ler o relatório prestado desses trabalhos, fazendo justíssimas referências aos que que poderosamente o ajudaram: o generoso auxílio, quer monetário, quer moral do Bispo Sr. D. José e do Padre Superior, o dos funcionários civis da província, o das Madres Canossianas, a boa vontade da população.

Trabalhos em Manatuto. A Igreja de Manatuto, de velha e deselegante que estava, o Sr. Pe. Ave-Maria de Almeida transformou-a completamente, construindo o altar-mór e os altares laterais, inteiramente novos e dois nichos mandados vir de Paris à sua custa.

O Colégio de Santa Isabel dirigido pelas Madres Canossianas teve transformações e ampliações com nova capela construída, com novo altar oferecido pelo mesmo padre Almeida, etc.

Os oferecimentos feitos pelo mesmo missionário e mais o que teve de pagar das suas economias pelo saldo contra das contas de Manatuto, montam uma soma de Pat. 1.779.

O resto foi obtido pelas quermesses, subscrições e do subsídio da Missão.

O culto externo em templos, edifícios, em casas de instrução e educação, onde as palavras que se pregam correspondem a actos que se executam, dá farto rendimento, aos olhos dos habitantes atrasados.

Vejo isto nas notas que tive ocasião de ler sobre a Missão de Manatuto, registo especial aos trabalhos desinteressados do capitão Sr. Manuel da Silva e do tenente Mateus Fernandes. Honra lhes seja.

*Missões agregadas. Laleia.* Povoação constituindo hoje uma das melhores cristandades de costa leste, dizem as notas. Teve uma igreja começada a construir-se no tempo do Governador Celestino, em 1906, e do Bispo Dom João Paulino.

Interrompida por ocasião da proclamação do regime republicano, com o qual foi demitido o mesmo Governador, foi depois reiniciada em 1915, sendo Governador o finado Filomeno da Câmara. As obras protraíam-se por falta de dinheiro, e apesar da boa vontade dos habitantes.

O missionário Pe. Almeida pôs-se em ação, e com o concurso das Madres e Senhoras de Timor que o ajudaram promovendo quermesses, e com o auxilio do bispo que enviou e autorizou subsídios, pôde a igreja ficar concluída, tendo esse missionário tido a satisfação de a ver inaugurada pelo mesmo Bispo Sr. Dom José, a 19 de Novembro de 1933.

A Igreja de Laleia custou Pat. 7.995, 5, sendo 1.100 do fundo da Missão, 1.500 mandadas pelo Sr. Bispo, e Pat. 2.434, 43 obtidas pelas quermesses e subscrições promovidas pelo missionário Pe. Almeida, sendo o restante Pat. 2.940, 57 cobertos por ele, das suas economias.

Tem 3 capelas separada por meio de arcos, com estátuas de Nossa Senhora do Rosário, do Sagrado Crucifixo e do Sagrado Coração de Jesus (esta trazida de

Paris). Tem material de serviço da Igreja, como: paramentos, cálice, cibório, etc., tudo novo. E, no dizer dos entendidos, a mais bonita Igreja da província de Timor. Deve ser considerado como um dos melhores auxiliares, o tenente Manuel Jesus Pires, ex-administrador da circunscrição que muito facilitou a breve realização.

*Vemasse.* Teve a igreja mais antiga, que é de 1755 e cujos vestígios ainda se encontram. Mas o problema da reconstrução continuava irresolvido. Havia umas 1.200 patacas reunidas para esse fim graças aos esforços do antigo régulo Dom Francisco Freitas. Mas o tempo e as divisões entre herdeiros tornara difícil a sua cobrança. Resolvida porém a nova construção, conseguiu o Pe. Almeida reunir o dinheiro, e ainda com o apoio que desta vez não faltou do Bispo da Diocese, a obra concluiu-se fazendo-se a inauguração em 27 de Setembro de 1936, com a assistência do Sr. Encarregado do Governo, Capitão Lápido Loureiro, valioso e abnegado auxiliar da construção, e de várias pessoas que, em um barco japonês, especial e generosamente solicitado pelo major médico Sr. Sales Luiz, vieram assistir à festa.

Houve discurso por ocasião da abertura de quermesse, sarau literário-musical pelas meninas do Colégio. Foi um dia de festa para a povoação. A população congratulou-se.

A igreja é em estilo manuelino e com uma entrada majestosa.

É uma obra de missionação que honra a diocese, um belo trabalho de imperialização portuguesa e católica, que vi com justiça e para estímulo dos que trabalham, posto em relevo pelo órgão e jornais da primitiva Mãe (sic) que foi a Arquidiocese de Goa.

Não são palavras, são obras; não são reclamos jornalísticos ou de caixeiros viajantes, mas monumentos que falam; não são exteriorizações hipócritas de serviços em volta do prelado, mas realizações concretas de praticantes, por actos internos e externos.

Se em todos os trabalhos da missionação e de propaganda, houvesse a conformidade entre o que se diz e o que se faz, e todos fossem assim documentados, a obra cristã seria mais sólida, mais edificante, mais exemplar e mais frutuosa”.

Nova Goa, Novembro de 1937

J. BENEDITO GOMES

### Padre António da Conceição Grebaldo Fernandes<sup>81</sup>

O sacerdote e missionário António da Conceição Grebaldo Fernandes era filho de Josinho Santana Fernandes e de Maria Teodósia Casimiro Leopoldina Benvinda da Piedade Esperança Pereira e nasceu em Margão, a 7 de julho de 1893. Tinha dois irmãos sacerdote e duas ou três irmãs religiosas.

Fez os estudos no Seminário de Rachol. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 17 de março de 1918. Nomeado missionário de Timor por Provisão n.º 27, de fevereiro de 1924. Viajou para Timor aonde chegou a 12 de maio do mesmo ano. Foi colocado na antiga Missão de Alas. Além de se encarregar da Missão-sede, desenvolveu a sua atividade missionária noutros centros da Costa Sul como Dotic, Tutuluro e Same<sup>82</sup>. Como acontece naquele período,



Fig. 23. Inauguração da Igreja da Soibada. Editada na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 360, Lisboa 13 de jan. de 1913.

<sup>81</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 435.

<sup>82</sup> TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X., Missões de Timor, Macau, 1974, pp. 535-536.

as Missões mantinham escolas rudimentares. Por isso, o Padre António Grealdo tinha também a seu cargo a direção da escola e do ensino, apesar de ser ajudado por um professor ajudante timorense. Mais tarde, a sua ação missionária estendia-se ainda a outras regiões como Same e Mindelo (suco da atual Turiscaí); era também solicitado para alguns serviços na ajuda aos missionários de Soibada (Fig. 23).

Situação da Missão de Alas em 1927: (Fig. 24)

Movimento religioso: Número de cristãos: 677; catecúmenos. 117. Batismos de crianças: 23; de adultos: 63; Confissões de desobriga: 319; de devoção: 1898; de enfermos: 11. Comunhões por desobriga: 319; por devoção: 6.540; de enfermos: 5. Matrimónios: 9. Visitas e enfermos:5; extremas-unções: 4. Óbitos de adultos: 19; catequeses: 219.

A situação da Missão de Alas em 1928 (movimento religioso): Número de católicos: 790; catecúmenos: 88. Confissões por desobriga: 332; por devoção: 4.048; de enfermos: 11. Comunhões por desobriga: 329; por devoção: 12.871; Matrimónios: 15; extremas-unções: 15; Visita a enfermos: 5; Óbitos: a) de crianças: 4; de adultos: 9. Catequeses: 752; Escola missionária (externato): 48 alunos.



Fig. 24. Capela da Missão de Alas, s. data;

[https://actd.iict.pt/eserv/actd:AHUD27133/web\\_n23601.jpg](https://actd.iict.pt/eserv/actd:AHUD27133/web_n23601.jpg)

De 1924 a 1930, por falta de missionário residente, a Missão de Ainaro (Suro) era visitada regularmente pelo padre António Grebaldo Fernandes.

Em 1942, deu-se o início da invasão de Timor pelas forças nipónicas. Em dezembro de 1943. Padre António Grebaldo refugiou-se na Austrália, juntamente com outros sacerdotes. Regressou a Díli em dezembro de 1945, seria colocado como superior na Missão de Ermera. Mas, pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, este missionário goês seria transferido de superior da Missão de Ermera para a Missão de Alas, onde vai permanecer até 1957<sup>83</sup>. Requereu a aposentação em 1957.

Despacho N.º 37:

Por ter requerido a sua aposentação o Rev.do Pe. António Grebaldo da Conceição Fernandes, anulo o despacho N.º 29, de 27 de Abril último, quanto à sua nomeação para o cargo de Superior da Missão de Ainaro. Enquanto decorrer o processo de aposentação, o Rev.do Pe. António Grebaldo Fernandes passará a prestar serviço na Cúria Diocesana.

Díli, 8 de Maio de 1957, (ass.) Jaime Garcia Goulart - Bispo de Díli.

Pela Provisão N.º 25, de 31 de agosto de 1957, o padre António Grebaldo Fernandes ficou desligado do serviço da Diocese, para efeitos da aposentação<sup>84</sup>.

A missão de Alas estava situada na costa sul de Timor. Alas era um reino antigo e tinha sido constituído sede de comando militar e, mais tarde, Posto Administrativo. No tempo dos padres dominicanos, os frades, certamente, visitavam aquela zona. Na década dos anos 20, do século XX, Alas era uma zona de difícil acesso. Não havia estradas alcatroadas. Só havia caminhos feitos pelos timorenses que percorriam a costa sul, ou a pé ou a cavalo. Além disso, para se chegar a Alas (posto e missão), o viandante tinha que atravessar várias ribeiras que nasciam nas montanhas e iam desaguar ao “taci mane”, mar que banha a costa sul.

A Missão católica de Alas tinha sido fundada em 1905, pelo padre Manuel Mendes, natural de Vila de Rei (Portugal).

Em 1925, o então missionário de Alas escrevia ao Vigário Geral e Superior das Missões de Timor, Padre Manuel Patrício Mendes (Fig. 25), um relatório sobre a Escola do sexo masculino, de Alas. Eis o ter da carta:

<sup>83</sup> Cfr. SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

<sup>84</sup> SEARA, julho-agosto de 1957, N.º 4, p. 2.

Ilmo. Rev.mo. Sr. Vigário Geral e Superior das missões de Timor:

Em resposta à circular de V. R., que recebi no dia 21 do corrente mês de Dezembro, tenho a honra de informar a. R.:— 1) - Que a escola desta missão de Alas começou a funcionar desde o primeiro de janeiro de 1907; -2) - Que a dita escola esteve fechada durante o período de dois anos: — 3) - Que o missionário P. Manuel Mendes Laranjeira e o missionário P. Germano António Cardoso foram os professores que ministraram o ensino na dita escola, sendo o segundo por pouco tempo; — 4) - Que a frequência média durante ano lectivo de 1913-1914 foi 21 alunos; de 1914-1915 de 31 alunos; de 1915-1916 de 29 alunos; de 1916-1917 de 50 alunos; de 1917-1918 de 31 alunos; de 1918-1919 de 28 alunos; de 1920-1921 de 23 alunos; de 1922-1923 de 25 alunos; de 1923-1924 de 28 alunos; de 1924-1925 de 28 alunos, de 1925-1926 de 3. — 5) - Que foram 5 os alunos apresentados por esta escola a exame de primeiro grau; — 6) - Que foram -que me lembre- 17 os alunos que saíram deste estabelecimento escolar sabendo ler e escrever; — 7) - Que nenhum aluno desta escola saiu a completar os seus estudos em Macau ou na Metrópole; -8) - Que nenhum aluno desta escola (que eu saiba) exerceu qualquer lugar de preponderância na sociedade; — 9) - Que comecei a leccionar nesta escola de Alas desde o dia 17 de Julho de 1925; — 10) - Há dois anos que o Snr. Vicente da Costa exerce o officio de ajudante de professor desta escola de Alas; — 11) - Que dificuldades inúmeras têm havido mas não no espaço de tempo em que a tenho regido; -12) - Que faz grande falta um professor ajudante com sufficiente instrução pois que tenho de ir bastantes vezes a Soibada em serviço e perde-se grande parte do trabalho durante a ausência do missionário, por não haver uma pessoa que



Fig. 25. Dicionário tétum português, Impresso em Macau, sob a direcção do Cónego Manuel Patricio Mendes; (segundo os trabalhos do Rev. Manuel Mendes Laranjeira e do mesmo Rev. Manuel Patricio, ex missionários em Timor). 1935; <http://purl.pt/30436>

possa continuar o trabalho começado e auxiliar um missionário novo sem conhecimento perfeito da língua do paiz (sic); — 13) - Que o internato é indispensável para a educação e instrução dos rapazes indígenas, pois que o modo de vida continua ainda semi-selvagem.

Deus guarde a V. Reverencia

O Missionário

(ass) Pe. António Grebaldo da C. Fernandes (Fig. 26)

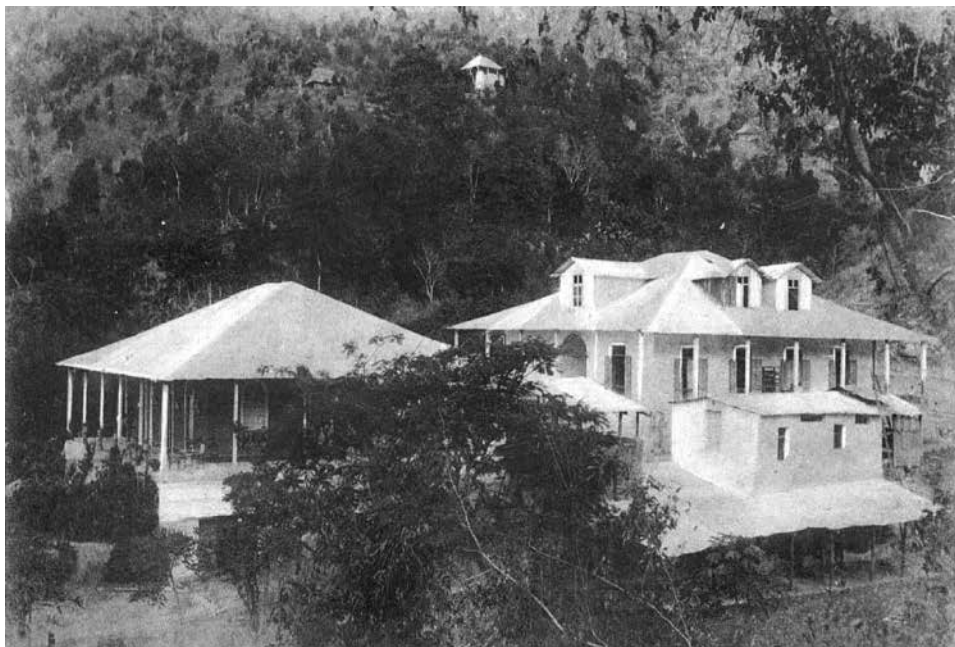


Fig. 26. Missão de Lahane, 1927: Colégio e residência, Postais de Timor; <http://purl.pt/36231/3/pi18524/p/html/index.html>

No dia 21 de março de 1946, o Bispo de Díli Dom Jaime Garcia Goulart havia instituído o de Consultores Diocesanos, uma vez que não havia na nova diocese, o cabido de Cónegos. Para constituir o novo Conselho, entre alguns sacerdotes, Dom Jaime nomeou o Padre António da Conceição Grebaldo Fernandes, missionário em Timor, desde 1924.

Provisão

D. Jaime Garcia Goulart, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Díli.

Tendo sido instituído nesta Diocese o Conselho de Consultores Diocesanos,  
Sendo do Nosso Dever providenciar, nomeando que o há-de constituir:

Atendendo Nós às boas qualidades, merecimentos e mais requisitos que concorrem na pessoa do Reverendo Presbítero António Grebaldo da Conceição Fernandes;

Havemos por bem de o nomear Membro do Conselho de Consultores Diocesanos, cargo que servirá durante três anos, gozando todos os direitos e cumprindo fielmente todas as obrigações que estabelecem as Leis Canónicas.

Registe-se na Câmara Eclesiástica e comunique-se ao nomeado.

Dada em Lahane, aos vinte e um do mês de Março do ano de mil e novecentos e quarenta e seis.

Jaime Garcia Goulart, Bispo de Díli.<sup>85</sup> (Fig. 27)

Uma nova nomeação para o mesmo cargo, e para o segundo triénio, foi renovada pela provisão de 22 de março de 1949.



**Fig. 27.** Alunos do Colégio de Lahane, s data. Postais de Timor;  
[https://actd.iict.pt/view/actd:AHUD2\\_6866](https://actd.iict.pt/view/actd:AHUD2_6866)

<sup>85</sup> SEARA, janeiro de 1949, Ano I, N.º 1, pp. 7-8.

Nos finais de 1949, o Senhor Bispo Dom Jaime Garcia Goulart realizou uma visita pastoral à Missão de Alas. Acerca dessa visita do Prelado, o missionário escreve esta crónica:

No dia 3 de Dezembro foram crismados, na Missão de Alas, 485 cristãos e, logo a seguir, no dia 4, 371 em Same. Foram, ao todo, crismadas 854 pessoas que pertencem não só a Alas, a sede da Missão, e a Same, que é a sua primeira cristandade, mas também às cristandades de Betano, Tutuluro, Midelo e Fahi-Nehan que também lhe estão subordinadas.

Reuniram-se em Alas milhares de pessoas para saudarem o venerando Pastor que se dignou visitar, uma vez mais, esta missão. O Sr. Januário Franco, Régulo de Alas, leu o discurso que acompanha esta pequena notícia. A casa real ofereceu a Sua Ex.cia Reverendíssima um ramo de flores, tendo, no centro, uma linda tabaqueira, daquelas que se fazem nesta região, com folhas de certa palmeira artisticamente entrelaçadas. Como adorno, tinha o escudo nacional feito a primor.

O Sr. Bispo agradeceu a manifestação de regozijo com que foi recebido numa das melhores missões da sua diocese e manifestou a alegria que sentia por saber que milhares de cristãos de Alas cumprem, fervorosamente, os seus deveres religiosos e ensinam os filhos a seguir-lhe o exemplo. Prometeu que atenderia o pedido da construção de uma igreja em Alas, embora não pudessem começar imediatamente as obras para esse fim.

Os alunos da escola, que se apresentaram garbosamente com os seus uniformes, cantaram hinos apropriados à ocasião, dirigidos pelo Sr. Pe. Aleixo Dias.

Em Same, Sua Exc.ia Rev.ma era aguardado também por muitas centenas de cristãos. Um maioral antigo seminarista de Soibada, leu uma respeitosa saudação. Pediu um missionário para Same, onde o vasto e lindo templo construído pouco antes da guerra, e a que apenas falta o tecto, ficou praticamente intacto, ao contrário do que sucedeu em Alas, cuja igreja foi completamente destruída.

Findas as cerimónias, Sua Ex.ca Rev.ma exortou os cristãos a viverem como soldados de Cristo, seguindo em tudo os ensinamentos, confortados e iluminados pelo Espírito Santo, que acabavam de receber.

Incumbia-lhes o dever de atraírem também os gentios à prática da fé cristã.

Durante os dias da visita mais se ateou o fervor de toda esta boa gente que tem sabido corresponder à graça da vocação ao Catolicismo”<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> SEARA, maio-junho de 1950, Ano II, N.º V e VI, p. 97.

O padre António Grebaldo Fernandes, permaneceu na Missão de Alas, desde 1946 até 1956.

No mês de janeiro de 1957, o padre António Grebaldo Fernandes, baixou ao Hospital Central de Díli, em resultado de uma infeção num pé agravada com a presença de diabetes que posteriormente lhe foi diagnosticado.

Entregue à competência e dedicação do Excelentíssimo DR. Augusto de Barros Machado e aos cuidados do corpo de enfermeiros daquele hospital, S. Reverencia já pode celebrar e andar. Em breve poderá regressar à sua querida Missão de Alas, onde 32 anos consumidos no labor missionário atestam bem o seu zelo e o seu esforço missionário. Desejamos a S. Reverencia rápidas melhoras<sup>87</sup>.

Em 1957, foi transferido para a Missão de Ainaro, mas a provisão não teve efeito, visto o missionário ter solicitado a aposentação. Este zeloso missionário trabalhou nas Missões de Timor trinta e três anos, cheios de dificuldades, sofrimentos, mas também de alegrias e satisfações espirituais e humanas. (Fig. 28)



**Fig. 28.** Escola Feminina de Ainaro. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.

<sup>87</sup> DUARTE, Pe. Jorge Barros, in *SEARA*, Ano IX, janeiro-fevereiro de 1957, p. 54.

Veja-se o testemunho do Rev.do Pe. Jorge Barros Duarte, Director da SEARA<sup>88</sup>:

A bordo do 'Índia', seguiu para Goa, no dia 11 de Outubro do corrente ano, o Rer. Pe. António Grebaldo da Conceição Fernandes, que, após 33 anos de vida apostólica nas Missões de Timor, foi desligado do serviço da Diocese para se aposentar.

Nado e criado no seio de uma família profundamente católica, o Revv.do Pe. Fernandes é um dos três sacerdotes na família que não deixou de ser abençoado também pelo Céu com duas ou três vocações femininas para a vida religiosa.

De Abril de 1924 a Setembro do ano em curso, o Revv.do Pe. Fernandes foi sempre para todos os colegas, sobretudo para os novos, um vivo exemplo de intensa vida de oração e de zelo simples que nem por siso deixava de ser metódico.

O seu temperamento afável e as suas 'saídas' cheias de inocência evangélica faziam-no querido de todos os seus coirmãos no sacerdócio que, nas horas de recreio em comum, se lhe acarraçavam teimosamente com perguntas sobre episódios mais curiosos e pitorescos da sua longa vida missionária, acabando sempre todos por explodir numa alegre e estilhaçada de risos e gargalhadas que todavia não ofendiam nunca o bondoso 'catuas', como tão carinhosamente lhe chamavam todos.

Conhecedor, como poucos do tétum, as suas delícias eram ministrar nesta língua, a palavra de Deus aos seus queridos cristãos e os catecúmenos nativos e às criancinhas, através da pregação na Igreja e da catequese que ele procurava pacientemente ilustrar com episódios edificantes da vida dos santos. O seu zelo pela pregação da Palavra de Deus atingia, uma vez ou outra, o escrúpulo de não faltar com este ministério ao povo de Deus nem mesmo quando tinha diante de si, à Missa dominical, apenas três ou quatro pessoas.

Os seus métodos de missão caracterizavam-se por uma simplicidade encantadora que sabia inspirar aos seus cristãos, e por uma sólida vida de piedade que tinha nas devoções aos Sagrados Corações de Jesu e Maria a sua mais bela expressão.

A nota de uniformidade que marca todas as cristandades que Sua Reverencia fundou ou trabalhou mais demoradamente é outra agradável característica digna de ser imitada por todos.

---

<sup>88</sup> SEARA, setembro-outubro de 1957, Ano IX, n.º 5, pp. 247-248.

Embora tivesse percorrido todas as Missões de Timor, contudo a sua cristandade favorita era a sua querida Missão de Alas, onde gastou cerca de trinta anos de laboriosa mas fecundíssima operosidade apostólica.

Não foi sem lágrimas de amargura e de saudades que S. Reverencia deixou as queridas Missões de Timor que tanto lhe ficaram a dever...”

Durante a sua longa permanência em Alas, o padre António Fernandes comunicava-se com os cristãos na língua Tétum. Mas lembremo-nos que naquela zona, havia gente que fala bunac e mambae. A língua quemac era mais fala em Atsabe e Atabai e Bobonaro. Parece que ele preparou uma espécie de dicionário onde anotava os termos destas quatro línguas. É o que demonstra o estudo do Dr. Hugo Cardoso, da Universidade Moderna (Lisboa).

António Grebaldo da Conceição Fernandes

Um dos poucos trabalhos que referem o Padre António Fernandes, descreve-o como um dos “Ilustres Filhos de GOA DOURADA” (Fernandes 2011:185). António Fernandes trabalhou em Timor entre 1924 e 1957, na Missão de Alas, onde foi professor “e encarregado das cristandades de Dótic, Tutuluro e Same” (Fernandes1937:68).

De acordo com Ernesto Rodrigues, António Fernandes iniciou a compilação de um dicionário quadrilíngue português-tétum-búnac-quémac (Fernandes s.d.) “para a penetração espiritual em mais de 100.000 almas difíceis das regiões fronteiriças” (Domingues 1947:149), trabalho interrompido pela guerra. Sabemos, portanto, que o trabalho precedeu a chegada a Timor do conflito da Segunda Guerra Mundial e, uma vez que o dicionário não vem mencionado na lista de obras de missionários publicada por Abílio Fernandes (a qual inclui também manuscritos inéditos; Fernandes 1931:123-124), podemos presumir que não antecederá o ano de 1931. O dicionário nunca chegou ser editado” Hugo Cardoso, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras)<sup>89</sup>.

## Parte Oficial - Secretaria e Chancelaria

— Despacho N.º 29 de 27 de Abril de 1957: Encontrando-se vago o lugar de Superior da Missão de Ainaro, nomeio para o referido lugar o Revdo.

<sup>89</sup> CARDOSO H., “Descrições das línguas de Timor-Leste na Transição dos secs. XIX e XX”, in ojs. ub. s/ojs/indez pphp/modernasapr/Article/review/File7 3811/3164.

Pe. António Grebaldo da Conceição Fernandes, exonerando-o do cargo de Superior da Missão de Alas.<sup>90</sup>

(ass). Jaime, Bispo de Díli.

- Despacho N.º 32: Por ter sido nomeado Superior efectivo da Missão de Ainaro o Revdo Pe. António Grebaldo da Conceição Fernandes, exonerado do cargo de superior interino da mesma Missão o Revd. Pe. Jacob Vicente Dias Ximenes.

### Padre José Xavier Miranda <sup>91</sup>

Este sacerdote goês nasceu em Tivim, concelho de Bardez, aos 12 de março de 1895. (Fig. 29) Os pais chamavam-se Alexandre Roberto Miranda e Patrocínia Rosalinda Mendonça. Estudou no Seminário de Rachol. Foi ordenado sacerdote aos 17 de março de 1918. Nomeado missionário de Timor por Provisão de 27 de fevereiro de 1924. Chegou a Timor no dia 12 de maio de 1924. Foi colocado na Missão de Manatuto, como Vigário Cooperador. Ali

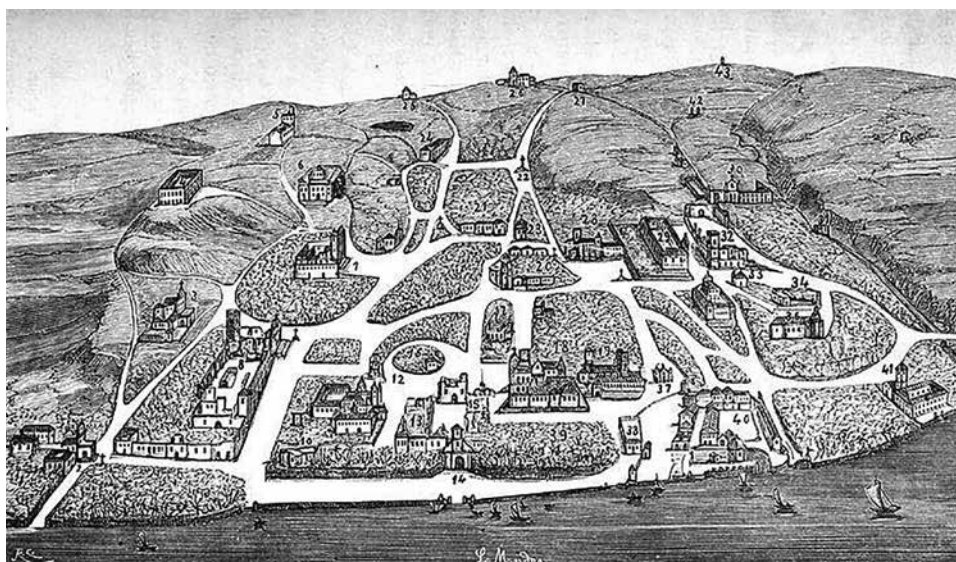


Fig. 29. Vista panorâmica da velha cidade de Goa da autoria de António Lopes Mendes. Editada na sua obra *A Índia Portuguesa* (1886); <https://archive.org/stream/indiaportuguezab01lopeuoft#page/n118/mode/1up>

<sup>90</sup> Cfr. SEARA, maio-junho, 1977. Ano IX, N.º 3, p. 1.

<sup>91</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 436.

ajudava o padre Diogo José Caetano de Almeida, nos trabalhos pastorais. Diz uma fonte, este missionário goês, dedicou-se seriamente à aprendizagem da língua local, o "Galóli", de tal modo que, passados seis meses, já pregava nessa língua, "*fazendo-se compreender com muita correção e clareza*".

Com a saída do padre César Camilo de Oe-Cusse (1931), foi o padre José Xavier Miranda transferido para o Enclave, onde, além do labor pastoral, dava aulas na escola da Missão. Em 1934, regressaria definitivamente para Goa. Faleceu na sua terra natal no ano de 1954<sup>92</sup>.

Situação da Missão de Oe-Cusse, em 1928:

Movimento religioso: Número de cristãos: 913; catecúmenos: 40. Batismos de crianças: 9; batismos de adultos: 16. Confissões por desobriga: 608; confissões por devoção: 537; de enfermos: 8. Comunhões por desobriga: 608; por devoção: 542; de enfermos: 4. Matrimónios: 5. Visitas a enfermos: 45. Extremas-unções: 10. Óbitos de crianças: 3; óbitos de adultos: 1. Catequeses: 60. Escola do sexo masculino (externato): 49 alunos. Não havia escolas para meninas.

---

<sup>92</sup> TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, p. 436.

## CAPÍTULO V

### Primeira Expedição de Missionários de Goa para a Diocese de Díli (1947)

A Diocese de Díli (Timor Português) foi ereta pelo Papa Pio XII, pela Bula *Solemnibus Conventionis*, de 4 de setembro de 1940. (Fig. 30) Foi seu primeiro bispo Dom Jaime Garcia Goulart, natural da ilha do Pico, Açores. Dois anos depois, dava-se a invasão das tropas japonesas que ocupara a Colônia de Timor durante três anos (1943-1945). Depois do armistício do Pacífico, deu-se a retirada das forças ocupantes, e Timor foi, de novo, reocupado e administrado pelos Portugueses. O ano de 1946 foi ano de reconstrução a todos os níveis, incluído o campo eclesiástico. Da Austrália haviam regressado os sacerdotes e as irmãs canossianas que se tinham refugiado naquele país.

A nova diocese tinha poucos sacerdotes. Alguns deles, naturais de Portugal continental e, outros provenientes dos Açores; outros eram de Macau e Timor. Esses sacerdotes tinham frequentado o Seminário de Macau. Depois da ordenação sacerdotal eram destacados para as



Fig. 30. Missão de Timor, Igreja de Díli, [ca 1927]. Postais de Timor; <http://purl.pt/34422>

Missões de Timor. Depois da Segunda Grande Guerra (1939-1945), a nova Diocese de Díli tinha como seu primeiro Bispo, Dom Jaime Garcia Goulart. O Prelado, em 1946, reabriu as antigas missões e as escolas. O pessoal missionário era de número reduzido. Para fazer frente a uma nova situação de reconstrução da Colónia de Timor e face às inumeráveis necessidades de servir bem as populações, o Bispo de Díli solicitou ao senhor Arcebispo de Goa sacerdotes para trabalharem na reconstrução daquela circunscrição eclesiástica. O Senhor Dom José da Costas Nunes aceitou ao pedido do Bispo de Díli, e, nomeou oito sacerdotes formados no Seminário de Rachol, para Timor Português.

Os novos missionários deixavam Goa e rumavam à Colónia de Timor que, na altura, era mais atrasada, em todos os aspetos, do que o Estado da Índia. Eles iriam aprender nova língua (Tétum) e iriam conhecer novas terras desprovidas de estradas alcatroadas, sem residências de alvenaria e, com poucas capelas e igrejas permanentes. A tudo eles se sujeitaram, procurando adaptar-se aos usos e costumes de Timor Português.

No ano de 1947, o Dom Jaime Garcia Goulart, Bispo da Diocese de Díli, mandava publicar como Prelado da Diocese de Díli o documento da nomeação:

Provisão eclesiástica de 21 de julho de 1947, nomeando missionários da Diocese de Díli: os Reverendos Padres Aleixo Dias, António Eduardo de Paulo Brito. António Feliciano Jacques Fernandes, Frederico José do Carmo Álvares da Costa, José Félix Filomeno da Piedade Dias, Bourdaloue Xavier António Santa Catarina Mesquita, Santana Roque Pereira, Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário<sup>93</sup>. Os novos sacerdotes goeses foram, pois, colocados nas Missões e no Seminário de Dare. Com o passar dos anos, a maioria deles regressou a Goa. Os padres António Eduardo de Brito e Santana Roque Pereira preferiram continuar a sua missão em Timor e morrer entre os Timorenses.

### **Padre Aleixo Baptista da Graça Dias**

Natural de Bicholim, nasceu a 13 de maio de 1915. Fez os estudos no Seminário de Rachol. Foi ordenado sacerdote no dia 26 de outubro de 1944. Depois da ordenação foi nomeado vigário cooperador em Parrá. Nomeado missionário de Timor por Portaria n.º 63 de 6 de maio de 1947. Pela Provisão

---

<sup>93</sup> SEARA, agosto de 1954, Ano 1, Nº 8, p. 173.



**Fig. 31.** Missão do Sagrado Coração de Jesus, Soibada, Manatuto, Timor;  
<https://www.hpip.org/pt/heritage/details/1536>

de 21 de julho de 1947, era nomeado missionário da Diocese de Díli. Por Despacho de 10 de setembro de 1949, foi nomeado Vigário Cooperador do Superior da Missão de Alas<sup>94</sup>. Pelo Despacho de 2 de outubro de 1950, o Padre Aleixo Garça Dias, foi exonerado do cargo de Vigário Cooperador da Missão de Alas e nomeado Vigário Cooperador da Missão de Soibada<sup>95</sup>.

Em 1954, depois de quatro anos de permanência na Missão de Soibada, partia para Goa, gozando a licença graciosa, a que tinha direito. Antes de partir para Díli, realizou no Colégio de Soibada uma academia de despedida. (Fig. 31) Conta o cronista:

Partiu de Soibada onde trabalhou durante quatro anos o Mto. Revdo Sr. Pe. Aleixo Dias. O Colégio Beato Nuno Álvares Pereira obsequiou com uma pequena mas expressiva academia de despedida e de homenagem e também de gratidão. Desejamos-lhe boa viagem e que encontre entre os seus na Índia Portuguesa a saúde que procura de modo que possa voltar a esta terra. Boa viagem e feliz regresso<sup>96</sup>.

<sup>94</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N.8, p. 173; cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, p. 530.

<sup>95</sup> Idem, novembro-dezembro de 1950, n. 11 e 12, p. 188.

<sup>96</sup> SEARA, março-junho de 1954, Ano VI, N. III, p. 74.

Depois de ter regressado da licença graciosa, foi transferido para Missão de Ossu. Mas, com a ausência do Superior de Baucau, Padre Eduardo Brito, em licença graciosa, o padre Aleixo Dias, foi nomeado Vigário Cooperado da Missão de Baucau<sup>97</sup>.

Em 1957, era Superior (interino) da Missão de Baucau. Nesse ano, Baucau (vila) não tinha uma igreja; apenas havia um barracão construído em frente do edifício escolar. O povo de Baucau, instado pelas autoridades “indígenas” ia ao mato cortar troncos de árvores destinados à futura Igreja. Mas, a igreja nunca mais se construía, e as madeiras foram utilizadas para construir uma cavalaria (para os cavalos do padre). Isso deu muito falatório. E até os gentios criticavam tal atitude. (Fig. 32)

Com a chegada do titular Pe. Brito, da licença graciosa, o Padre Aleixo foi exonerado do cargo de vigário cooperado da Missão de Baucau e nomeado Vigário Cooperador da Missão de Ossú. A oito de maio de 1957, seria nomeado Superior da Missão de Ainaro (Despacho N.º 38, 1957). Demorou-se naquela missão apenas seis meses, visto que, por Despacho n.º 47 A, de



Fig. 32. Vista aérea Baucau (1973) autor não identificado; <https://actd.iict.pt/list/year/1973/>

<sup>97</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1955, Ano VIII, N.º III, p. 209.

8 de novembro de 1957, o padre Aleixo Graça Dias era exonerado do cargo de Superior da Missão de Ainaro. Do antigo reino de Suro, passaria para a capital, Díli, sendo novo pároco da freguesia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Balide (Provisão n.º 40, de 7 de novembro de 1957).

Dentro da área da freguesia de Balide trabalhavam as Irmãs Canossianas, em Castro Lahane, e os padres salesianos, em Lahane. Estes, além de tomarem conta do ensino primário, obra da Diocese, ensinavam a doutrina na escola e pretendiam que os alunos fizessem a Primeira Comunhão na escola da Missão de Lahane. Naturalmente, os padres seculares, concretamente o padre Aleixo Dias Graça, não estavam de acordo com aquela prática, visto que a paróquia distava apenas um quilómetro da Escola da Missão Salesiana, em Lahane.

A discórdia teve o seu clímax no ano de 1959. Nesse ano o padre Aleixo Dias, pároco e o padre José Rodrigues diretor da Escola salesiana de Lahane, entraram em conflito. O diretor salesiano queria que os alunos que tinham feito o curso da catequese fizessem a Primeira Comunhão na Escola. Pelo contrário, o pároco, Pe. Aleixo queria que os alunos fossem, primeiro, examinados pelo pároco e na Paróquia. Os ânimos chegaram a exaltar-se. Mas, com a intervenção do Governador do Bispado Pe. António Manuel Serra, chegou-se a um acordo. Como consequência dessa diatribe, ou desentendimento entre o clero secular e o clero regular (salesianos) o Senhor Bispo Dom Jaime Garcia Goulart pediu aos salesianos para deixarem Díli e passarem a exercer o apostolado, na zona leste da ilha, concretamente, a tomar conta da missão de Baucau, partir de 1962. Mais tarde, o padre Aleixo seria transferido para Ainaro.

Faleceu no Seixal (Portugal) no dia 4 de março de 2013.

### Parte Oficial - Secretaria e Chancelaria

- Provisão: Pela Provisão N.º 40, de 7 de novembro de 1957, o Padre Aleixo foi nomeado Pároco da Freguesia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.<sup>98</sup>
- Despacho N.º 36: Tendo-se apresentado o proprietário do lugar, exonerado o Revdo Pe. Aleixo da Graça Dias do cargo de Vigário Substituto da Missão de Baucau.<sup>99</sup>

<sup>98</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1957, Ano IX, p. 260.

<sup>99</sup> Cfr. SEARA, maio-junho de 1957, p. 119.

- Despacho N.º 38: Encontrando-se vago o lugar de Superior da Missão de Ainaro, foi nomeado para o referido lugar o Revdo Pe. Aleixo da Graça Dia, exonerando-o de Vigário Cooperador da Missão de Ossú.<sup>100</sup>

### **Padre António Eduardo Paulo de Brito**

António de Brito nasceu em Cuncolim, Goa, Índia Portuguesa, pelas 15.30 horas do dia a 28 de junho de 1916. Foram seus pais Joaquim Cipriano de Brito (era médico) e Angélica Feliz. Foi batizado na paróquia de Cuncolim aos 5 dias do mês de julho de 1916; fez a primeira comunhão na igreja da mesma localidade no dia 2 de fevereiro de 1922. Recebeu o sacramento do crisma no Seminário Maior de Rachol, em 1931; foi crismado pelo Bispo Dom Teotónio Vieira de Castro.

Frequentou o ensino primário de 1926 a 1928. A 15 de junho de 1928, dava entrada no Seminário de Rachol. Completou os estudos de Filosofia e de Teologia no ano de 1941. Antes de receber as ordens menores, fez um estágio de um ano e meio. De facto, no dia 19 de abril de 1942, receberia as ordens menores; o subdiaconado a 3 de outubro de 1942, o diaconado, a 3 de outubro de 1943. Foi ordenado presbítero pelo Bispo Dom José da Costa Nunes, no dia 16 de abril de 1944, na igreja de Margão. A 20 de abril, celebrava a sua “Primeira Missa”, na igreja de Cuncolim. Depois da ordenação, ficou a trabalhar como vigário cooperador na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Margão, até 1947.

A pedido do Bispo de Díli, Dom Jaime Garcia Goulart, que desejava mais pessoal missionário para a nova Diocese, o padre António Brito, integrou um grupo de 8 sacerdotes goeses destinados a Timor Português; foi destinado para as Missões de Timor Português, por Portaria n.º 60, de 6 de maio de 1947. Deixou Goa a 16 de junho de 1947, chegando a Díli no dia 21 de julho do mesmo ano. Pela Provisão de 21 de Julho de 1947, era nomeado missionário da Diocese de Díli<sup>101</sup>.

A 28 de julho, Dom Jaime Garcia Goulart, destinava-o como vigário cooperador da Missão de Ermera. No dia 1 de novembro de 1948, foi transferido para a Missão de Manatuto, na altura, com a sede provisória em Laleia. Neste período ajudou o superior da Missão de Manatuto, o padre Diogo de Almeida na reconstrução da residência missionária em Manatuto.

<sup>100</sup> SEARA, *idem*, p. 119.

<sup>101</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

Ouçamos o relato duma crónica enviada de Laleia escrita pelo missionário:

Missão de Laleia

Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo

Revestiram-se de singular brilho as festas de Natal e Ano Novo na missão de Manatuto, em geral, mas sobretudo na estação missionária de Laleia onde continuamos a residir como V. Ex.cia Rev.ma sabe, o Sr. Pe. Almeida e eu. Na noite de 24 de Dezembro transparecia em todas as pessoas, de todas as idades, como reflexo das suas almas bem preparadas com uma novena fervorosa, uma rara alegria pela grande data que se estava celebrando - o nascimento do Senhor.

Antes da missa da meia noite, os alunos da escola local entoaram, no adro da igreja, alguns cânticos maviosos e convidativos, o que atraiu um enorme número de crianças. À meia noite, na igreja inundada de luz, um grupo de alunos e alunas cantou uma missa a quatro vozes além de lindos cânticos, próprios do dia, enquanto os fieis beijavam, antes de regressar a suas casas, o pé do Menino Jesus.

Foi extraordinária a afluência de fiéis para receber o Pão dos Anjos.

Para que todos os católicos desta missão pudessem partilhar do grande júbilo desta festa, o Sr. Pe. Almeida e eu, acabadas as missas da meia noite em Mantutto e Laleia, seguimos para as outras estações missionárias de Lacló e Vemasse, respectivamente, onde nos estava aguardando imenso numero de fiéis. Nestas duas estações as missas foram celebradas muito tarde devido ao grande número de confissões.

Na tarde desse dia, em Laleia, houve a tradicional festinha das crianças - a ÁRVORE DO NATAL - tendo nessa ocasião, as mais pobres recebido algum vestuário, enquanto todas adoçaram a boca entre cânticos e hinos.

Para esta festinha deram grande apoio e auxilio monetário o Ex.mo Sr. Chefe do Posto local e outras pessoas mais gradadas da terra.

Não foi menos entusiástica a celebração do Ano Novo. Um sussurro geral, começado ao entardecer do dia 31, expandiu-se à meia noite, em foguetório, rufar de tambores, vivas, etc. com desusado gáudio, que traduzia uma radiosa saudação ao raiar do ANO NOVO de 1949.

Junto da igreja, onde se reuniu muita gente. Os alunos cantaram, em espírito de acção de graças o QUEREMOS DEUS, enquanto os sinos repicavam festivamente enchendo de vida toda a povoação.

A marcha dos moradores, que também tomaram parte na improvisada festa, bem apresentados e muito bem comandados, foi imponente e sensacional.

Na manhã do dia 1, às oito horas, a igreja, a mais bonita da Colónia, a pesar de grande, parecia pequenina, tão grande era a multidão que a ela acorreu.

Em apropriada alocução em tétum, sob o tema: “Recedant vetera, novas sint omnia, cordas, voces et opera”, feita ao evangelho da missa proporcionou ao auditório normas da vida cristã para o ano novo, segundo as palavras do Apóstolo: “Sobrie et juste et pie vivamos in hoc saeculo”.

O dia de Reis foi também condignamente celebrado. Os alunos inauguraram nesse dia o seu novo edifício escolar pois até então a escola funcionava numa dependência da igreja.

Usaram, pela primeira vez, o seu uniforme - calção azul-ferrete, camisa branca e bivaque dessas duas cores.

Na manhã desse dia, o Sr. Pe. Almeida, Superior da missão, cantou missa, dirigindo ao Evangelho uma conceituosa homilia em vernáculo, nela explicando, acima de tudo, os deveres e obrigações dos pais na educação e instrução dos filhos aos quais estes devem corresponder docilmente para serem em tudo exemplares.

Os cânticos, bem como a missa “de Angelis”, executaram-nos, com primor, os nossos alunos, que ofereceram a comunhão desse dia pela mocidade escolar.

À tarde realizou-se uma singela mas simpática festa a que presidiu o Sr. Pe. Superior ladeados pelos chefes do Posto de Laleia e de Vemasse.

No adro da igreja, o sítio da festa, apinhava-se grande multidão de gente vinda dos vizinhos Postos de Manatuto e de Vemasse para não falar, é claro, no de Laleia que estava ali em peso.

Houve discursos, poesias, ginástica, coros. Todos os números foram coroados com gerais aplausos.

Por fim, dirigi aos alunos palavras de agradecimento e satisfação por vê-los tão desembaraçados e estimulei-os a fazerem maiores progressos.

A assistência dirigiu-se então para o novo edifício escolar.

O Sr. Chefe do Posto local inaugurou-a com o corte da fita de praxe.

A escola artisticamente decorada, com os mapas suspensos das paredes, um crucifixo ao centro, com o horário lindamente emoldurado e um relógio, oferecia um aspecto encantador.

O Sr. Pe. Superior benze a escola enquanto os alunos cantavam o hino a S. Luís Gonzaga.

Acabadas as festas, recomeçou, novamente, no dia 7, a faina escolar dos alunos.

.....

Laleia, 4 de Fevereiro de 1949,

Pe. Eduardo Brito<sup>102</sup>

Na Páscoa de 1949, o padre António de Brito residia em Laleia, e foi nessa localidade que celebrou as cerimónias da Semana Santa e o Domingo da Páscoa. Também lá se realizou a procissão do Senhor Morto.

Durante a sua permanência em Manatuto, abriu a nova estação missionária de Cairui (Kairui), e edificou a capela dedicada a São João de Brito.

Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, o padre António Eduardo Brito foi transferido da Missão de Manatuto para Vigário Cooperador do Superior da Missão de Baucau<sup>103</sup>.

No ano de 1955, é nomeado superior daquela Missão, permanecendo ali até 1956. Entretanto foram-lhe concedidos cento e oitenta dias de licença graciosa que o Pe. Brito aproveitou para as gozar em Goa e assim poder recuperar as forças.

Da crónica da revista SEARA, extraímos:

A bordo do ‘Índia’, partiu para a Índia Portuguesa, donde é natural, o Muito Reverendo Sr. Pe. Eduardo Brito, em gozo de licença graciosa. Há oito anos nesta Província, trabalhou primeiro, na Missão de Ermera. Foi depois transferido para a Missão de Manatuto e, meses antes da sua partida, foi-lhe confiada a Missão de Baucau. É merecido o descanso que toma<sup>104</sup>.

Por Provisão da Diocese, é nomeado Superior da Missão de Baucau, em 15 de maio de 1957.

A Missão de Baucau era extensa e, além da sede que tinha seis sucros, a missão abrangia os Postos administrativos de Baguia, Laga, Quelicai, Vemasse e Venilale (Fig. 33). O missionário visitava as estações missionárias de três em três meses, permanecendo ali, dois ou três dias, celebrando

<sup>102</sup> SEARA, março de 1949, Ano I, N.º 3, pp. 74-75.

<sup>103</sup> Crf. SEARA, agosto de 1954, Ano V, N.º 8, p. 137.

<sup>104</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1955, Ano III, N.º III, p. 211.

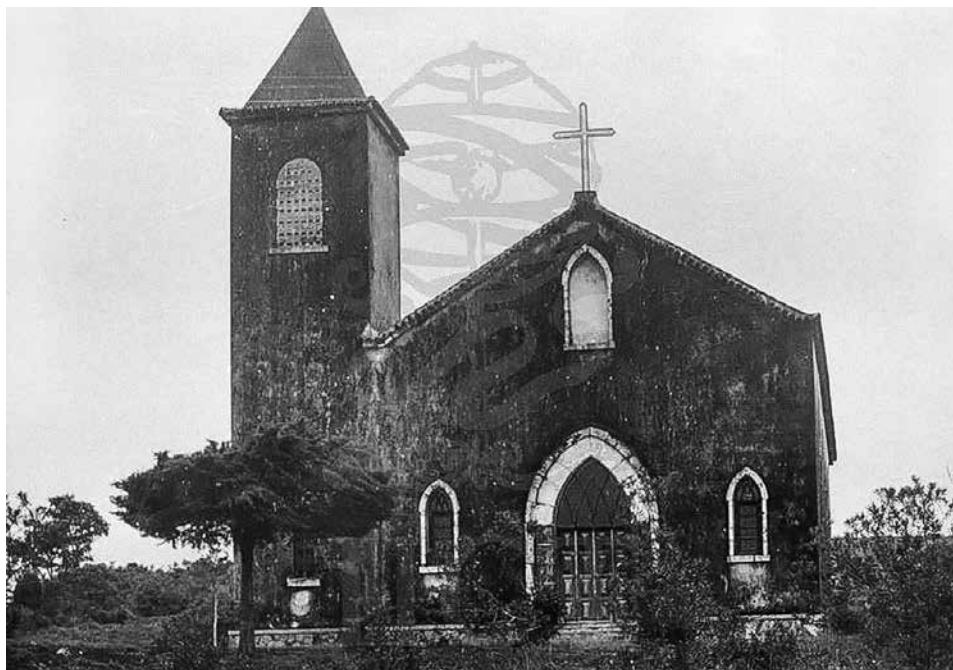


Fig. 33. Igreja de Venilale (concelho de Baucau) [exterior];  
<https://actd.iict.pt/view/actd:AHUD18434>

a eucaristia, e administrando os sacramentos do batismo, matrimónio e penitência.

Desde 1943, que a Missão de Baucau não possuía uma igreja digna. O que havia, depois da guerra japonesa, era um simples barracão feito de capim e de paredes de bambu. Uma das preocupações do novo missionário foi a construção de uma igreja, que viria ser inaugurada no dia 15 de fevereiro de 1958.

Baucau tinha uma bela igreja construída em 1928 e que foi arrasada pelos japoneses durante a segunda guerra mundial. Desde então, aquela antiga cristandade que não tinha meios suficientes para erigir um novo templo, tinha como lugar de culto um grande barracão feito de material local (tecto coberto de folhas de palmeira e paredes de bambu). Aí pelos anos 1955, essa antiga “igreja” ruiu, e a solução foi adaptar outro barracão constituído à frente do edifício da escola do sexo masculino. Finalmente, em 1957, o padre Brito, depois de ter consciencializado os chefes do suco e a população, para a necessidade de Baucau ter uma igreja, conseguiu erigir um novo tempo provisório. Paredes de pedra e cal e o teto de folhas de palmeira. Também não se compreende o porque a Diocese de Díli nunca ter dado subsídio para construção da Igreja em Vila Salazar...

Em Baucau, o Padre Brito instituiu o Apostolado de Oração, dando solenidade às primeiras Sextas-feiras e à festa do Sagrado Coração de Jesus.

Muitas famílias cristãs começaram a ter em casa as imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Coração Imaculado de Maria. E isso proporcionava ao missionário a oportunidade para benzer essas imagens nos lares e visitar os cristãos nas suas ladeiras.

A festa do padroeiro, o Glorioso Santo António de Lisboa ou Pádua também passou a ser solenizada com missa cantada em Latim (Missa de Angelis).

No mês de maio, rezava-se o terço na Igreja todas as tardes. Em 1960, o terço começou a ser cantado. Aos domingos, o padre celebrava a missa às 8.00 horas. E à tarde, rezava-se o terço diante do monumento de Nossa Senhora de Fátima. (Fig. 34)

O tríduo pascal e o domingo da Páscoa eram celebrados com solenidade e brilho, e às cerimónias assistiam os cristãos de todos os Postos administrativos. Alguns iam de longe, percorrendo 30, 40 e 60 quilómetros. Durante esses dias, os cristãos dos postos administrativos ficavam debaixo das árvores, ou nas grutas. Outros armavam barracas feitas com folhas de palmeiras ou coqueiros.

Na sua qualidade de Padre Superior, o Padre Brito presidia ao júri que examinava os alunos ‘finalistas’ da 2.<sup>a</sup> classe elementar. No meu caso concreto, eu ia perdendo o ano, só porque não tinha ido a participar na eucaristia naquele dia, pelas 6 h. de manhã. Não fomos admitidos ao exame final. Depois de ter examinado todos os que foram à missa, o padre Brito teve compaixão de nós, e admitiu-nos ao exame. Fiquei aprovado, e fui continuar os estudos da 1.<sup>a</sup> classe complementar (3.<sup>a</sup> classe), no Colégio de Santa Teresinha de Ossú.

Naquele período, alguns superiores das Missões católicas não se davam bem com os Administradores



**Fig. 34.** Monumento a Nossa Senhora, construído em Díli no ano de 1954 e inaugurado em 1956;

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento\\_a\\_Nossa\\_Senhora\\_%28D%C3%ADli%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_Nossa_Senhora_%28D%C3%ADli%29)

das Circunscrições Civis. Aconteceu que em 1959/1960, o Governo da Província de Timor decretou a abertura de escolas municipais do ensino primário nalgumas vilas. E, a Vila Salazar, sede do Concelho de Baucau, foi contemplada. O Administrador planeou a construção da Escola Primária no sítio do antigo bazar, perto das nascentes. Para essa construção contratou alguns carpinteiros e pedreiros, que trabalhavam para as obras da Missão. Um meu tio, Jorge da Costa Belo, foi contratado para as obras; e meteu um filho, Domingos Belo, para o primeiro ano. Consequência: no fim do ano, o meu primo Júlio da Costa Belo, que andava na 1ª classe elementar, ficou reprovado, só porque o pai trabalhava como carpinteiro na construção da Escola Primária e o irmão mais novo Domingos ia ser aluno ali.

A 31 de dezembro de 1961, o padre Brito fazia a entrega da Missão de Baucau ao seu sucessor, o salesiano padre João de Deus Pires. Sobre o trabalho missionário do Padre António de Brito na Missão de Baucau, ouçamos o padre Afonso Nácher, S.D.B.:

[...] o P. Brito que, embora sozinho, tinha tempo, com o seu metódico e conhecido dinamismo, para visitar a área toda cada mês. No fim, fez entrega de tudo. Com uma relação mui pormenorizada do que que existia nas dez capelas, por ele muito atendidas e apetrechadas de todas as alfaias litúrgica. Iniciou a igreja de Osso-Queli, fez as capelas provisórias de Baucau, a de Vemasse e outras. Ainda hoje os cristãos frequentam o sacramento da penitência pela forma muito singular e ordenada com que os preparava sempre nas visitas. Do P. Brito poderia dizer-se, além de exacto, limpo, constante e tenaz, que tem o dom da catequese. Era ele pessoalmente a dá-la na Sede da Missão. Por isso, além do crescimento como número - chegou aos 11.410 —, o crescimento dava-se também em qualidade. Todos os anos procurava ter o Retiro Espiritual para os catequistas, que por ele foram muito bem atendidos e dirigidos, chegando a formar uma escola sua pessoal<sup>105</sup>.

No dia 2 de janeiro de 1962, o padre António Eduardo Brito regressou a Manatuto onde tinha estado uns anos antes.

Depois de servir a Missão de Manatuto durante um ano foi transferido, em 7 de janeiro de 1963, para Díli, onde exerceu o cargo notário da Cúria diocesana, residindo na Câmara Eclesiástica.

Entretanto, foi-lhe concedida nova licença graciosa. Aproveitou os meses que disponha para viajar: esteve em Roma, França, Açores, Espanha, Suíça,

<sup>105</sup> NÁCHER, Afonso Maria, S.D.B., “A Obra Salesiana em Timor”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano e Volume LXXIII, fevereiro de 1975, N.º 843, pp.180-181.



Fig. 35. Igreja do S. C. de Jesus de Becora. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, *Missões de Timor*, Macau, 1974.

Alemanha, Holanda e Bélgica. Antes de regressar a Timor, visitou a sua amada Goa. No dia 22 de abril viajava para Timor, fazendo a escala em Hong Kong e Darwin.

No ano de 1965, por Provisão n.º 49, de 26 de maio, é nomeado pároco, tomando conta da Paróquia da Imaculada Conceição, de Balide, paróquia essa que englobava, além de alguns sucros da cidade e os Postos Administrativos de Aileu e Remexio.

Em outubro de 1965, no tempo do Padre Francisco dos Santos, deu-se o início da construção da igreja de Becora (Fig. 35); o padre Brito continuou a supervisionar a construção. Em 1967, foi ereta a nova Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Becora, ficando como seu Pároco o padre timorense, António Alves, ordenado padre em agosto de 1963. Além de atender os fiéis da cidade de Díli, o padre Brito tinha, sob sua responsabilidade, as cristandades de Dare, Remexio e Aileu. Assim, no dia 10 de dezembro de 1966, efetuava a primeira visita à Estação missionária de Aileu; ainda no mesmo ano, visitava o Posto administrativo de Remexio; e, em 7 de julho de 1967 a Estação missionária de Laulara. Entretanto, o padre Brito projetava a construção de três igrejas: uma nova igreja em Balide, outra em Remexio e outra em Aileu.

Depois de estabelecer contactos com o Prelado da Diocese, Dom José Joaquim Ribeiro, e, com o Governador da Província de Timor, Coronel José

Alberty Correia, o padre António de Brito foi autorizado a usar um espaçoso terreno em Balide, e aí se construiu a nova igreja, cuja entrada principal dava para o norte. Entretanto, dera-se a invasão das forças armadas indonésias ao território de Timor Português (7 de dezembro de 1975). Devido às novas condições sociopolíticas, as construções param. Em dezembro de 1975, o padre Brito foi convidado pelas novas autoridades indonésias a benzer os corpos de alguns líderes e chefes da UDT e da Apodeti, os quais foram barbaramente assassinados pelas forças da Fretilin, em Aileu. Aí pelos anos de 1978 e 1979, retomou-se a obra da construção das igrejas planeadas em 1975.

Assim, a nova igreja de Remexio foi inaugurada e benzida pelo senhor Bispo Dom José Joaquim Ribeiro. No dia 8 de setembro de 1981, Monsenhor Marinho da Costa Lopes, Administrador Apostólico *ad nutum Sanctae Sedis* benzina a nova igreja de Balide. E no dia 20 de outubro de 1981, Monsenhor Lopes inaugurava também a nova igreja de Aileu.

Entretanto em 1983, projetava-se, na zona de Colmera e Vila Verde, a construção de uma capela para os cristãos da zona ocidental da paróquia de Balide. Construiu-se uma capela provisória nos terrenos da empresa “Moniz da Maia”. E essa capela seria dedicada à Sagrada Família.

No tempo do Administrador Apostólico Carlos Filipe Ximenes Belo a Diocese de Díli planeava construir a nova catedral. Depois de conversações tidas entre o Sr. Governador Mário Viegas Carrascalão e o Administrador Apostólico de Díli, e depois ter sido obtido o consentimento do pároco, padre António Eduardo de Brito, em vez da dita capela, efetuou-se a construção da nova Catedral, que foi inaugurada pelo Presidente da República da Indonésia General Suharto, no 1.º de novembro de 1988, e, posteriormente, benzida pelo Papa João Paulo II, a 12 de outubro 1989.

Entretanto, o padre Brito ia acompanhando a construção de uma nova igreja na sede do Posto Administrativo de Lequidoe, cuja inauguração seria feita no ano de 1989. Decorria o ano de 1990.

O padre Brito, além das visitas pastorais, da catequese e celebração dos sacramentos nunca descuidou a educação da juventude. Por isso, em colaboração com o *Ketua Yayasan* Santo Paulus (Presidente Fundação São Paulo) abriu escolas para o ensino primário e secundário em Balide, Remexio e Aileu.

O padre Brito foi um sacerdote totalmente dedicado ao bem das almas. Primava-se pelas celebrações litúrgicas na paróquia e nas estações missionárias. Sobretudo, na sede da paróquia, em Balide, havia um acontecimento que atraía multidões de fiéis: A procissão Corpo Morto de Jesus que se fazia

da Igreja até o cemitério de Santa Cruz, na tarde de Sexta-feira Santa. Acerca desse facto, leiamos um apontamento de uma pessoa anónima:

Semana Santa em Balide: sexta-feira é muito importante. Em Díli, na paróquia de Balide, a celebração da Paixão do Senhor começa às três da tarde, hora da morte de Cristo. Depois Cristo é descido da Cruz e levado em procissão até ao cemitério de Santa Cruz. Este ritual foi iniciado pelo Padre António Eduardo de Paulo e Brito, pároco diocesano, natural de Goa que esteve cá cinquenta anos como missionário. O objectivo era fazer com que as pessoas entendessem melhor o sentido da Páscoa. A descida da cruz é teatralizada, o corpo de Jesus vai até Santa Cruz e regressa à paróquia, ficando exposto durante dois dias para ser venerado. No Sábado a missa, mais uma vez é celebrada com emoção, estando as igrejas cheias, assim como as áreas que as circundam.

O padre Brito solicitava ao governo ou às autoridades locais terrenos para a construção de templos. Tinha ideias bem claras como deviam ser os terrenos contíguos às igrejas. Para isso, além do terreno reservado à igreja ou capela, o missionário tinha uma estratégia: construir a igreja à distância de 200 a 300 metros das ruas ou estradas principais; e o terreno envolvente era aproveitado para plantar, além de flores, plantas de frutas, como coqueiros, laranjeiras, goiabeiras, etc., o que tornava os espaços envolventes mais acolhedores e saudáveis.

Depois de muitos anos de trabalho missionário em Timor-Leste, quando numa bela manhã de sol, uma manhã do mês de agosto de 1999, o zeloso missionário entregava a sua alma a Deus. Era o dia 13 de agosto de 1999, o mês de referendo para os timorenses.

Um testemunho de uma colaboradora na Paróquia de Balide (Timor-Leste):

Reverendo Padre Antonio Eduardo de Paulo Brito, Nasceu em Goa no dia 28 de Junho de 1916. Veio como Missionário para Timor em 1948 em Timor trabalhou nas missões de Ermera, Manatuto, Baucau e Díli.

Dom Jaime Garcia Goulart, Bispo de Timor, nomeou Reverendo Padre Antonio Eduardo de Paulo Brito como Pároco de Balide no ano de 1964. Como Pároco de Balide, Becora, Aileu, Remexio, Lequidoe e a Catedral em Vila-Verde.

A sua missão espiritual como Pároco preparou os catecúmenos para serem batizados, os zeladores e as zeladoras, os casais, os acólitos, as cruzadas, os

escuteiros etc, também preparou os catequistas em todas as igrejas para ensinar a catequese.

Foi sempre um bom pai espiritual para todos os seus paroquianos, para ajudar as viúvas e os pobres da paróquia, organizou a conferência de São Vicente de Paulo na Paroquia de Balide assim recebia ajuda de Austrália e outras nações por meio da organização, recebia roupas para homens, mulheres e crianças. Os que trabalhavam na organização iam levar a ajuda aos pobres e aos mais carenciados. As igrejas de Aileu, Remexio e Lequidoe também construiu capelas, para cada suco uma capela. Além de construir igrejas e capelas, também construiu escolas da missão ou da Diocese em Balide, Aileu, Becora, Remexio e Lequidoe. Para dar emprego aos professores catequistas, monitores escolares e promover os cidadãos de Timor.

No tempo da invasão Indonésia defendeu muitas viúvas, pobres e muitos presos, que os Indonésios queriam pôr na cadeia ou prisão.

O Reverendo Sr. Padre Antonio Eduardo de Paulo Brito sempre trabalhou com os seus paroquianos ensinando amar a Deus e amar ao seu próximo, durante Trinta e Quatro (34) anos em Balide.

Mesmo com a idade avançada pensou construir casa para os senhores padres ou missionários reformados em Maloa, como missionário sempre trabalhou com paciência por amor de Cristo que foi chamado para evangelizar o Timor, que hoje esta cheio de cristãos 99 %.

O reverendo Sr. Padre Antonio Eduardo de Paulo Brito deu a sua juventude e a sua vida inteira para o Timor e assim Deus chamou para o seu reino no mês de Agosto de 1999.

Adeus Pároco de Balide até a eternidade

Díli, 25 de Março de 2018

Maria da Costa Valadares

O Reverendo Padre António Paulo Eduardo de Brito serviu a Igreja e o povo de Timor durante 52 anos.

### **Padre António Feliciano do Coração de Jesus Jacques Fernandes**

Nasceu em Majordá, no dia 8 de junho de 1915, filho de Baltazar do Menino Jesus Fernandes e de Maria Mónica Thereza Seminaria Jaques e Fernandes. Fez os estudos eclesiásticos no Seminário de Rachol. Foi ordenado

sacerdote a 26 de outubro de 1944. Era vigário cooperador de Candolim, por portaria n.º 40, de 9 de abril de 1945.

Pela Provisão eclesiástica de 21 de julho de 1947, seria nomeado missionário da Diocese de Díli, sendo colocado na Missão de Ossú. Pelo Despacho de 19 de setembro de 1949, foi transferido de Ossú, para Vigário Cooperador do superior da Missão de Ainaro.<sup>106</sup> Era de lá, que o missionário goês escreveu para *Seara* este relato sobre a inauguração da nova estação missionária de Turiscai:

Por determinação do Sua Exc.ia Rev.ma o Sr. Bispo, foi anexada à Missão de Ainaro, desde Janeiro, a área do Posto Administrativo de Turiscai com exceção do suco de Mindelo que pertence à Missão de Alas.

No dia 2 de Fevereiro fui inaugurar a nova estação missionária.

Aguardava-me o catequista Gaspar Corte-Real que fora transferido, dias antes, de Hato-Udo para lá.

Centenas de pessoas, com os respectivos chefes de suco e povoação, esperavam-me à porta do barracão que fizeram para servir de capela, mal souberam, pelo catequista, que Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Bispo determinara que os missionários de Ainaro passariam a visitar, periodicamente, Turiscai. Fizeram o barracão em poucos dias, tão grande foi contentamento que a notícia causou nesses montanheses duma das regiões de Timor a maior altitude.

Depois dos cumprimentos de entrada e troca de primeiras impressões, perguntei se havia cristão em Turiscai. Não tardou que me aparecessem uns trinta, sendo seis sexagenários. Disseram-me que foram batizados em Bini-Manu, sítio de Turiscai, pelo Rvv.do Padre Silva no dia do casamento de Dom Cosme, régulo de Turiscai, com D. Maria Amélia, também batizada nesse mesmo dia. Dos outros, cinco foram batizados em Macau, onde estiveram recentemente como soldados, e os restantes fizeram-se cristãos em Aileu e em Soibada. (Fig. 36)

Quase todos os cristãos adultos vivem em mancebia mas espero que na próxima visita parte deles já possa regularizar a sua vida.

Na tarde desse mesmo dia em que cheguei, falei sobre a existência do único e verdadeiro Deus e do grande benefício que Turiscai Lhe ficava devendo pela abertura da estação missionária. Frisei a utilidade e necessidade de todos serem cristãos. A seguir, comecei a fazer a instrução para o catecumenato. A ex-aluna do curso de professoras-catequistas, Domingas Quintão

---

<sup>106</sup> Cfr. *SEARA*, agosto de 1954, Ano V, N.º 8, p. 137.



Fig. 36. Missão de Soibada, Postais de Timor s. d.; <https://actd.iict.pt/view/actd:AHUD27170>

apresentou doze catecúmenos, por ela já razoavelmente preparados, além de vinte e três para começarem a ser instruídos. Não ficou por aqui a inscrição. Apareceram mais oitenta homens e mulheres a darem os seus nomes e, entre eles, alguns chefes de suco e de povoação.

Depois desta primeira visita, já voltei mais de uma vez, a Turiscaí. Na última vez, baptizei dezasseis catecúmenos e treze criancinhas.

Espero que o número de baptismos seja maior na próxima visita.

Reina grande entusiasmo tanto entre os chefes como entre o povo. Além do primeiro barracão, já construíram uma casa para o catequista e agora estão a reunir material para a escola-rural-catecumenato.

O número de catecúmenos vai aumentando. Tudo isto, em parte, é devido, também, aos esforços dos ex-alunos de Soibada. Francisco Pereira, chefe principal da região, e Domingos Quintão, vão assim retribuindo os muitos benefícios que devem à Missão de Soibada.

Pe. António Jaques Fernandes<sup>107</sup>

<sup>107</sup> SEARA, maio-junho de 1950, Ano II, N° V, e VI, p. 103.

No Domingo de Ramos este missionário celebrou a Missa e benzeu os ramos no pátio em frente do Quartel de Maubisse. A assistir ao ato litúrgico estava o comandante militar, os oficiais, sargentos e praças e os cristãos daquela Estação Missionária<sup>108</sup>.

Pelo Despacho de 27 de julho de 1950, o padre António Feliciano Jacques Fernandes era exonerado de vigário cooperador da Missão de Ainaro e nomeado a prestar serviço na Câmara Eclesiástica, em Díli<sup>109</sup>.

Tendo sido desligado do serviço missionário, o padre regressou a Goa em 1951 onde ficou encarregado de Angediva-Buiguem desde 1952<sup>110</sup>.

Faleceu em Goa a 12 de setembro de 1978.

### **Padre Bourdaloue Xavier António Santa Catarina Mesquita**

O padre Bourdaloue Mesquita nasceu em Benaulim no dia 2 de dezembro de 1913. Completou os cursos de Filosofia e de Teologia no Seminário de Rachol. Foi ordenado sacerdote no dia 12 de abril de 1942.

Nomeado missionário de Timor por Portaria n.º 59, de 6 de maio de 1947. Pela Provisão de 21 de julho de 1947, era nomeado missionário da Diocese de Díli<sup>111</sup>.

Após a sua chegada a Timor, o Padre Bourdaloue Mesquita foi nomeado Vigário Cooperador da Missão de Ainaro; entre 1948 e 1950, foi colocado na Missão de Soibada como Vigário Cooperador e professor. Pelo Despacho de 28 de agosto de 1950, o Padre Bourdaloue, foi nomeado Vigário Cooperador da Missão de Ainaro<sup>112</sup>.

No dia de 1951, o padre Bourdaloue foi celebrar o Natal com os cristãos na Estação missionária de Maubisse. Sobre essa festa, ouçamos o cronista:

O Padre Mesquita rezou a missa e distribuiu 300 comunhões. Depois da celebração litúrgica houve festa para o povo.

Um bodo para mais de 400 pessoas, entre crianças, mulheres e homens, não só cristãos mas também catecúmenos, e até gentios, tanto de Maubisse como de Turiscaí. A ementa consta de arroz, cabrito, com feijão, batata e hortaliça, e para que nada faltasse também se distribuiu vinho tinto e tabaco aos

---

<sup>108</sup> GONÇALVES, Pe. Alberto, “Carta de Ainaro”, in SEARA, março-abril de 1950, Ano II, N. III e IV, p. 58.

<sup>109</sup> Cfr. SEARA, julho-agosto de 1950, Ano II, N.º VII e VIII, p. 187.

<sup>110</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X., p. 530.

<sup>111</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

<sup>112</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1950, N.º 11 e 12, p. 187.

adultos. A alma de tudo isto foi o Revv.do Pe. Mesquita que se tem desentranhado com carinhos e desvelo por estas almas incultas, confiadas ao seu zelo que não se poupa a sacríficos mesmo monetários para valer as criancinhas pobres. Os chefes locais colaboraram dedicadamente com Sua Reverência para o bom êxito daquela pequenina festa do Natal<sup>113</sup>.

Ainaro, 2 de Janeiro de 1951 - Sedile

Por motivos de saúde e pela recomendação da Junta de Saúde de Timor, o missionário goês foi exonerado do serviço na Diocese de Díli, pelo Despacho N.º 29, de 2 de novembro de 1953.

Porém, um ano depois, parece que voltou à Diocese de Díli. Pois, pelo Despacho de 16 de setembro de 1954, o padre Bourdaloue Xavier Mesquita foi transferido do Vigário cooperador da Missão de Ainaro para Vigário cooperador da Missão de Cova-Lima<sup>114</sup>.

Por Provisão N.º 22, de 15 de julho de 1957, foi desligado, a seu pedido, do serviço da Diocese de Díli, o Padre Bourdaloue Xavier António Mesquita Santa Catarina.<sup>115</sup> Este antigo missionário regressou à sua terra, e não sabemos como foi a sua vida ou o seu trabalho sacerdotal na Índia Portuguesa. Nem sabemos do ano do seu falecimento.

### **Parte Oficial - Secretaria e Chancelaria**

Despacho N.º 24, de 2 de Novembro de 1956: “Tendo o Revdo. Pe. Bourdaloue Mesquita, embarcado em 2 de Novembro para a Índia por parecer da Junta de Saúde, exonero-o do lugar de Vigário Cooperador da Missão de Ermera” - (Ass). Pe. Porfírio F. Campos.<sup>116</sup>

### **Padre Frederico José do Carmo Álvares da Costa**

Era natural de Pondá, onde nasceu a 18 de dezembro de 1918, filho de Caetano Francisco Álvares da Costa (médico) e de Carmina Álvares da Costa. Frequentou o Seminário de Rachol onde completou os estudos eclesiásticos. Foi ordenado sacerdote a 16 de abril de 1944. Como novel-sacerdote

<sup>113</sup> SEARA, janeiro-fevereiro de 1952, Ano IV, n.º 1, p. 32.

<sup>114</sup> SEARA, setembro-outubro de 1954, Ano V, N.º 5, p. 245.

<sup>115</sup> Idem, julho-agosto de 1957, N.º 4, p. 2.

<sup>116</sup> Idem, janeiro-fevereiro de 1957, Ano IX, N.º 1, p. 4.

trabalhou em Navelim, como vigário cooperador (1944-1946)<sup>117</sup>. Nomeado missionário de Timor por Portaria N.º 61, de 6 de maio 1947. Pela Provisão eclesiástica de 21 de julho de 1947, era nomeado missionário da Diocese de Díli. Após a sua chegada a Timor, a primeira colocação foi na Missão de Ainaro. Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, o Padre Frederico Álvares da Costa foi transferido da Missão de Ainaro para Vigário Cooperador do Superior da Missão de Ermera <sup>118</sup>.

Pelo Despacho de 6 de outubro de 1950, foi exonerado do cargo de Vigário Cooperador da Missão de Ermera e nomeado Professor do Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima (secção de Preparatórios) e da Escola de S. Francisco Xavier (preparação de Professores— Catequistas)<sup>119</sup>.

Mais tarde, seria nomeado Vigário substituto da Paróquia de Díli. Nessa qualidade, presidiu às cerimónias da bênção e a distribuição de ramos. O mesmo acontecendo com a vigília pascal na noite de sábado santo. Na quinta-feira santa e no domingo da Páscoa, as cerimónias foram presididas pelo Reverendo padre Porfírio Campos, Governador do Bispado da Diocese de Díli.

Foi desligado do serviço da Diocese e regressou a Goa.

### **Padre José Félix Filomeno da Piedade Dias**

Nasceu em Mormugão, a 20 de novembro de 1914. Fez os estudos no Seminário de Rachol. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 19 de outubro de 1941. Foi capelão de S. Sebastião de Pangim até 1946 e de Camorlim, da Raia (1947). Nomeado missionário de Timor, por Portaria N.º 115 de 4 de dezembro de 1946. Por Provisão Eclesiástica de 21 de julho de 1947, foi nomeado missionário da Diocese de Díli e colocado na Missão de Baucau, como Vigário Cooperador do Superior da Missão. Em 1949, na Vila Salazar, Baucau, o padre Filomeno Dias assistiu à inauguração da nova Escola feminina cuja construção ocorreu no ano de 1948. Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, foi transferido para a Câmara Eclesiástica em Díli<sup>120</sup>. Pelo Despacho de 15 de setembro de 1954, o padre José Félix Filomeno da Piedade

<sup>117</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X., p. 530.

<sup>118</sup> SEARA, agosto de 1954, Ano V, N.º 8, p. 137.

<sup>119</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1950, N.º 11 e 12, p. 188.

<sup>120</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

Dias foi nomeado Procurador das Missões Católicas Portuguesas de Timor, em Díli<sup>121</sup>. Desligado do serviço da Diocese de Díli, regressou a Goa.

### Padre Santana Roque Pereira

Nasceu em Solv, na freguesia de Raia, Concelho de Salcete, Goa, no dia 4 de agosto de 1918. Foram seus pais Zeferino Caetano Cirilo Metdio Pereira (+ em 1968) e Idalina Castelo (+ 1989). Foi batizado na Igreja de Raia. Frequentou a Escola Primária da sua freguesia e, uma vez completada a instrução primária, ingressa no Seminário de Rachol, no ano de 1931. Ali faz os estdios preparatórios e os cursos de Filosofia e de Teologia. Recebeu as ordens menores das mãos do novo Arcebispo, Dom José da Costa Nunes, em 1942. No ano seguinte  ordenado diácono. No dia 26 de outubro de 1944 recebe a ordenação sacerdotal, juntamente, com os padres Aleixo Dias e Jacques Fernandes. O presbiterado foi-lhe conferido pelo novo Arcebispo de Goa, Dom José da Costa Nunes. A ordenação sacerdotal que devia ocorrer em 1943, não se realizou pela morte do Arcebispo Dom Teotnio, na cidade de Roma. Celebrou a Primeira Missa na Igreja de Raia. Entretanto, é nomeado prefeito no Seminário de Rachol. De 1945 a 1947, o padre Santana Roque Pereira trabalha na Paróquia de Navelim, como coadjutor do pároco. Aconteceu que no dia 3 de dezembro de 1946, passou por Navelim um missionário de Timor, Padre Diogo de Almeida que lhes falara das necessidades de Timor. Conta o Padre Santana, a propósito de este encontro: “*O padre disse-nos: hoje é dia de São Francisco Xavier, missionário do Oriente, peo-vos neste dia, para irdes ajudar as missões de Timor*”. Foi então que ele e o colega Pe. Jacques se ofereceram a Deus como futuros missionários de Timor. Estamos em crer que o padre Diogo, missionário em Timor desde 1924, teria feito contacto com outros sacerdotes, desejosos de irem para Missões.

Tendo sido nomeado missionário de Timor, por Portaria n.é 65, de 6 de maio de 1947, embarca para Díli no navio “Lourenço Marques”, e chega a Díli no dia 21 de julho do mesmo ano. Foi nomeado missionário da Diocese de Díli pela Provisão Eclesiástica de 21 de Julho de 1947<sup>122</sup>.

Era Governador do Bispado o Padre Francisco Porfírio Campos, visto Dom Jaime se encontrar em Roma, durante a cerimnia da canonização de

<sup>121</sup> SEARA, setembro-outubro de 1954, Ano VI, N. V, p. 245; TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X., p. 530.

<sup>122</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

São João de Brito. Pela Provisão eclesiástica, o Padre Santana Roque Pereira é colocado como vigário cooperador na Missão de Ainaro. Antigamente, para a Ainaro, as pessoas tinham de ir por Tibar, Naisuta, Tokoluli e Aileu.

Exercia o cargo de superior da Missão o reverendo padre Alberto da Ressurreição Gonçalves, natural de Mogadouro, Portugal. A Missão de Ainaro abrangia as seguintes estações missionárias: Hatudo, Mape, Bobonaro, Lolotoe, Fatumean, Fatululic e Fohorem.

Em 1948, era aberta a Missão de Bobonaro, e o padre Santana Roque, por conveniência de serviço, é transferido para Bobonaro. Tendo-se estabelecido em Bobonaro, na companhia dos Padre Afonso Santos (superior da Missão) e do padre Martinho da Costa Lopes (timorense; Fig. 37), o missionário goês foi encarregado de exercer a cura pastoral nas zonas sul da Missão, isto é, as regiões de Zumalai, Suai, Tilomar, Fohorém, Fatumean e Fatululic. Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, foi transferido da Missão de Bobonaro para Vigário-Cooperador do Superior da Missão da Cova-Lima<sup>123</sup>.

Em 1949, as estações missionárias da Fronteira foram erigidas em Missão, tendo como superior o Padre Carlos da Rocha Pereira. Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, o padre Santana Roque Pereira foi nomeado Vigário Cooperado do Superior da Missão de Cova-Lima<sup>124</sup>. Em 1952, é nomeado Vigário Cooperador da Missão de Soibada.

Pelo Despacho de 26 de setembro de 1950, o padre Santana Roque era exonerado do cargo do Vigário Cooperador de Cova-Lima e nomeado Vigário Cooperador da Missão de Soibada<sup>125</sup>. Pelo Despacho de 26 de junho de 1952, foi nomeado Vigário substituto do Superior de Cova Lima<sup>126</sup>.



Fig. 37. Padre Martinho da Costa Lopes. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974.

<sup>123</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

<sup>124</sup> Cfr. SEARA, Ano V, N.º 8, p. 1.

<sup>125</sup> Cfr. SEARA, novembro-dezembro de 1950, N.º 11 e 12, p. 187.

<sup>126</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, p. 530.

Em 1954, seria nomeado superior da Missão de Bobonaro, com sede na vila de Maliana. No ano de 1955 até 1956, Pe. Santana exerce o cargo de superior da Missão de Ermera. Depois de quase nove anos de serviço contínuo, foi-lhe dada a oportunidade de ir gozar a licença graciosa em Goa. Depois de regressar a Timor e por Despacho N.º 30, de 27 de abril de 1957, foi nomeado Superior da Missão de Alas, onde era vigário o padre Simplício Luisinho Pereira, também ele natural de Goa (1958-1961). Por Despacho N.º 49, de 8 de novembro de 1957, por conveniência de serviço, foi nomeado Superior da Missão de Ainaro, cumulativamente, com o cargo de Superior da Missão de Alas<sup>127</sup>. Nesse período, o padre Santana Roque Pereira construiu a Igreja de Turiscai.

De 1961 a 1964, é superior da Missão de Soibada. Como diz o padre Aureo da Costa Gusmão:

Para preencher a sua vaga (transferência do anterior superior Pe. Januário para Díli), foi nomeado o Pe. Santana Roque Pereira, que durante quatro anos esteve à frente da Missão e do Colégio, procurando caminhar nas pegadas do seu antecessor. Dedicou-se, porém, mais intensamente à vida missionária, tendo feito frequentes visitas às Estações onde procurou melhorar as capelas. Nas Estações Missionárias de Fatuberlio e de Fahinehan construiu em alvenaria capelas de linhas simples e airosas. Tendo ido à metrópole de licença graciosa, foi nomeado superior interino e por acumulação com o de Superior da Missão de Alas, o Padre Aleixo Baptista da Graça Dias.<sup>128</sup>

Por Provisão N.º 114, de 13 de dezembro de 1960, o padre Santana Roque Pereira foi nomeado para constituir, juntamente com outros três sacerdotes, o Concelho Administrativo de Diocese de Díli.

Em 1960, o reverendo Padre Santana Pereira era superior da Missão de Alas, a qual tinha as seguintes estações missionárias: Fahinehan, Fatu-Berliu Tutuluro e Same. No Natal desse ano, o padre solicitou a ajuda do padre Carlos Pereira da Rocha que rezou a Missa do Natal. Os alunos da Missão deram brilho especial à Eucaristia, cantando a Missa gregorina “De Angelis”. É para admirar como numa missão perdida na costa sul de Timor, os alunos cantavam em latim...

Tomaram parte nessa Missa de Natal os cristãos das Estações Missionárias de Fainhehan, Fatu-Berliu, Tutuluro e Same.

<sup>127</sup> Cfr. SEARA, novembro-dezembro de 1957, Ano IX, p. 3.

<sup>128</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 508.

Nos quatro dias que se seguiram ao dia 25 de dezembro de 1960, o missionário convidado, Padre Carlos da Rocha Pereira batizou 15 crianças, abençoou seis matrimónios e admitiu à Primeira Comunhão 4 crianças<sup>129</sup>.

Em 1964, goza a licença graciosa em Lisboa. Depois de regressar à Diocese, é nomeado Superior da Missão de Maliana, uma vez que, tinha falecido o titular, Padre Manuel Silveira Luís (açoriano).

Pela Provisão N.º 114 de 13 de dezembro de 1960, foi nomeado para integrar o Conselho Administrativo da Diocese.

Como Superior da Missão de Maliana, em 1972, inicia a construção da Igreja. A vasta missão abrangia os postos administrativos de Maliana (sede), Cailaco, Balibó e Atabae.

Em 1983, já no tempo do Administrador Apostólico Carlos Filipe, a Missão de Maliana ficou desmembrada: Missão de Maliana com a Estação Missionária de Cailaco, confiada aos cuidados pastorais do Reverendo padre Santana Roque Pereira. E a nova missão de Balibó, com as estações missionárias de Batugadé e Atabae, entregue aos padres da Congregação do Verbo Divino. Como responsável de Cailaco, o padre Santana construiu uma capela em Purgoa e planeou a construção da igreja de Cailaco.

No ano de 1990, por Provisão do Administrador Apostólico de Díli, este veterano missionário de Timor, é transferido para a Missão de Dare, cuja igreja é dedicada a São Francisco Xavier. Era grande a sua devoção por São Francisco Xavier. Por isso, quando se lhe pediu para mudar para Dare, uma paróquia pequena, nos subúrbios de Díli, o padre Santa afirmava: *“Saí de Goa no dia de São Francisco Xavier; agora, que me restam poucos anos de vida, destinam-me para a Paróquia de São Francisco Xavier”*. O Reverendo Padre Santana permaneceu em Dare até o ano de 2005. Durante esse período construiu a nova Igreja de Dare, e visitava com frequência as áreas da Paróquia que pertenciam ao Posto Administrativo de Laulara e Aileu. O Padre Santana escolheu Timor-Leste, como sua segunda pátria. Por isso mesmo doente manifestou o desejo de permanecer em Timor.

Na minha primeira visita à Estação missionária de Lolotoi, que pertencia à Paróquia de Bobonaro, o padre Santana ofereceu-se para me levar no seu jeep até Lolotoi. Os caminhos eram de terra batida e cheios de pedras e calhaus. O padre, com muita perícia e paciência, conseguiu levar o carro até ao seu destino. Ao regressarmos de Lolotoi, ele próprio proporcionou-nos um passeio até “bé-manas” de Marobo. Nunca irei esquecer a sua bondade, pois no mês

---

<sup>129</sup> Cfr. SEARA, novembro-dezembro de 1960, Ano XII, p. 333.

de agosto de 1975, recebeu-me na sua pobre residência, contigua à igreja de Maliana. De facto, no dia 22 de agosto de 1975, a pedido do Padre Manuel Victor, fui acompanhá-lo até Liquiçá, fugindo da guerra civil entre as forças da UDT e Fretilin. De Liquiçá, prosseguimos a viagem para Maliana, aonde chegámos pelas duas horas de madrugada. Tendo apenas um quarto livre para os hóspedes, (e naquela noite, foi destinado ao padre Victor), o padre Santana apontando a sacristia contígua ao altar-mor, e, depois de ter dado uma esteira (biti), uma almofada e uma toalha de mesa, disse: “ó toba iha ne’e’ebá”, isto é, “tu, dormes ali”. Fiquei em Maliana dez dias, e todos os dias, ajudava-o no cartório paroquial... No dia 31 de agosto de 1975, tivemos de deixar Maliana e ir para Batugadé... O padre deu-me boleia até Atambua, onde ficámos durante um mês. Daquela vila indonésia, por ordem dos meus superiores, prossegui a viagem para Kupang e, dali para Jacarta e Macau. Mais tarde, ouvi dizer que o Padre Santana havia regressado à sua querida Missão de Maliana. Em 1983, recebeu-me de novo, desta vez, já como Administrador Apostólico da Diocese de Díli. Sempre solícito, aquele bondoso missionário levou-me a visitar Cailaco e Purgoa. E, naturalmente, a Balibó, onde abrimos a nova Paróquia de Santo António de Balibó, no dia 12 de junho de 1983.

No ano de 2004, o padre Santana estava internado no hospital de Díli (em Bidau), e eu, movido de sentimentos de gratidão e admiração, fui visitá-lo. Quando me viu começou a chorar como uma criança... Já em Portugal, ouvi dizer que fora levado para Jacarta para ali ser tratado.

Faleceu em Jacarta (Indonésia) no dia 15 de agosto de 2005. Os seus restos mortais repousam em Dare. O padre Santana Roque Pereira dedicou 57 anos da sua vida às Missões de Timor-Leste.

### Parte Oficial — Secretaria e Chancelaria

- Despacho N.º 30, de 27 de Abril de 1957: Encontrando-se vago o lugar de Superior da Missão de Alas, nomeio para o referido lugar o Revdo. Pe. Santana Roque Pereira. (ass). Jaime, Bispo de Dili.<sup>130</sup>
- Provisão N.º 114 de 13 de dezembro de 1960, “Nomeando para constituir o Concelho Administrativo da Diocese o Revdo. Pe. Santana Roque Pereira.

---

<sup>130</sup> SEARA, maio-junho de 1957, N.º IX, n.º 3, p. 1.

Biografia: Sobre este missionário veterano, o padre Peter Puthenkandam, C.M.F. publicou uma curta biografia do Pe. Santana na Revista Seara, Série IX, Ano 2, N.º 9, setembro de 2002, p. 9; e, Série IX, Ano 2, N.º 10, outubro de 2002, p. 9 e p. 11. E a mesma Revista, de setembro de 2002, na capa, apresenta uma bonita fotografia do missionário, de barbas brancas e olhos brilhantes, com a legenda: Pe. Santana Roque Pereira Missionário iha Timo iha tinan 55 laran” (Pe. Santana Roque missionário em Timor-Leste durante 55 anos). (Fig. 38)

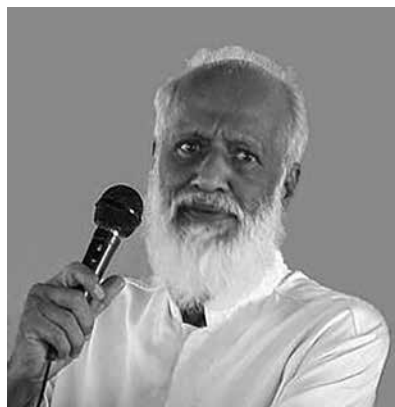


Fig. 38. Pe. Santana Roque Pereira, Goa

### **Padre Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário**

Nasceu em Loutulim, no dia 10 de janeiro de 1911, filho de Caetano Baptista Sant’Ana do Rosário e de Esmeralda Pereira do Rosário. Estudou no Seminário de Rachol. Foi ordenado sacerdote no dia 26 de novembro de 1939. Nomeado missionário para Timor por Portaria n.º 66, de 6 de maio de 1947. E pela Provisão de 21 de julho de 1947, era nomeado missionário da Diocese de Díli<sup>131</sup>. Pelo Despacho de 10 de setembro de 1949, foi nomeado vigário cooperador do superior da Missão de Oe-Cusse<sup>132</sup>.

No ano lectivo de 1950/1951, foi transferido para o Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima, e Escola de Professores-Catequistas, como prefeito dos alunos e professor; lecionava Ciências II, Religião, Matemática, História de Portugal III; e dava catecismo aos seminaristas da Instrução Primária, isto é, aos alunos, que foram para Dare com a 3ª classe ou 4ª classe.

Em 1952, foi a Goa gozar a licença graciosa de cento e oitenta dias, concedida por Provisão de 21 de junho de 1952<sup>133</sup>.

No ano de 1955/1956, o padre Sebastião Xavier do Rosário estava colocado na Missão de Oe-Cusse, como Superior substituto e confessor ordinário das Irmãs dominicanas do Santíssimo Rosário.

<sup>131</sup> SEARA, agosto de 1949, Ano I, N. 8, p. 173.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, p. 530.

Provisão N.º 11

Presbítero Porfírio Rodrigues Campos, Vigário Geral e actual Governador do Bispado de Díli,

Achando-se vago o lugar de confessor ordinário das Reverendas Madres Dominicanas de Oe-Cusse pela exoneração do Reverendo Pe. Custódio Santana Vales,

Havemos por bem nomear para o dito cargo de confessor ordinário das Reverendas Madres Dominicanas de Oe-Cusse o Reverendo padre Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário.

Dada em Díli, aos 30 dias do mês de Maio de 1956.

(Ass.) Pe. Porfírio Campos - Governador do Bispado<sup>134</sup>

Despacho N.º 15

Tendo o Reverendo Superior da Missão de Oe-Cusse, Padre Norberto Augusto Parada regressado da Metrópole, finda a licença graciosa, devendo por isso ocupar o lugar de que é proprietário, exonero do lugar de Superior Substituto da Missão de Oe-Cusse o Rev.do Pe. Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário e o nomeio vigário cooperador da mesma Missão.

Dili, 30 de Maio de 1956.

(Ass.) Padre Porfírio Campos,  
Governador do Bispado<sup>135</sup>

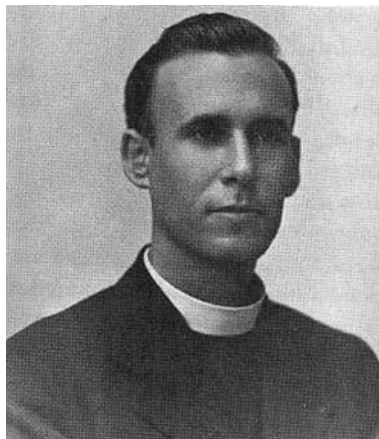


Fig. 39. Padre Norberto Augusto Parada. Publicada in: Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974

## Parte Oficial - Secretaria Episcopal

— Provisão N.º 7, de 12 de fevereiro de 1959: Concedendo cento e cinquenta dias de licença graciosa ao Reverendo Padre Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário<sup>136</sup>. Parece que o padre Sebastião adiará a

<sup>134</sup> Cfr. SEARA, janeiro-julho de 1956, Ano VI, N.º 1, pp. 5-6.

<sup>135</sup> Idem, p. 6.

<sup>136</sup> Idem, janeiro-fevereiro de 1959, Ano XI, p. 1.

viagem, pois a 6 de janeiro de 1960, foi publicada outra provisão, cujo teor era:

- Provisão N.º 6 de 5 de Janeiro de 1960: Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo Pe. Sebastião Menino Francisco Xavier do Rosário<sup>137</sup>.

A 10 de junho de 1960, partia para Goa a fim de gozar a licença graciosa, como diz a “crónica”: Em gozo de licença graciosa, partiu, na manhã do dia 10 de Junho de 1960, para a Metrópole e Goa, o padre Sebastião M. F. Xavier do Rosário<sup>138</sup>. Provavelmente, foi nessa ocasião de ida a Goa, que o antigo missionário de Oe-Cusse, decidiu permanecer na sua terra, não regressando mais a Timor.

---

<sup>137</sup> Cfr. SEARA, janeiro-fevereiro de 1960, Ano XII, N.º 7, p. 38.

<sup>138</sup> Idem, maio-junho de 1960, p. 185.



## CAPÍTULO VI

# A Segunda Expedição de Missionários Goeses (1954)

Em 1954 chegaram mais cinco sacerdotes da Arquidiocese de Goa, os quais, posteriormente, ficaram incardinados na Diocese de Díli<sup>139</sup>.

Lemos a crónica, transcrita na revista *SEARA*:

No avião de 3 de Janeiro, chegou a Díli o Mto. Reverendo Monsenhor Diogo José Caetano Ave Maria de Almeida que embora já reformado, volta para esta Diocese onde trabalhou durante muitos anos, merecendo justa nomeada por alguns templos que construiu. Chegaram também os Muito Reverendos Padres João de Deus Wolfango da Silva, Custódio Santa Vales, José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro, Simplício Luisinho Pereira e João Roque Fagundo Martins. São todos goeses formados no Seminário de Rachol. Vêm trabalhar para Diocese de Díli. [...]. Os padres Monteiro e Vales foram colocados no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare. O padre Wolfango da Silva colocado na Missão de Ermera; o padre Simplício Pereira em Alas; o padre João Martins em Baucau.

Mais tarde, o Revdo. P. Martins foi colocado na Câmara Eclesiástica, em Díli, como Procurador das Missões e dos Missionários. Bem-vindos.<sup>140</sup>

### **Monsenhor José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro**

Monsenhor José Álvaro Monteiro (Fig. 40) nasceu a 16 de janeiro de 1923, em Taleigão, Concelho das Ilhas (Goa), Estado da Índia Portuguesa. Foram seus pais Casimiro Esaurino Vespasiano Miguel do Rosário Menezes e Monteiro e a senhora Maria Artemisia Lucília Santimano e Monteiro. Tinha cinco irmãos. O menino José Álvaro frequentou o ensino primário na sua terra Taleigão, de 1929 a 1934. Querendo ser sacerdote, ingressou no Seminário Patriarcal de Rachol, em Goa (1934 a 1941). Feitos os estudos secundários,

---

<sup>139</sup> Cfr. *SEARA*, janeiro-fevereiro de 1954, Ano VI, n.º 1, p. 58.

<sup>140</sup> *Idem*.

frequentou o curso de Filosofia (1941-1943) e o de Teologia (1943-1947), no mesmo Seminário Patriarcal. A 11 de outubro de 1945, recebe as ordens menores na igreja do Seminário, as quais foram conferidas pelo então Arcebispo de Goa, Damão e Diu e Patriarca das Índias Orientais, Dom José da Costa Nunes. Um ano depois, isto é, 10-10-1946, receberia o Subdiaconado e seria ordenado diácono na igreja paroquial de Navelim, pelo Bispo Valeriano Gracias, Arcebispo de Bombaim (11-01-1947). A 19 de outubro de 1947, seria ordenado padre na igreja do Seminário de Rachol, por Dom José Alvernaz. Como novel sacerdote, exerce o cargo de prefeito no Seminário Patriarcal (1947-1948). No ano de 1948 a 1950, é professor de Filosofia e de Latim no Seminário Maior “St. Joseph’s”, de Allahabad, Índia. Tendo regressado a Goa, exerceu a docência no Liceu inglês “Mater High School”, encarregando-se das disciplinas de Português e de Religião. Além disso, era capelão da Capela de Ararim, Saligão, Goa.

Sonhando com as Missões, foi destinado para Timor Português. Sendo nomeado por Portaria n.º 138, de 2 de novembro de 1953. No dia 3 de janeiro de 1954, desembarcava no porto de Díli. Entretanto, fora nomeado professor no Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima, em Dare. E dava aulas aos alunos da Escola de Preparação de Professores-Catequistas. Mas, em 1958, tendo Dom Jaime Garcia Goulart decidido entregar a direção do Seminário aos padres jesuítas, o padre Monteiro foi exonerado: “*Despacho N.º 60, de 28 de junho de 1958, o Prelado exonera o padre José Álvaro Nolasco Santimano Meneses e Monteiro do cargo de professor do Seminário de Nossa Senhora de Fátima*”.

Foi colocado na Câmara Eclesiástica, em Díli, exercendo interinamente o cargo de Chanceler, durante o mês de outubro de 1958. No ano de 1959, rumo à zona leste, onde exerce o seu ministério na Missão de Baucau (1959-1960). A 10 de junho de 1960, o Padre José Monteiro partia para Goa a fim de gozar a licença graciosa<sup>141</sup>.



Fig. 40. Mgr. José A. N. M. S. Monteiro, Goa

<sup>141</sup> SEARA, maio-junho de 1960, Ano XII, p. 184.

No ano de 1961, era nomeado Vigário Cooperador da Missão de Ermera. E em 1963, exerce o cargo de Superior daquela vasta Missão que se estendia desde Atsabe até Liquiçá e Maubara. Depois de seis anos de intenso labor apostólico, seria nomeado, em 1968, Procurador-Geral da Diocese de Díli (1968-1971). Entretanto, era nomeado Capelão do Hospital e professor de Deontologia médica dos alunos do Curso da Enfermagem. De 1971 a 1974, exerceu o cargo de Diretor do Internato “Colégio Bispo Medeiros”, em Lahane. Entrementes, dava aulas de Filosofia (Ética) no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare (1972-1974 e de Latim e de Religião e Moral no Liceu “Vieira Machado”. Foi ainda nomeado diretor do Externato de São José. No ano de 1975, volta a exercer o cargo de pároco, desta vez na Paróquia de Santo António, de Motael. (Fig. 41 e 42) Esta Paróquia incluía os bairros da parte central e ocidental da cidade de Díli e a ilha de Ataúro. Permanece em Motael até 1982. Entretanto, ia exercendo outras funções como a de ser diretor do Secretariado da Assistência Social (na língua indonésia, Delsos, ou seja, Delagatus Socialis). Nesse ano de 1982 seria nomeado superior da Missão de Ermera, mas a provisão nunca foi executada, permanecendo o padre Monteiro na Câmara Eclesiástica. Até que em 1983, no mês de maio, o novo Administrador Apostólico, Monsenhor Carlos Filipe Ximenes Belo falou com ele se estava disposto a assumir o cargo de pároco na Paróquia de Becora. Ele bem queria permanecer em Motael. Depois de alguma resistência inicial, o Reverendo Padre Monteiro aceitou mudar-se para Becora, e ali permaneceu



Fig. 41. Igreja de Santo António de Motael, Díli ; <https://www.hpip.org/pt/heritage/details/2226>



Fig. 42. Igreja de Santo António de Motael, Díli; <https://www.hpip.org/pt/heritage/details/2226>

até o ano de 2000. Em 1997, a 14 de outubro, o Padre José Monteiro teve a dita de celebrar as bodas de ouro de ordenação sacerdotal, na Igreja de Becora. Pela concorrência de tão grande número de paroquianos e amigos, de sacerdotes e religiosas, a Eucaristia foi celebrada ao ar livre. Esteve presente o Padre Mário do Carmo Belo, Vigário-geral da Diocese de Baucau e 30 sacerdotes. Depois da Santa Missa houve uma sessão de homenagem no salão paroquial.

Durante todo o tempo que esteve como pároco, foram atribuídas diversas responsabilidades ao padre José Monteiro: Vigário-Geral provisório (1999-2000); Ecónomo e Procurador da Diocese (1999-2010). Participou ativamente nos Conselhos Presbiterais (1970-2001); membro do Conselho da Administração da Diocese (1993); membro do Conselho dos Consultores (dois turnos), de 1988 e 2002; Juiz do Tribunal Eclesiástico (1994); Vigário Forâneo (1996-2000), Capelão da Santa Casa de Misericórdia de Díli (2001); conselheiro da Comissão da Saúde. No dia 1 de abril de 2001, foi a Goa visitar a família e gozar um mês de férias. Regressou a Timor-Leste e esteve sempre na Paróquia de Becora. Nesse ano, foi nomeado Vigário Forâneo para a Zona pastoral da cidade de Díli.

No ano de 2011, passou a residir na nova residência da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus, em Bedóis, na parte oriental da cidade de Díli.

Faleceu no Hospital Guido Valadares, em Bidau, Díli, no dia 1 de outubro de 2016. Tinha 93 anos de idade, dos quais 53 anos em Timor-Leste.

Regista-se neste livro a reação dos cristãos de Díli:

Querido Padre Jose Alvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro

E com grande tristeza que vemos a tua partida, deixando orfaos os cristaos do teu grande Rebanho em Timor-Leste

Ficam connosco os bons momentos, os bons conselhos, tuas sábias correcções e as alegrias que cultivaste nos nossos corações!

Porque é obra de misericórdia espiritual aconselhar e orientar os humildes, foste misericordioso ao longo da tua via para connosco!

No espirito de cada cristão discípulo dos teus ensinamentos, continua a tua herança patente nos nossos comportamentos e boa atitude moral, ética e religiosa.

Obrigado por teres sido o nosso Bom Pastor! A nossa sentida homenagem.

E sentidas condolências para toda a nossa Família Cristã.

O padre José Álvaro Monteiro foi um sacerdote de muitas iniciativas pastorais, sociais e educativas. Incentivou o “Apostolado da Oração”, a Cruzada Eucarística, o grupo de Acólitos de São Tiago, a Associação de Famílias Católicas.

Enquanto era pároco de Ermera, o padre Monteiro mandou construir a igreja de Letefoho (1964); a igreja de Liquiçá (inaugurada em 1966). Como pároco da paróquia do sagrado Coração de Jesus, renovou e ampliou a igreja paroquial de Becora; mandou construir as igrejas em Hera (São Tiago), Metinaro (Nossa Senhora Graça); Acanuno ou Akanunu (São Francisco), Bedóis (Díli) (Santa Teresinha do Menino Jesus); capelas em Bekorak e no alto de Taibessi.

O padre José Monteiro dedicou especial atenção à educação da juventude: construiu edifícios escolares, como Jardim Infantil Santa Mari Goretti e edifícios para a escola pré-secundária (em indonésio SMPK, aliás, *Sekolah Mengah Pertama Katolik*, correspondente aos 5.º, 6.º e 7.º Anos); para a escola secundária (SMAK, *Sekolah Menengah Atas Katolik*, correspondente aos 8.º, 9.º e 10.º Anos). Para as raparigas fundou o Lar “Almar Mater”. Foi nomeado Monsenhor no tempo do Bispo Alberto Ricaro da Silva.

Além do ministério sacerdotal na sede da Paróquia e nas Estações missionárias, o padre Monteiro teve tempo de redigir alguns artigos de opinião, aliás, muito pertinentes, artigos esses publicados na Revista SEARA. Destacamos:

- “Carta ao Editor Sobre o Casamento Misto”, de 5 de abril de 1993, *Seara*, junho de 1993, pp. 14-15.
- “Conveniência e os critérios para a criação das Estações Missionárias” de 30 de maio de 1993, in *SEARA*, julho de 1993, pp. 28-29; *Idem*, agosto de 1993, pp. 21-24.
- “Relatório sobre a Zona Pastoral de Díli”, *SEARA*, junho de 1994, pp. 20-21.
- “Tempo Próprio da Celebração do Casamento”, *SEARA*, Série VII, Ano 1, N.º 2, maio de 1997, pp. 58-59.
- “Recordando”, *SEARA*, Série IX, Ano 3, setembro de 2003, p. 5.
- “Cônjuges sobreviventes à luz do Cânone 1707”, *SEARA*, Série IX, Ano, 3, setembro de 2003, p. 3; *Idem*, outubro de 2003, p. 5 e p. 7.

### Parte Oficial-Secretaria Episcopal

- Despacho N.º 34: “Por conveniência de serviço exonero o Revdo. Pe. Álvaro Monteiro de Vigário Cooperador da Missão de Ermera, passando a prestar serviço na Câmara Eclesiástica até lhe ser dada nova colocação”. Díli, 27 de abril de 1957. (Ass). Jaime, Bispo de Díli.
- Despacho N.º 60 de 28 de julho de 1959: Exonerando o Rev. Pe. José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro do cargo de Professor do Seminário de Nossa Senhora de Fátima.<sup>142</sup>
- Provisão N.º 103 de setembro de 1958: Nomeando o Rev. Pe. José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro Chanceler e Secretário interino da Câmara Eclesiástica<sup>143</sup>.
- Despacho N.º 78 de 16 de dezembro de 1958: Nomeando o Revdo. Pe. José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro Vigário Cooperador da Missão de Baucau.<sup>144</sup>

<sup>142</sup> Cfr. *SEARA*, julho-agosto de 1958, Ano X, N.º 4, p. 165.

<sup>143</sup> *Idem*, setembro-outubro de 1958, Ano X, N.º 5, p. 215.

<sup>144</sup> *Idem*, novembro-dezembro, de 1958, Ano X, N.º 6, p. 249.

- Provisão N. 3 de 3 de janeiro de 1960: Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo. Pe. José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro.<sup>145</sup>
- Provisão de julho de 1983, nomeando o Reverendo Padre José Nolasco Santimano Menezes Monteiro, Pároco de Paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Becora. (as). Mgr. Carlos Filipe Ximenes Belo, Administrador Apostólico *ad nutum Sanctae Sedis* da Diocese de Díli.
- Provisão N. 4, de 1 de janeiro de 1993, nomeando o Padre José Monteiro Membro do Conselho Presbiteral.
- Provisão N. 11 de 19 de março de 1994, nomeando por um período de 3 anos o Revdo. Pe. José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro para o cargo de Vigário Forâneo, com todos os direitos e obrigações que lhe competem pelo próprio direito, para Vigararia da Zona da Cidade de Díli, determinada pelos territórios da administração local dos Concelhos de Díli e Liquiçá”. (as.) Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, Administrador Apostólico de Díli.
- Provisão N. 25 de 8 de março de 1995 nomeando o Padre José Monteiro Coordenador da Caritas e Serviços Sociais da Diocese de Díli.

#### Testemunho do autor:

FALECEU O MONSENHOR JOSÉ MONTEIRO (Monsenhor José Álvaro Nolasco Santimano Menezes e Monteiro)

O monsenhor José Monteiro é o único sobrevivente dos missionários da Índia portuguesa enviados a Timor em 1954. É um distinto sacerdote e um zeloso pastor de almas. Nasceu na freguesia de Taleigão, concelho das Ilhas, Goa, Estado da Índia Portuguesa, no dia 16 de janeiro de 1923. É filho de Casimiro Esaurino Vespasiano Miguel do Rosário Meneses e Monteiro e da senhora Dona Maria Artemisia Lucília Santimano. Frequentou o ensino primário oficial em Taleigão; a seguir, o ensino secundário no Seminário Patriarcal de Rachol, Goa. Coursou a Filosofia no mesmo seminário, a Teologia no Seminário Maior Patriarcal de Rachol. Recebeu as ordens menores das mãos do Senhor Dom José da Costa Nunes, Arcebispo de Goa, Damão e Diu e Patriarca das Índias Orientais. Foi ordenado diácono na igreja de Navelim pelo bispo auxiliar de Bombaim, Bispo Valeriano Gracias. Foi ordenado sacerdote na igreja do Seminário de Rachol por Dom José Alvernaz, Arcebispo de Cochim, no dia

---

<sup>145</sup> Idem, janeiro-fevereiro de 1960, Ano XII, N.º 1, p. 28.

19 de outubro de 1947. Já sacerdote, foi nomeado prefeito das aulas no Seminário Patriarcal de Rachol (1947-1948). Mais tarde, é professor de Filosofia e Latim no St. Joseph's Seminary de Allahabad, Índia (1948-1951). Depois é nomeado professor de Português e de Religião no "Mater High School" (liceu inglês) em Goa, e ao mesmo tempo exerce o cargo de capelão da capela de Ararim, Saligão, Goa (1951-1953).

A 2 de novembro de 1953 era nomeado missionário em Timor Português, pela Portaria n.º 138, da arquidiocese de Goa, e chega a Díli no dia 1 de março de 1954. Tendo recebido a nomeação da diocese, é colocado no Seminário de Nossa Senhora de Fátima como professor e era também professor na Escola de Professores-Catequistas que funcionava junto do seminário. Em 1955, era nomeado vigário cooperador da missão de Ermera, onde permaneceu até 1957. No verão desse ano é de novo transferido para o seminário de Dare. Em 1958, recebe a nomeação de chanceler da Câmara Eclesiástica. Um ano depois, é nomeado vigário cooperado da missão de Baucau, onde exerce o ministério até 1960. Ao fim de seis anos de serviço na diocese, parte para Goa para a licença graciosa. Regressando a Timor, é de novo colocado na missão de Ermera (1961-1963), sendo depois nomeado superior da missão e exercendo este cargo até 1967. De 1968 a 1972, ocupa o lugar de procurador da diocese de Díli. Além disso, servia como capelão do hospital e lecionava Deontologia Médica na escola de Enfermagem de Díli. Em 1971, foi nomeado diretor do Colégio Bispo Medeiros, em Lahane (1971-1974); era ainda professor de Filosofia no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare (1972-1974). Em 1974, era nomeado diretor do Externato S. José e acumulava o cargo de professor de Latim e de Religião no Liceu "Vieira Machado" (Díli). Gozou a licença graciosa em 1974, e, depois de merecido repouso, voltou a Timor, sendo nomeado pároco da paróquia de Motael (Díli). Depois da invasão das forças indonésias a Timor, continuou como pároco e exerceu ainda o cargo de diretor da Assistência Social da diocese. Em 1983, foi nomeado pároco da paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Becora, onde desenvolveu intensa atividade religiosa, educacional e social. No ano de 2005, foi-lhe atribuído o título de monsenhor. Faleceu em Díli, no dia 1 de outubro, pelas 20.30 horas locais de Timor-Leste.

À Diocese de Díli e aos Familiares, apresento sentidas condolências.

Porto 1 de Outubro de 2016

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo

Testemunho de um antigo aluno (ex-seminarista de Dare):

PADRE ÁLVARO MENEZES MONTEIRO

Numa tarde húmida e chuvosa de Fevereiro de 1954 chegou ao Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, o seu Reitor, Senhor D. Jaime Garcia Goulart. Ia acompanhado de um sacerdote jovem de olhar inteligente e penetrante.

Os seminaristas encontravam-se na sala de estudos e foi-lhes então apresentado mais um professor a acrescentar a outros três, todos eles de alta craveira intelectual e com muita experiência pedagógica, dois dos quais, respetivamente, os padres Agostinho Gonçalves Rapazote e Isidoro da Silva, tinham ido de Portugal em Outubro de 1953 e um outro Jesuíta, Estanislau Liu, antigo Reitor da Universidade de Pequim, expulso do seu país pelo regime Marxista-Leninista de Mao Tse Tung nos anos cinquenta e chegado a Timor em Janeiro de 1952.

Chamava-se Álvaro Menezes Monteiro o novo professor e era sacerdote goês que o incansável bispo da Diocese de Díli tinha acabado recrutar para o corpo docente do seminário de Dare. Os seminaristas e os alunos do colégio S. Francisco Xavier chamavam-no apenas Padre Monteiro.

Ao senhor padre Monteiro foram atribuídas as cadeiras de Matemática e Ciências Naturais de III e IV anos.

Bafejou-me a grande sorte de ter sido seu aluno de Matemática no ano lectivo de 1953/1954 e de Matemática e Latim no de 1954/1955.

Dotado de uma inteligência acuminada e memória prodigiosíssima o senhor padre Monteiro era um professor exímio que despertava interesse dos alunos às difícilimas matérias de que tinha sido incumbido ensinar. Ele tinha uma arte especial de captar a nossa atenção e era um prazer ouvi-lo explicar em termos claros as teorias mais abstractas e complexas da Álgebra, Trigonometria e Geometria do Espaço.

Não menos brilhante era aquele professor nas aulas de Latim. A Eneida de Virgílio, De Senectute de Cícero e Ab Urbe Condita de Tito Lívio, foram as obras que estudámos com ele no nosso quinto e último ano de Latim. Continuando o trabalho dos anos anteriores por outros professores, o Senhor Padre Monteiro cimentou a nossa aprendizagem e domínio da língua Latina. Tanto assim foi que não encontrámos quaisquer dificuldades no nosso curso de Humanidades e Filosofia em Macau dados em Latim pelo Padre Doutor Júlio Augusto Massa, também um distinto professor de grande envergadura intelectual.

De resto não se esperava outra coisa daquele missionário, pois sempre fora um dos alunos mais distinto do seu curso no seminário de Rachol, em Goa, onde terminou o curso de Teologia com a média final de 18 valores em diversos ramos da Teologia, sendo em seguida convidado para ensinar Filosofia no Seminário Maior de Alabad.

O Senhor Padre Monteiro não transmitiu somente o seu saber em ciências e letras. Soube também conquistar a amizade dos seus alunos e foi esta amizade que o manteve sempre unido aos antigos seminaristas alunos do colégio de São Francisco Xavier que foram seus alunos, em todas as vicissitudes da vida.

Quero com este modesto testemunho prestar a minha homenagem de profunda gratidão como um dos seus alunos no seminário e também como timorense pelo trabalho que o senhor padre Monteiro desenvolveu em Timor como professor exímio no Seminário de Nossa Senhora de Fátima e Escola de São Francisco Xavier e como missionário abnegado em Terras de Timor-Leste!...

Deus o tenha na sua glória!

Perth, 18 de Abril de 2018.

Domingos de Oliveira

### **Padre Custódio Santana Vales**

Este sacerdote chegou a Díli em 1954, integrado na segunda expedição dos padres goeses. A princípio, foi colocado no Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, como professor e prefeito de disciplina.

Pelo Despacho de 16 de setembro de 1954, o padre Custódio Santana Vales foi transferido de professor do Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima e da Escola de Professores-Catequistas “S. Francisco Xavier” para ser Vigário Cooperador do Superior da Missão de Oe-Cusse<sup>146</sup>. Na sede da Missão, em Pante Macassar, aliás antiga vila Taveiro, o padre Vales foi nomeado confessor ordinário das Irmãs Dominicanas do Santíssimo Rosário, em maio de 1956.

Despacho N.º 16

Por conveniência de serviço, exonero o Reverendo Pe. Custódio Santana Vales do lugar do vigário cooperador da Missão de Oe-Cusse e de confessor

---

<sup>146</sup> SEARA, setembro-outubro de 1954, Ano V, N.º 5, p. 245.

ordinário das Madres Dominicanas de Oe-Cusse, devendo apresentar-se na Câmara Eclesiástica a fim de receber nova colocação.

Dili, 30 de Maio de 1956

(Ass.) Padre Porfírio Campos — Governador do Bispado<sup>147</sup>

Em 1957, o padre Vales exercia o cargo de Superior interino da Missão de Manatuto, e tinha como Vigário Cooperador, o padre João Wolfgang Silva. Pela Provisão N.º 104, de 10 de novembro de 1960, foi nomeado consultor diocesano por um triénio.

Em 1960, o Padre Custódio Vales era superior da Missão de Ainaro. A 10 de junho de 1960, partia para Goa a fim de gozar a licença graciosa. Nesse ano a Missão, sede, de Ainaro tinha 2.953 católicos e 129 catecúmenos. A Estação Missionária de Hatobuilico tinha 329 católicos e 200 catecúmenos.

Pelo Despacho N.º 10 de 2 de maio de 1960, foi exonerado do cargo de Superior da Missão de Manatuto<sup>148</sup>.

Em 1964, o Padre Custódio Santana Vales foi nomeado Superior da Missão de Soibada e diretor do Colégio Nuno Álvares Pereira, permanecendo ali apenas dois anos, e, findo esse tempo, partiu para Metrópole em gozo de licença graciosa. Em 1971, era superior da Missão de Ermera, cargo que exerceu com eficiência até partir para Portugal a fim de gozar a licença graciosa. Não regressou a Timor ficando a trabalhar na Capela de Afurada (Vila Nova de Gaia).

### Parte Oficial - Secretaria e Chancelaria

- Provisão N.º 4 de 5 de janeiro de 1960: Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo. Pe. Custódio Santana Vales<sup>149</sup>.
- Provisão N.º 10 de 2 de maio de 1960: Exonera o Revdo. Pe. Custódio Santana Vales do cargo de Superior da Missão de Manatuto.

Anexo:

Senhor Bispo D. Filipe Belo,

Bem obrigado e V. Ex.cia Reverendíssima como está?

<sup>147</sup> Cfr. SEARA, janeiro-julho de 1956, Ano VI, p. 6.

<sup>148</sup> Cfr. SEARA, maio-junho de 1960, Ano XII, n.º 3, p. 143.

<sup>149</sup> Idem, Ano II, p. 38.

Relativamente ao senhor Padre Vales, ele foi colocado no Seminário de Nossa Senhora de Fátima em Dare, juntamente com o senhor padre Monteiro com que foi juntamente com mais uns outros missionários goeses.

O Senhor Padre Vales era afável e simples e costumava brincar com os seminaristas, jogando a bola de trapos que nós fazíamos.

Ele foi meu professor de Latim no IV Ano e do Terceiro Ano, do Xavier e do José Fernando Osório Soares. Era ainda professor de Religião. Nessa altura, o nosso Reitor, Senhor D. Jaime Garcia Goulart que era também professor de Ciências Naturais, puxava muito pela adopção do método apologético no estudo da Religião. Não queria que os seminaristas decorassem apenas os factos históricos, mas aprendessem a fundamentar os seus estudos em lógica. E o senhor padre Vales era muito bom nisso.

Curioso da língua e cultura timorenses, o Padre Vales começou imediatamente e estudar a língua Tétum para poder ouvir as confissões e dizer missa para os cristãos das redondezas da área de Dare que iam as missas dominicais no Seminário de Dare.

Candidatou-se a um exame rigoroso com um Presidente de Júri e dois examinadores. O exame decorreu na Câmara Eclesiástica de Díli (Fig. 43). Prestou uma provas brilhantes, merecendo do júri rigoroso a classificação de 20 valores.



**Fig. 43.** Catedral de Díli (2016);

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_da\\_Imaculada\\_Concei%C3%A7%C3%A3o\\_\(D%C3%ADli\)#/media/Ficheiro:DiliS%C3%A9.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_da_Imaculada_Concei%C3%A7%C3%A3o_(D%C3%ADli)#/media/Ficheiro:DiliS%C3%A9.jpg)

A notícia correu célere e chegou aos seus colegas e alunos no Seminário, os quais receberam-no apoteoticamente.

Escusado será dizer que na noite daquele dia nós tivemos um jantar especial em honra do brilhante resultado do nosso professor.

Quando regresssei de Macau o Senhor Padre Vales estava a fazer trabalho na estação missionária de Ermera, até ao seu regresso a Goa de licença Graciosa.

É tudo quanto sei deste padre.

Respeitosos cumprimentos

Domingos de Oliveira (Perth, Austrália)

### **Padre João de Deus Wolfango da Silva**

O padre João de Deus Silva chegou a Timor em 1954. Inicialmente foi colocado na Missão de Ainaro (Suro), na costa sul de Timor Português.

Por Despacho N.º 47, de 8 de novembro de 1957, por conveniência de serviço, foi exonerado do cargo de vigário cooperador da Missão de Manatuto e nomeado vigário cooperador na Missão de Ainaro<sup>150</sup>.

Por Despacho N.º 11 de 2 de maio de 1960, foi exonerado do cargo de Vigário Cooperador de Ainaro, e nomeado Superior da Missão de Manatuto<sup>151</sup>.

Por Provisão N.º 74 de 20 de setembro de 1960, foram-lhe concedidos cento e oitenta dias de licença graciosa. Em 1966, assumiu por acumulação o cargo de Superior da Missão de Soibada e de Diretor do Colégio masculino. Em setembro desse ano, o padre Silva entregaria a Missão aos cuidados pastorais do padre timorense Francisco Maria Fernandes, ordenado sacerdote em 1963.

Tendo regressado à Colónia de Timor, o padre Silva, assim era conhecido em Manatuto, continuou o seu ministério sacerdotal em Manatuto. Além de rezar a Missa, administrar os sacramentos, o padre tinha uma certa queda para a agricultura. Pois já na década dos anos 60 do século XX, algumas pessoas oriundas de Manatuto contam que o padre prestava mais atenção às várzeas (campos de arroz) do que à cura das almas. Visitava poucas vezes as estações missionárias: Lacló, Cribas, Laleia e Cairui. As visitas a esses centros eram raras: duas ou três vezes ao ano... No entanto, segundo alguns, com a

---

<sup>150</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1957, Ano IX, N.º 6, p. 2.

<sup>151</sup> Cfr. SEARA, Idem.

diligência do Padre Silva, a Missão conseguiu obter toneladas de nele (arroz com casca).

A 11 de agosto de 1975, deu-se o golpe de estado da UDT, seguida de contragolpe da Fretilin. Antes de as forças afetas ao partido da Fretilin entrarem na vila de Manatuto no dia 5 de setembro, já no dia 3 ou 4, o padre Silva tinha deixado a residência missionária e foi para Baucau, onde viajou de avião para Darwin, e dali para Goa. Não se sabe a data do falecimento.

### Parte Oficial-Secretaria Chancelaria

- Despacho N.º 11 de 2 de maio de 1960: “Exonera o Revd. Pe. João de Deus Wolfgang da Silva de Vigário Cooperador da Missão de Ainaro e nomeia-o Superior da Missão de Manatuto”<sup>152</sup>.
- Provisão N.º 74 de 20 de setembro de 1960: “Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo. Pe. João de Deus Wolfango da Silva”.

Testemunho do Dr. Manuel da Costa (Ministro da Justiça da RDTL):

Padre “Silva” nos olhos do filho do “Mestre-Catequista” João Baptista da Costa.

Meu pai, um simples mestre-catequista natural de Laleia, dedicou a sua vida a continuar a obra de evangelização em Vemasse e depois Lacló até a sua morte. Desde 7 de fevereiro 1968 sempre trabalhava sob a chefia e orientações do Padre João de Deus Wolfango da Silva até Setembro de 1975. Sim, João Baptista da Costa foi um simples mestre-catequista, um miserável servidor da Diocese de Timor a quem fora confiada a propagação da evangelização. Sendo subordinado do padre Silva, meu pai tinha uma relação estreita e é óbvio que a minha família, em particular, tem uma simpatia recíproca com este missionário Indiano.

Segundo os cadastros históricos da Missão de Manatuto, o padre João de Deus Wolfango da Silva, entrou pela primeira vez nas terras de Santo António de Manatuto em 1954 (parece logo após a Segunda Guerra Mundial) sem data de saída. Mais adiante, os registos missionários mostram que o padre Silva (mais conhecido em toda a missão de Manatuto) voltou à missão de Manatuto em outubro de 1955 onde permaneceu até janeiro de 1957. Por fidelidade ou por necessidade, este padre Indiano, assim o chamava desde o primeiro

<sup>152</sup> Cfr. SEARA, maio-junho de 1960, Ano XII, N.º 3, p. 143.

dia que o conheci, voltou a Manatuto em junho de 1963 e despediu-se desta missão em novembro de 1963. Naquela altura meu pai era mestre-catequista colocado em Vemassee. No dia 7 de fevereiro de 1968, quando o meu pai foi transferido de Vemassee para Lacló, já o padre Silva era o Superior da Missão de Manatuto, nomeado em dezembro de 1966, e só, por força maior, deixou esta Missão sem despedidas, em setembro de 1975 (2 ou 3 /9/75) e seguiu para Darwin. Até hoje, desconheço o paradeiro e nem sei se ainda está vivo ou já deixou este mundo para voltar ao reino divino.

Padre Silva, o missionário Indiano, nos olhos dos cristãos da missão de Manatuto era um padre lavrador. Rezava missas muito cedo, e depois do pequeno-almoço, deixava o cartório ao cuidado dos mestres, e ele passava a manhã toda na várzea da missão nos arredores da vila de Manatuto. Voltava à residência na hora de almoço e depois de uma curta sesta, continuava a supervisão nas várzeas até o declinar do dia. Lembro que todas as vezes que meu pai tinha algo para reportar, discutir ou solicitar decisão do padre Silva, tinha que estar já na varanda da residência o mais tardar às 6h30 de manhã, para o apanhar, logo depois da missa matutina. Se não conseguir esta hora, tinha que esperar até que o padre volte da várzea por volta das 12h00. As reuniões eram curtas. O mestre-catequista de Lacló, resumia tudo o que precisava para falar com o Padre, e ele, o mestre-catequista, compreendia todas as instruções que o superior lhe dava em breves minutos.

Duas ou três vezes por ano visitava Lacló. Nunca na minha vida de criança, adolescência e seminarista, vi o padre Silva celebrar o Natal ou a Páscoa com a comunidade católica de Lacló. Os alunos das escolas primárias católicas de Laleia e Lacló juntos dos fiéis destas duas estações missionárias, vinham a Manatuto, todos os anos, para celebrar a semana Santa e Páscoa. Raras vezes vai a Lacló no dia 5 de abril para festejar o dia de S. Vicente Ferrer, padroeiro de Lacló. Nas visitas à Lacló, levava sempre sua refeição feita em Manatuto. Entretanto, este padre Indiano, deixou marcas positivas na minha vida. Guardo registos como bom missionário. Todas as vezes que meu pai chamava por telefone que alguém precisava de sacramento de extrema-unção, lá vai o padre Silva no seu jeep willis e depois no "landrover", a caminho de Lacló, mesmo um pouco tardio, exercer as suas ordinárias de sacerdote. Foi das mãos deste sacerdote que recebi a primeira comunhão na antiga igreja de Lacló. Também foi por intercessão dele que recebi das mãos do Bispo D. José Joaquim Ribeiro, em Lacló, o sacramento de confirmação. Foi meu examinador nos exames de Segunda Classe do ensino primário. Foi ele, o padre Silva, quem recomendou o meu ingresso/internato no Seminário de Dare. Lembro muito bem da conversa que tive com ele na residência da missão em Manatuto.

Perguntou-me: “qual é a tua intenção para ir estudar em Dare?” Respondi-lhe: “que queria ser um padre como o senhor padre Silva” e ele retorquiu dizendo: “se não fores chamado para ser padre, sê um homem para Lacló”.

Padre Silva deixou uma fortuna para a missão de Manatuto. Mas a guerra destruiu tudo!

Hoje lembro-me das oportunidades de viajar com ele no seu jeep willys de Manatuto para Lacló ou de Lacló para Manatuto. Lembro dos sermões, lembro das visitas pastorais (embora raras), lembro das águas de coco tenro que sempre bebia depois de administrar o sacramento de extrema-unção para os enfermos...e das conversas onde aprendi a construir as frases de um bom Português.

Obrigado padre Silva!

### **Padre João Roque Fagundo Martins**

O padre João Martins chegou a Timor em 1954. Por determinação do senhor Bispo Dom Jaime Garcia Goulart, foi colocado na Missão de Ainaro, como vigário cooperador do Superior da Missão.

Por Despacho N.º 48, de 8 de novembro de 1957, por conveniência de serviço, foi exonerado do cargo de vigário cooperador da Missão de Ainaro e nomeado Vigário cooperador da Missão de Ermera<sup>153</sup>.

Por Despacho N.º 67, de 9 de setembro de 1958, o padre João Martins foi nomeado vigário cooperador da Missão de Maliana.

Por Provisão N.º 109, de 30 de novembro de 1960, foram concedidos ao Padre João Roque Fagundo Martins cento e oitenta dias de licença graciosa. Em 1969, foi substituir o padre Simplício Pereira em Laleia, e ali esteve a missionar até o final do ano de 1970. Foi depois transferido para a Missão de Soibada onde esteve até 1972. Entretanto, o senhor Bispo Dom José Joaquim Ribeiro acabava de criar a nova Missão de Watolari, e o padre João Facundo Martins foi nomeado para seu superior.

A nova Missão, que englobava os Postos Administrativos de Watolari e Watocarbau, foi aberta em novembro de 1972. A sede era no Posto Administrativo de Watolari. Anteriormente, aqueles dois Postos Administrativos faziam parte da Missão de Ossú.

---

<sup>153</sup> SEARA, novembro-dezembro de 1957, Ano IX, N.º 6, p. 2.

Em 1975, durante a guerra civil, o padre João Martins permaneceu no seu posto de trabalho missionário. Entretanto, deu-se a invasão de “Timor Português” pelas tropas da Indonésia, a 7 de dezembro de 1975. Com o avanço dos batalhões indonésios e, por causa dos bombardeamentos aéreos, a população teve de procurar refúgio nas montanhas de Matebian. O missionário deixou a Missão acompanhando os cristãos e a população para o mato. Nos anos duros de 1977 a 1980, estava nas montanhas. Segundo fontes fidedignas foi maltratado e escarnecido por elementos irresponsáveis da Fretilin. Alguns fizeram todo o possível para o rebaixar obrigando-o a casar e introduziam mulheres na barraca do sacerdote... Mas, o padre Martins resistiu a tudo. No auge do seu sofrimento, o missionário exclamava: “Ó Jesus, a minha cruz é muito mais pesada que a cruz que levaste!”

Colaboravam nesse sofrimento alguns membros do Comando da Luta, da zona Leste, os quais não tiveram coragem de respeitar o sacerdote, anuindo os maus tratos.

Contam algumas testemunhas que o padre João Martins não sofreu violência física, mas, sim, muita violência psicológica e moral. Até o chamavam de colonialista e espião. Entretanto, com os contínuos bombardeamentos dos aviões indonésios, e com o apertar do cerco, as populações tiveram de se render às forças indonésias, em agosto de 1978. O padre João Martins também se rendeu. Depois de um breve interrogatório que lhe foi feito, o comandante indonésio, reconheceu que aquele indiano era um sacerdote, pois ele podia explicar-se em Inglês, Português e Tétum. Imediatamente os indonésios mandaram um helicóptero que o foi buscar às montanhas de Matebian e levou o sacerdote para Baucau, e, depois para Díli.

E quando se rendeu, sendo levado para Díli, aquele sacerdote goês estava completamente arrasado de saúde, quase paralítico. Depois de ter recuperado voltou de novo à sua querida Missão de Watolari procurando ajudar todos aqueles que necessitavam de alimento, de remédio e de roupa. Através do Padre João Martins, a Cruz Vermelha muito ajudou a população.

Quando em julho de 1981, regressei a Timor, fazendo a escala em Jacarta, encontrei o reverendo padre João Martins na sede da MAWI (Majelis Wailigereja Indonesia, aliás, Conferência Episcopal Indonésia), na Jl. Cut Meutiah, Jakarta. Encontrei-o muito debilitado. Com o sorriso nos lábios, apenas disse que estava ali a tratar os documentos para seguir de viagem para Goa. Diz uma fonte que o Padre João Martins, depois de ter visitado os parentes em Goa, seguiu para Austrália para se tratar. Tempo depois, teria falecido naquele país, não se sabendo quando.

## Parte Oficial

- Pela Provisão N.º 109, de 30 de novembro de 1960, foram-lhe concedidos cento e oitenta dias de licença graciosa.
- Despacho n.º 54, de 20 de fevereiro de 1958: “Exonerando, por conveniência de serviço, o Rev. Pe. João Fagundo Martins de Vigário Cooperador da Missão de Ermera e colocando-o provisoriamente na Câmara Eclesiástica”.
- Despacho N.º 67, de 9 de setembro de 1958: “Nomeando o Revdo. Pe. João Roque Fagundo Martins Vigário Cooperador da Missão de Maliana”<sup>154</sup>.
- Despacho N.º 13, de 8 de junho de 1960: “Exonera o Revdo. Pe. João Roque Fagundo Martins de Vigário Cooperador da Missão de Maliana e nomeia-o Vigário Cooperador da Missão de Oe-Cusse”<sup>155</sup>.
- Provisão N.º 109, de 30 de novembro de 1960: “Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo. Pe. João Roque Fagundo Martins”.

### Anexo:

Reportando-me à sua pergunta pouco sei do Senhor Padre Fagundo Martins, que me parece ter sido colocado em Ainaro e depois em Manatuto.

Lembro-me de ele ter sido levado para o mato pela FRETILIN tendo-se apresentado algum tempo depois. Estava psiquicamente abalado pelo que viveu no mato e depois pela sua experiência sob a ocupação indonésia.

Encontrei-o uma vez na praia junto a Igreja de Santo António em Motael. Conversámos uns bons minutos e vi-o moralmente em baixo. Necessitava de sair e ser tratado. Nunca mais o vi.

Domingos de Oliveira (Perth)

## Padre Simplício Luisinho Pereira

Chegou a Díli em 1954. A primeira colocação foi na Missão de Alas, na costa sul de Timor. Pelo Despacho de 16 de setembro de 1954 foi transferido de Vigário Cooperador da Missão de Alas para vigário cooperador da Missão

<sup>154</sup> Cfr. SEARA, setembro-outubro de 1958, Ano X, Nº 5, p. 216.

<sup>155</sup> SEARA, maio-junho de 1960, Ano XII, p. 143.

de Soibada<sup>156</sup>. Na Semana Santa de 1955, pregou os exercícios espirituais aos alunos do Colégio de Soibada. Na missa Quinta-feira Santa atuou como mestre de cerimónias, e rezou a missa da Vigília pascal (na noite de Sábado Santo). Na missa solene do Domingo da Ressurreição, assistiu como subdiácono. O padre Simplício permaneceu em Soibada até o mês de março 1957, altura em que foi transferido para a Missão de Alas, a 27 de abril do mesmo ano.

A 10 de junho de 1960, o padre Simplício Pereira partia para Goa a fim de gozar a licença graciosa. Tendo regressado a Timor, foi colocado na Missão de Suai, e era vigário cooperador do Superior da Missão, Padre Júlio Augusto Ferreira.

Em 1966, foi transferido para Soibada, a fim de se encarregar da Missão e do Colégio. Mas, com a saúde um tanto abalada, depois de três meses, pediu para se mudar para Manatuto. A transferência realizou-se pelo Despacho da Câmara Eclesiástica de 12 de junho de 1966. Em 1968, era missionário em Laleia. No ano de 1969 foi transferido para a Missão de Liquiçá, como superior da Missão, tomando conta da Missão-sede (Liquiçá) e das Estações Missionárias de Bazartete e Maubara, onde permaneceu até 1973. De novo partia para Goa, e dali para Metrópole, em gozo de licença graciosa. Findas as férias, regressou à Diocese de Díli, indo hospedar-se na Câmara Eclesiástica, e ali aguardando pela provisão da nova colocação. Entretanto, no dia 11 de agosto, o Partido da União Democrática Timorense (UDT) desencadeou um “golpe de Estado” com o objetivo de expulsar da cidade os membros radicais do MFA de Timor e alguns cabecilhas comunistas da Fretilin. Nessa altura eu encontrava-me na Câmara Eclesiástica, pois tinha chegado no dia anterior de Baucau. E quem nos deu a notícia do golpe de estado foi o padre Simplício Pereira. No dia 21 de agosto, deixei Díli, e segui para Maliana. Os sacerdotes, padre Martinho da Costa Lopes, padre Jacinto António de Campos e padre José António da Costa e o padre Simplício permaneceram em Díli. Posteriormente, soube que o padre Simplício tinha deixado o território e viajou para Austrália. Dali, seguiu de viagem para Goa, onde viria a falecer.

## Parte Oficial

- Despacho N.º 31, de 27 de abril de 1957: Por conveniência de serviço, exonero o Revdo. Pe. Simplício Luisinho Pereira de Vigário Cooperador

---

<sup>156</sup> SEARA, setembro-outubro de 1954, Ano V, N.º V, p. 245.

da Missão de Soibada e nomeio-o Vigário Cooperador da Missão de Alas. (Ass). Jaime, Bispo de Díli.<sup>157</sup>

- Provisão n.º 5 de janeiro de 1960: Concedendo cento e oitenta dias de licença graciosa ao Revdo. Padre Simplício Luisinho Pereira<sup>158</sup>. No dia 10 de junho de 1960, partia, o padre Simplício Pereira para a Metrópole e Goa, em gozo de licença graciosa.

### **Padre José Iago Graça do Rosário de Andrade**

Era filho de Ludovico Sant'Ana das Dores de Andrade e de Maria de Jesus Adelaide Rosália Isménia Libânia Margarida Mariana Clara Dorotheia de Andrade. Nasceu no dia 14 de março de 1929 em Bordá, Margão, Goa. Foi batizado no dia 21 de março do mesmo ano. Estudou no Seminário de Rachol. Chegou a Timor em 1954. Lê-se na crónica da SEARA:

A bordo do 'Timor' veio também o M.to Rev.do Pe. José Iago de Andrade natural da Índia Portuguesa, onde se ordenou há pouco tempo. Foi-lhe destinada a Missão de Manatuto em que já começou a trabalhar, como vigário cooperador. Seja bem-vindo<sup>159</sup>.

De Manatuto foi transferido para Missão de Baucau. Dessa sua estadia na risonha Vila Salazar, o padre goês relata as suas primeiras impressões.

A 15 de janeiro de 1957, o Padre Iago, apenas colocado na Missão de Baucau, escreve:

Embora ausente, esteve, contudo, por um milagre do coração humano, bem pertinho dos seus filhos, mais que nunca, no dia 10 de janeiro, a augusta figura do nosso venerando Bispo.

Fôra anunciada uma Missa com Comunhão Geral pelas intenções de S. Excia. Revma. Apesar da quadra de chuvas, o dia 10 de janeiro raiou alegre e festivo. Vieram cristãos, de longe, a elevar ao Altíssimo, com todo o fervor da sua cândida alma, humildes preces pelo seu bondoso Bispo.

Fiquei deveras comovido e edificado perante numerosa assistência e inúmeras e fervorosas Comunhões, principalmente das criancinhas, pois que tudo isso não representa outra coisa senão o verdadeiro testemunho do respeito,

<sup>157</sup> Cfr. SEARA, março-junho de 1957, Ano IX, p. 1.

<sup>158</sup> SEARA, janeiro-fevereiro de 1960, Ano XII, p. 38.

<sup>159</sup> SEARA, julho-agosto de 1954, Ano VI, N.º IV, p. 254.

veneração e amor que os fiéis consagram ao seu Bom Pastor... Uma prenda toda espiritual a seu Pai, pelo dia de anos.

A Santa Missa pelo Bispo da Diocese, com Comunhão Geral e Bênção do Santíssimo, com uma oração pela intenção de S. Ex.cia Revma foi a chave de ouro do programa religiosa que ocupou a boa parte da manhã.

À tardinha, após o catecismo, as criancinhas da Escola, mal cabendo em si de contentes por tão faustoso dia, foram a Teulale, onde passaram horas alegres, cantando, brincando, e rindo e deliciando-se com um bom “lunch” que lhes foi servido.

Ao “Angelus”, mais uma prece, pelo Pastor ausente, mas sempre querido, seguida de um vibrante “VIVA O SENHOR BISPO!”, e foi o fecho daquela pitoresca tarde de 10 de janeiro. Que nos anos vindouros, o dia 10 de janeiro seja um dia de família; em que o Pai se veja entre os seus filhos. São estes os nossos votos”.

Baucau, 13 de janeiro de 1957

I.A.<sup>160</sup>

#### Carta de 23 de abril de 1957

A Missão de Baucau, com as suas dez Estações Missionárias e quatro subestações é uma das mais florescentes de toda a Diocese de Díli. Pena é que só duas estações tenham um templo capaz, e na Missão Central não haja ainda igreja.

A residência missionária situada num altinho que se debruça airoso sobre a pitoresca VILA SALAZAR, formaria certamente, com uma igreja de linhas modernas e simples, que agora se edificasse, um conjunto maravilhoso a dominar a encantadora vila. Este tem sido o sonho doirado de zelosos missionários que por aqui passaram, principalmente o Reverendo padre Jacinto António de Campos, que envidou os melhores esforços para que tudo se transformasse em realidade.

O movimento religioso cotidiano, e sobretudo o movimento dos domingos e dias santificados, é de volume a urgir na vila de Baucau um templo condigno.

Deus oiça as súplicas de tantos e tão zelosos missionários que por aqui passaram.

---

<sup>160</sup> Cfr. SEARA, janeiro-fevereiro de 1957, Ano IX, N.º 1, p. 64.

## SEMANA SANTA

Por falta de templo capaz, as cerimónias foram todas celebradas na sua máxima simplicidade, presidindo a todas o Superior da Missão, Reverendo Padre Aleixo Dias.

As comunhões durante toda a Semana Santa atingiram a bela soma de cerca de 5.000.

A adoração da Santa Reserva atraiu turnos sucessivos de fiéis cuja fé simples não sofria que o Divino Prisioneiro do Amor ficasse abandonado ao silêncio dos círios e das flores no altar do “Sepulcro”.

A adoração da Cruz, na Sexta-Feira Santa, foi tão concorrida que não pôde levar menos que umas três horas e meia.

A parte coral de todas estas solenidades esteve a cargo do Professor— Catequista Guilherme Dias de Sousa.

Na Paz do Senhor

Confortado com todos os Sacramentos, voou, no dia 27 de Março, para o seio de Deus, o pequeno Augusto Belo, aluno da nossa Missão, a quem os seus colegas acompanharam à sua última morada. R.I.P.

Missão de Baucau, 25 de Abril de 1957 <sup>161</sup>.

I.A.

## Segunda carta de Baucau

Missão de Baucau - Muito Reverendo Pe. Eduardo Brito

Após merecidas férias, passadas no seio da família, retomou no dia 15 de Maio último, as funções de Superior da Missão de Baucau, o M.to Revdo. Pe. António Eduardo de Paulo Brito, a quem os alunos das Escolas e fiéis desta Missão apresentaram os seus efusivos cumprimentos de Boas-Vindas, no mesmo dia em que se despedia de nós o Superior cessante Revdo Pe. Aleixo Dias, recentemente nomeado Superior da Missão de Ainaro.

Aos Revdos. Padres Brito e Aleixo Dias os nossos mais ardentes votos pelas suas prosperidades pessoais e pelo mais completo êxito nas lides apostólicas.

Visita do S. Ex.cia Rev.ma o Sr. Bispo

---

<sup>161</sup> SEARA, março-abril de 1957, Ano IX, N.º 2, p. 106.

Em 19 de Junho p. findo, tivemos a honrosa visita de S. Ex.cia Revv.ma o Sr. Bispo que veio acompanhado do Revdo. Pe. Afonso Nácher S.D.B., e seguiu, na tarde do mesmo dia, para Lautém, donde voltou a Baucau, no dia seguinte, acompanhado do Ir. Salesiano João Aranda. S. Ex.cia Rev.ma demorou-se aqui dois dias, para tratar de assuntos relativos á Missão. Imensa gente esteve na residência missionária para cumprimentar S. Exc.ia Rev.ma tendo acompanhado também as autoridades locais. Na manhã de 15 seguiu S. Ex.cia Rev.ma para Ossú.

#### Festa do S. Coração de Jesus

Realizou-se com uma certa pompa, este ano, a festa do S. Coração de Jesus. Ao Evangelho da Missa, canta pelo Revdo Pe. Superior, este fez um eloquente sermão, em tétum, sobre as finezas amorosas do Divino Coração para com os homens. As comunhões foram além das quatro centenas.

À tarde, houve Exposição Solene, admissão de 65 associados do A. da O. e 4 zeladores.

Uma violenta bátega de água obrigou os fieis a abrigarem-se no alpendre da Escola. Que falta enorme não faz uma capela para tanta gente! E quando teremos nós a consolação de vermos esta Sede Missionária, já tão desenvolvida, com a sua igreja, ampla e bonita, erguida no meio desta pitoresca vila?!...

#### Aniversário

No dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, aniversário do Revdo Pe. Superior da Missão, quiseram os Professores, alunos e fiéis de Baucau brindar S. Reverência com uma festinha que constou de Missa, pelas intenções do homenageado, rezada pelo Revdo Vigário Cooperador da Missão, seguida de cumprimentos e da entrega de um “bouquet” espiritual. À tarde organizou-se um programa desportivo e corográfico executado, com bastante perfeição, pelos alunos, no campo de recreios de Teulale. O número mais interessante foi o bailado “Surpresa”, executado ao som de violas, da autoria da Professoras M. da Glória Soares e M. Ana de Sousa. Após a distribuição de prémios, o Revdo Pe. Superior, que a tudo presidiu, agradeceu, muito cativado, a todos a linda festinha que lhe acabavam de dedicar, especialmente aos Professores Atanásio Soares, Guilherme de Sousa, M. da Glória Soares e M. Ana de Sousa, que haviam elaborado e preparado tão belo programa.

I.A.

Baucau, 7 de Julho de 1957<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> SEARA, maio-junho de 1957, Ano IX, N.º 3, pp. 160-161.

Em 1958 os cristãos de Baucau, Missão-sede, tinham acabado as obras da construção da nova Igreja. No dia 15 de fevereiro ocorreu a cerimónia da bênção do novo templo. Sempre atento aos acontecimentos, numa crónica enviada à revista SEARA, escreve<sup>163</sup>:

Baucau inteiro transbordava de alegria no dia 15 de Fevereiro, pois era a inauguração da nova igreja dedicada ao seu celeste e glorioso Padroeiro, Santo António de Lisboa, cuja festa litúrgica de Transladação se celebrava nesse dia.

Após as destruições da ocupação nipónica, teve enfim a tão populosa Cristandade de Baucau a consolação de ver erguido um templo ao seu ínclito Padroeiro, pois esta igreja foi construída unicamente com o óbulo (sic) generoso dos cristãos de Baucau, oferecido, em moeda ou em trabalho braçal voluntário ou em géneros: tudo prata de casa, como se costuma dizer. A tudo presidiu a competência e o bom gosto do Muito Reverendo Superior da Missão, Padre António Eduardo Brito.

As exíguas possibilidades económico-financeiras de que se dispunha não permitiram que a obra fosse mais perfeita. As dificuldades que se tiveram que superar só Deus as sabe.

Às 7.30 h, o Muito Reverendo Superior da Missão, acolitado pelos Reverendos Padres Vales e Andrade, benze a nova Igreja.

Os sinos repicam festivos. Lá fora estalam panchões.

O Santíssimo é levado para ao templo e encerrado no sacrário. No recinto sagrado não cabe mais ninguém: tudo à cunha.

O Muito Reverendo Padre Superior da Missão dirige duas palavras de agradecimento a todos os que generosamente contribuíram para que a Igreja fosse uma realidade - um milagre de Santo António, como muito bem notou o orador - e em especial ao Sr. Armindo Laranjeira que, de corpo e alma, se dedicou à construção do novo templo. A Missa que ele ia celebrar, disse o Muito Reverendo Padre Brito, era pelas prosperidades de todos quantos haviam contribuído para a construção da nova igreja.

A Bênção do Santíssimo foi o remate daquele grande dia para a Missão de Baucau.

Baucau, 18 de Fevereiro de 1958.

I.A.

---

<sup>163</sup> SEARA, Ano X, janeiro-fevereiro de 1958, N.º 1, p. 41.

A seu pedido, o padre Iago de Andrade ficou desligado do serviço da Diocese de Díli, Timor Português. Veja-se a Provisão da Câmara Eclesiástica: “Provisão N.º 57, de 10 de Março de 1958, Desligando, a seu pedido, do serviço da Diocese de Díli, o Rev.do Presbítero José Iago da Graça do Rosário Andrade”<sup>164</sup>.

Depois de ter saído de Timor, o padre Iago foi trabalhar alguns anos em Sevilha, Espanha. Aí teria simpatizado com a Opus Deus. Em 1990 foi nomeado 1.º pároco autónomo da Paróquia de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa, onde esteve apenas 6 meses por ter adoecido. Depois foi nomeado Capelão do Hospital de São Francisco Xavier.

Segundo o senhor padre António Colimão, pároco de São Francisco Xavier, o padre Iago de Andrade era “um homem simples e bom, sendo-o também um santo sacerdote, que granjeava muita amizade aqui em Restelo”.

O padre Iago de Andrade faleceu em Lisboa no dia 25 de janeiro de 2001. Tinha 71 anos de idade.

### **Casimiro Agnello Sequeira (Irmão coadjutor/leigo)**

Filho de Carlos Primo Sequeira e de Rosa Catarina Sequeira, nasceu em Tivim (Goa, Índia Portuguesa) a 4 de março de 1940. Foi batizado na igreja paroquial de Tivim no dia 2 de abril de 1940. Entrou pela primeira vez na Casa Salesiana de Valpoi (Goa) em 1957. Tirou o curso de mecânica. Fez o Noviciado em Manique do Estoril, no ano de 1960-1961. Depois dos votos, foi colocado em Lisboa, nas Oficinas de São José, como contramestre da mecânica. Foi depois enviado para Timor, onde esteve a trabalhar no Colégio de Fuloro, exercendo o cargo de professor e de Mestre de Mecânica (1964-1965). Nessa altura os superiores planeavam abrir uma secção de Mecânica no Colégio. Mas, não havia sala ou pavilhão, não havia material... O irmão Casimiro queixava-se de que sem condições, não podia cumprir a missão a que fora destinado. No ano letivo de 1965-1966, pediu aos superiores para sair de Timor. Como alternativa, os superiores destinaram-no para fazer parte da comunidade salesiana do Colégio Dom Bosco, em Macau. Nesse Colégio existia uma secção de Artes e Ofícios com a oficina de Serralharia. O senhor Casimiro trabalhava como contramestre de Mecânica. Depois de algum tempo regressou a Portugal, vindo, mais tarde, a sair Congregação salesiana, a 16 de agosto de 1967.

---

<sup>164</sup> Cfr. SEARA, março-abril de 1958, p. 29.



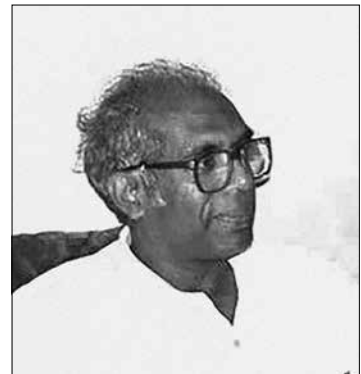
## CAPÍTULO VII

### Seis Missionários da República da Índia

#### **Padre Joseph Vattaparambil, S.D.B.**

É filho V. K. Peter e da senhora Rosy, e nasceu no dia 2 de janeiro de 1946, em Malayatto, Índia. Sentindo inclinação para a vida religiosa e sacerdotal, entrou no noviciado salesiano em 1973. Emitiu os primeiros votos no dia 16 de agosto de 1974. Fez a profissão perpétua em 1980. Chegou a Timor em 1985 e foi colocado na Missão de Baucau. Mais tarde, seria transferido para Fuiloro onde viria a desenvolver fecundo apostolado tanto missionário como educativo. Foi ele quem deu nova vida e maior dimensão ao “antigo” Colégio de Fuiloro, abrindo a Escola de Agricultura. Essa Escola foi visitada pelo então Governador de Timor Timur Eng. Mário Carrascalão. Atualmente exerce o cargo de vice-diretor da Comunidade /Centro Técnico, de Comoro (Díli).

Este missionário salesiano, natural da Índia, anteriormente tinha sido missionário em Samoa. (Fig. 44)



**Fig.44.** Pe. José Vattaparambil SDB, Kerala, India

#### **Padre Peter Puthenkandam, C.M.F.**

Nasceu no dia 20 de outubro de 1953 em Kerala, Índia. Os seus pais: Mathai Puthenkandam, falecido em 1997, e Mariam Mavilayil, falecida em

1970. O padre tem 6 irmãos. Um irmão padre e uma irmã religiosa; ele é o benjamim da família. O padre Peter foi batizado no dia 21 de outubro de 1954, pelo Pe. Paul Mandapathil na Igreja Paroquial, São Tomás, Nadukani, Kothamangalam, no distrito de Ernakulam. Recebeu o sacramento do crisma a 4 de dezembro de 1960 das mãos do Bispo Antony Padiyara na Igreja Paroquial, Sto. Francisco Xavier, Pandalur, Nilgiris, Tamil Nadu.

Currículo formativo: Ensino Primário 1959-1966 I-VII classes na Escola Elementar de Aided, Uppatty, Tamil Nadu, Índia; Ensino básico: 1966-1970, VII-XI classes na Escola Pública Secundária, Pandalur, Tamil Nadu, Índia. Ensino secundário 1971-1973, em Deva Matha College, Kuravilangad, Índia.

Querendo ser sacerdote, entrou no Seminário Menor dos padres Claretianos a 3 de julho 1970, em Claret Bhavan, Kerala, Índia.

Fez o ano de Noviciado Claretiano de julho de 1973 a 16 julho 1974 em Claret Bhavan, Bangalore, Índia. O padre Mestre de noviços era o padre Frans Dirnberger (alemão). Emitiu os primeiros votos em 16 julho 1974 Claret Bhavan, Bangalore. Fez a Profissão perpétua a 31 maio 1979 no Seminário Claretiano, em Bangalore, Índia.

Foi ordenado diácono a 14 outubro 1979 pelo bispo Mariadoss MSFS, da diocese de Guntur, no Seminário Claretiano de Bangalore.

Recebeu a ordenação sacerdotal a 24 outubro 1980 das mãos do Bispo Sebastian Vayalil da Diocese de Palai, em Claret Bhavan, Kerala.

Estudo Religioso e Cursos: Filosofia: B.A de 1974-1977 no St. Peter's Pontifical Seminary, Bangalore. Bachelor of Arts na Universidade de Bangalore. Teologia: no triénio 1977-1980 faz o curso de Bachelor of Theology no St. Peter's Pontifical Seminary, Bangalore.

De dezembro 1980 a julho 1981, exerce o cargo de Vigário Paroquial na Paróquia de St. Rita, Kerala.

No triénio 15 agosto 1981-1983 era Missionário na Diocese de Eluru, Andhra Pradesh. No ano 1983 a 1986 é Pároco na Paróquia de Yernagudem, Andhra Pradesh. De julho de 1986 a junho de 1987, faz um curso de "Fellowship Program in Social Management at Behavioral Science Centre", Gujarat, Índia.

De junho de 1987 a dezembro de 1987 faz parte do "Staff" no Seminário Menor dos Claretianos em Kerala. No mês de janeiro de 1988 até dezembro 1991, abriu e dirigiu o internato para rapazes em Pedabayalu, Andhra Pradesh.

Em dezembro de 1991, parte como missionário para Timor, viajando até Manila, Filipinas. Em Jacarta, ficou hospedado no Wisma Salesian. No dia 2

fevereiro 1992 parte para Díli, tendo sido recebido no aeroporto de Comoro pelo Administrador Apostólico de então.

No mês de fevereiro de 1992, até o mês de maio, esteve a trabalhar na Comunidade dos padres claretianos em Fohorém. Parte para a cidade de Yoyakarta onde vai aprender a Bahasa Indonesia no International Language Centre, Yogyakarta, Indonésia.

De julho a setembro 1992 presta o serviço em Fohorém, ao mesmo tempo que aprende a língua Tétum. Depois muda-se para a Paróquia de Bobonaro, onde exerce o cargo de vigário cooperador: 26.11.1992-14.06.1994; a seguir, é nomeado pároco de Bobonaro.

No dia 14 junho de 1994, deixa Bobonaro e vai para Díli, ficando na casa dos padres Verbitas, em Díli. (Soverdi). Do mês de julho 1994 ao mês de novembro desse ano é capelão das Irmãs Contemplativas, OCD, em Hera.

De janeiro 1995 a março 1995: Começo da permanência na Diocese, trabalhando sobre a Palavra de Deus (*Maromak Futar Lia*); publica o primeiro número do calendário litúrgico. Em 1995, exerce o cargo de diretor executivo da revista SEARA, colaborando com o padre Áureo Gusmão, que era Diretor e Editor da mesma. Em novembro de 1996, é nomeado capelão das freiras OCD, em Hera. Em janeiro de 1997, passa a viver na Comunidade dos padres claretianos em Díli, juntamente com o Pe. Louis Caupyan, C.M.F. Vai à Índia para licença graciosa (novembro de 1997 a fevereiro de 1998). Regressando a Timor, continua a exercer o cargo de diretor executivo da SEARA. É nomeado diretor da revista SEARA em 1999. Nesse ano, as milícias pró-indonésias incendiavam os escritórios da revista. O padre Peter parte para Kupang, Timor Ocidental, hospedando-se na casa dos Claretianos, na Capital de Nusa Tenggara Timor (NTT). No mês de dezembro, pôde regressar a Timor-Leste. Em janeiro de 2000, reabre os escritórios da SEARA, com a ajuda da Associação “Ajuda à Igreja que Sofre”; recruta alguns colaboradores, entre os quais Fernando Silva, hoje sacerdote diocesano, e outros como, Carlito de Jesus, António da Costa, Sebastião Doutel e Alda de Conceição. No cinquentenário da SEARA, publica um número especial da revista, (Edição Bodas de Ouro), tendo recebido ajudas do senhor Arcebispo de Sydney, Sua Eminência, o Senhor Cardeal Edward Clancy. Entretanto, exerce o cargo de Editor e Diretor até o ano de 2003. No ano de 2004, parte para Nova Zelândia, frequentando cursos de atualização (Wells of living water no Centro Emmaus, Clinical Pastoral Education iha Wellington Hospital, Estuda Social Teachings of the Church iha Arquidiocese Wellington, New Zealand. No ano seguinte, regressa a Timor-Leste, continuando como Diretor e Editor



**Fig. 45.** Pe. Peter Puthenkandam CMF, Kerala, India

da SEARA. Em dezembro de 2005, deixa o cargo de diretor. Porém, o padre Peter não fica na ociosidade. Lança-se na publicação de “Claretian Publications” (2007-2008). Em maio de 2008, é nomeado vigário do pároco e sendo Superior da comunidade dos Claretianos em Salele. No mês de maio de 2010, trabalha na Diocese de Maliana, como Diretor Executivo do Departamento de Comunicação Social. Em 2013, publica o Missal Ordinário em Tétum. Em 2014 voltou à Índia, sendo membro da Congregação dos Missionários Claretianos. Regressou a Timor-Leste no mês de fevereiro de 2015, e colocado na Diocese de

Maliana. Neste momento, encontra-se na cidade Maliana, sendo encarregado do departamento dos *Meios da Comunicação Social da Diocese*. Exerce o cargo de diretor do Boletim da Diocese de Maliana “ECO”. (Fig. 45)

Obras publicadas: “Missal lor-loron nia” (Missal Ordinário), na língua Tétum; “Calendário litúrgico”; “Adoração do Santíssimo Sacramento”; “SEARA”, Revista da Diocese de Díli, número especial.

### **Padre Manoi Manuel Kharady, S.V.D.**

Nasceu a 22 de agosto de 1878 em Nrawaliya, Madhyaprades, Índia. Nomeado missionário para Timor em 15 de janeiro de 2012. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 23 de abril de 2014. Chegou a Timor-Leste a 16 de janeiro de 2014. É ecónomo da “Regio SVD Timor-Leste”, e reside em Kulu Hun, Díli.

### **Padre Gregory Minz, S.V.D.**

Nasceu a 9 de abril de 1984 no lugar de Usra, Distrito de Sundergar, Estado de Odisha, Índia. Nomeado missionário para Timor a 15 de janeiro de 2013. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 9 de janeiro de 2014. Chegou a Díli, no dia 12 de agosto de 2014. Atualmente é pároco na paróquia de Atabae.

**Padre Praful Ddung, S.V.D.**

Nasceu a 12 de dezembro de 1986 no lugar de Pankadihi, Distrito de Sundergarh, Estado de Odisha, Índia. Nomeado missionário para Timor em 15 de janeiro de 2016. Recebeu a ordenação sacerdotal 12 de fevereiro de 2017. Chegou a Díli no dia 19 de agosto de 2017. É vigário do pároco de Nítibe, em Oe-Cusse.

**Padre Arun Ekka, S.V.D.**

Nasceu a 7 de julho de 1896, no lugar de Lathdege, Distrito de Sundergarh, Estado de Odisha, Índia. Foi nomeado missionário para Timor a 15 de janeiro de 2017. Recebeu a ordenação sacerdotal 21 de janeiro de 2018. Chegou a Díli no dia 18 de agosto de 2018. É vigário do pároco da Paróquia de Balibó.



## CAPÍTULO VIII

# Profissão Religiosa de Alguns Frades Dominicanos que Estiveram em Timor

### **Frei Lucas de Santo António, O.P.**

Em século chamava-se Lucas Columbano Xavier Martins, filho de Mathias Michael Martins e de Ana Menezes, da freguesia de São Mathias. Tomou hábito para Religioso de coro aos 19 de janeiro de 1868, das mãos do Mto. R. Pe. Frei Pedro dos Mártires, Prior do Convento de Goa. Professore depois das três horas da tarde de 1 de março 1769 no Convento de São Domingos de Goa, nas mãos do Rev.do Pe. Frei António de São Thomaz, Mestre de Noviços por comissão que fez a Rev.mo Pe. Frei Leão do Pillar Vigário Geral da Congregação sendo Geral da Ordem o Rev.do Pe. Frei Thomaz de Broxadors e Prior deste Convento o M. R. P. Frei Pedro dos Mártires. Morreu em Timor.

### **Frei Joaquim de Jesus Maria e José, O.P.**

No século chamava-se João Joaquim Xavier, filho legítimo de Sebastião Xavier e de Justina Quadros, batizado na freguesia de Salvador do Mundo de Loutollim, Arcebispado de Goa. Professou no Coro de baixo, às 10 horas da manhã de 4 de junho de 1771, nas mãos do M. R. P. Frei Nicolau de Souza, Prior do Convento de São Domingos, sendo Geral da Ordem Pe. Mestre João Thomaz de Broxadors, Vigário Geral da Congregação o M. R. P. Presentado e Deputado Frei Manuel de Sto. Thomaz e Mestre de Noviços o R. Pe. Frei Amaro José de St. Thomaz.

**Frei Silvestre de Santa Ritta, O.P.**

Em século chamava-se Silvestre Paes, filho de Agostinho Paes e de Maria de Silva, naturais de Sirula, Província de Bardes. Recebeu o hábito para Frade de Coro, às 8 horas da manhã de 2 de dezembro de 1780, na Capela da Casa de Noviços das mãos do Mto. R. P. Presentado Prior Frei Pedro de Nossa Senhora e Mello, sendo Geral da Ordem o R. P. Mestre Fr. Baltazar Quinhones, Vigário Geral da Congregação o Mt. R. Pe. Frei António de Nossa Senhora e Mestre de Noviços o R. Pe. Fr. João Evangelista e Silva. Professou para Religioso do Coro depois das 10 horas do dia 6 de julho de 1782, no coro de baixo da casa de São Domingos, nas mãos do M.R.do. Pe. Prezº Prior Frei Pedro de Nossa Senhora e Mello, sendo Geral da Ordem o Ver. Fr. Balthazar Quinhones.

**Frei Caetano de São José, O.P.**

No século chamava-se Caetano José Mendes Bagorro, filho legítimo de Manuel Mendes e de Francisca Caetano, natural de Villa Bom, professou no Convento de S. Domingos na Capela dos Casados Noviços, às 8 horas de manhã de 9 de março de 1783, nas mãos do Mto. R. P. Presentado Prior frei Pedro de Nossa Senhora e Mello, sendo Geral da Ordem o Rev.do Pe. Mestre Balthazar Quinones, Vigário Geral da Congregação o Muito R. P. Presentado Frei Fernandes de São João Neppomuceno e Mestre de Noviços o Revv.do P. Frei José Nicolao de Jesus Maria Pegado, Mestre de Estudos Substituto e lente de Cazos. Faleceu em Timor.

## CAPÍTULO IX

# Dois Timorenses que Estudaram no Convento de São Domingos de Goa

### **Padre Frei Gregório da Virgem Maria Barreto, O.P., primeiro sacerdote timorense**

Os padres dominicanos fundaram seminários em Solor, Larantuca, Oe-Cusse e Manatuto. Por falta de documentos, não se sabe se dali saíram sacerdotes ou dominicanos, naturais da ilha de Timor.

Só na primeira metade do século XIX foi ordenado um timorense. De facto, no ano da publicação do decreto de Joaquim António de Aguiar (1834), chegava a Timor o primeiro padre e o primeiro dominicano natural desta ilha: trata-se do padre frei Gregório da Virgem Maria Barreto<sup>165</sup>. Não se sabe onde teria nascido este primeiro sacerdote e primeiro dominicano timorense. O mestre António Vicente Soares, autor de *Pulau Timor*, diz que o padre Gregório Barreto era natural de Oe-Cusse <sup>166</sup>.

Gregório Maria Barreto ingressou no convento dominicano de Goa, onde professou. Fez ali os estudos eclesiásticos e foi ordenado sacerdote na capela do Palácio de Penelin (Goa) a 5 de novembro de 1826.

Por provisão de 11 de abril de 1828, foi nomeado missionário de Timor. E, por provisão de 11 de abril de 1834, era superior e vigário da vara das ilhas de Solor e Timor<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, p. 521.

<sup>166</sup> Mas não apresenta nenhum documento nem provas.

<sup>167</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 521

Durante vários anos, missionou em Oe-Cusse, Díli e em Manatuto. Durante o governo interino do major Frederico Leão Cabreira Valente (1838-1842), o padre foi acusado de realizar reuniões na sua casa e de querer formar um governo de três membros, a que ele presidiria. A denúncia foi feita pelo tenente-coronel de moradores, Fernandes Dias.

O sacerdote foi exilado para o reino de Sarau, onde existia o presídio de Lautém e uma igreja abandonada, e ali esteve algum tempo sob vigilância do comandante militar. Mais tarde foi libertado e mandado regressar a Manatuto, onde pôde exercer o ministério com plena liberdade<sup>168</sup>.

Em 1848, o padre Barreto fez parte de uma comissão nomeada pelo governador Julião José da Silva Vieira para estudar os limites entre Timor ocidental e Timor oriental<sup>169</sup>.

Quando faleceu o governador António Olavo Monteiro Torres, em Díli, a 24 de março de 1851, criou-se o Conselho do Governo em que participavam o padre superior da Missão, Gregório Barreto; o coronel Manuel Pereira da Costa, comandante dos moradores, e o ouvidor Mariano Pires<sup>170</sup>.

Em 1851, os Holandeses insistiam na clarificação dos limites. O governo português nomeou o conselheiro José Joaquim Lopes para tratar com as autoridades de Batávia essa questão. Nas conversações entre as duas comissões (a portuguesa e a holandesa), projetou-se a cedência das possessões portuguesas das Flores e de Solor; a Holanda cederia em troca o reino de Maubara. Além disso, o governo holandês comprometia-se a dar ao governo de Timor 200.000 florins em três prestações. Em consequência disso, assinava-se um anexo (23 de novembro de 1851).

As populações de Larantuca, sabendo da possibilidade de se tornarem súbditas dos Holandeses, não aceitaram a resolução tomada pelos dois governos coloniais. E, para acalmar a gente de Larantuca, foi enviado à ilha das Flores o padre Gregório Maria Barreto.<sup>171</sup>

A 28 de fevereiro de 1856, o padre Gregório Maria Barreto foi nomeado superior das missões de Timor e Solor. Nessa qualidade escreveu, em abril, um relatório ao governador Luís Augusto de Almeida Macedo (1856-1858), apresentando a situação do cristianismo em Timor.

Em 1864, o padre Barreto, pela segunda vez, entrava no conselho governativo. De facto, a 8 de abril de 1864, o governador José Maria Pereira de

<sup>168</sup> Cfr. OLIVEIRA, Luna de, *Timor na História de Portugal*, vol. I, p. 302.

<sup>169</sup> Idem, p. 306.

<sup>170</sup> Idem, p. 309.

<sup>171</sup> Idem, pp. 313-316.

Almeida, achacado pela doença que não o deixava governar, entregou os poderes ao Conselho do Governo, composto pelo juiz da câmara, Bento Sertório Mascarenhas, como presidente, pelo padre Gregório Maria Barreto, superior da missão, e pelo tenente Pinto de Noronha, comandante do Batalhão Defensor de Díli<sup>172</sup>.

Além do seu trabalho missionário, o padre Gregório Maria Barreto ajudava o governo no campo da instrução da juventude. Desse trabalho educativo, deixou Luna de Oliveira um belo testemunho:

Auxiliava a obra do Governador [Afonso de Castro] o Padre Gregório Maria Barreto, Superior da Missão, que ensinou a ler e escrever, nos reinos de Oe-cusse e Ambeno, muitos anos. Durante largos anos, foi missionário sem receber a menor cômputo, e só mais tarde, passou a receber doze mil réis mensais. Nunca se escusou a trabalhar na vinha do Senhor, enquanto as forças lhe assistiram. A toda a parte levou a palavra do Evangelho, e muitas foram as suas peregrinações pelo interior da ilha e, assim, catequizou e batizou a geração gentílica desse tempo. Durante 25 anos sustentou, sucessivamente, seis ou oito escolantes, e muito se lamentava, por na época de escassez, vê-los passar fome. Não se contentava com a cristianização, pois propagava a palavra Portugal a todos os indígenas.<sup>173</sup>

Em 1847, chegava a Timor um padre goês, padre Sebastião Patrício Homem, que era natural de Arporá e que tinha sido ordenado em Goa no dia 7 de dezembro de 1845. Foi nomeado missionário de Timor por provisão de 10 de maio de 1847.<sup>174</sup>

A partir de 1856, os padres Gregório Barreto e Sebastião Homem eram os únicos missionários em Timor.

No tempo em que o superior das missões de Timor era o padre Gregório Maria Barreto, estavam em Timor alguns sacerdotes do Estado da Índia, que tinham saído de Goa na corveta de guerra Infante Regente até Macau, e dali para Timor, na barca Angélica: o padre frei Vitorino das Dores, egresso do Convento de São Francisco; por provisão de 18 de abril de 1839, foi nomeado missionário das ilhas de Timor e Solor; estando em Timor, foram-lhe passadas mais duas provisões: uma de 14 de Fevereiro de 1839, e outra de 25 de outubro de 1840; serviu as missões de Timor durante dez anos.<sup>175</sup> O padre

<sup>172</sup> *Ibidem*, *ob. cit.*, vol. II, p. 101.

<sup>173</sup> *Idem*, p. 56.

<sup>174</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 525.

<sup>175</sup> *Idem*, p. 523.

Filipe Atanásio da Costa, egresso dominicano, que exerceu em Timor o cargo de vigário da vara e superior da missão do bispado de Malaca, Solor e Timor. Os padres António Botelho e José Maria Brandão: sobre estes dois últimos, não há dados sobre a sua atividade.<sup>176</sup> Aos sacerdotes acima mencionados, o Senado de Macau deveria pagar 900 xerafins anuais.

Em 1857, foi nomeado missionário de Timor o padre Francisco António da Costa, natural de Majordá, por provisão de 21 de dezembro de 1857<sup>177</sup>. Em 1859, foi nomeado outro missionário para Timor, o padre Domingos Caetano Coelho, por provisão de 12 de janeiro de 1859. Era natural de Nevelim, Goa; seguiu para Timor no vapor de guerra inglês Prince Arthur, em 28 de janeiro do mesmo ano, sendo a viagem paga pela Fazenda de Goa<sup>178</sup>. E em 1863, chegava a Díli o segundo padre timorense, Jacob dos Reis Cunha, que tinha sido enviado pela diocese de Macau para fazer os estudos no Seminário Patriarcal de Santarém; no ano letivo de 1855-1856, frequentava o curso de “Latinidades”.<sup>179</sup>

Apresenta-se a seguir o relatório do padre Gregório Maria Barreto. Pela primeira vez, fica-se a saber o número de cristãos existentes na segunda metade do século XIX, e o número de capelas e igrejas. Nesse relatório, referia o superior das missões que em 1856 havia no distrito de Timor 2017 cristãos, entre livres e escravos, espalhados por 22 reinos. Havia 16 igrejas e uma capela. Os 22 distritos denominados “reinos”: reino de Ambeno, reino de Oe-cusse, reino de Noemuti, reino de Batugadé, reino de Cotubaba (Atabae), reino de Motael, reino de Hera, reino de Lacló, reino de Manatuto, reino de Laleia, reino de Vemasse, reino de Venilale, reino de Veveque (Viqueque), reino de Lacluta, reino de Luca, reino de Barique, reino de Alas, reino de Dotic, reino de Bebisucu (Bubusuçu), reino de Clave (Clacuc), reino de Cairui.

1. “O reino de Ambeno tem a igreja de Nossa Senhora do Rosário, no porto de Suritana (Sutrana ou Citrana) e a de Santa Cruz, em Nunocheno, ambas inteiramente desprovidas de toda a sorte de vestimentas e de alfaias, e sem sacerdote há mais de cinquenta anos contando aproximadamente uns duzentos e vinte christãos, cujos descendentes vêm receber o baptismo em Oe-cusse, quando ali aparece algum Padre missionário...”

<sup>176</sup> Idem, p. 524.

<sup>177</sup> Idem, p. 525.

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> Cfr. BA, códice 54-XI-I, doc. N. 24, 1856, in FIGUEIREDO, Fernando Augusto de, *Timor. A Presença Portuguesa em Timor (1769-1945)*, p. 337.

2. “Naimuti, a Igreja da Senhora do Rosário, com pouco mais de trezentos christãos, tem as vestimentas precisas em bom cuidado, e algumas alfaias, como cálix de prata e thuribulo, e alguns castiçaes de cobre...”.
3. “Oe-cusse, a Igreja de Santa Rosa de Lima, com mais de mil e cem christãos, tem as vestimentas precisas, mas já muito deterioradas; uma Irmandade fabriqueira com um fundo de 1:450 rupias, tem as alfaias precisas e algumas de valor, com dois cálices com as suas patenas, dois thuríbulos, uma custodia grande, tudo em prata, e novamente urna do mesmo metal do valor de 700 rupias”.
4. “Batugadé (Prezídio) a Igreja de Nossa Senhora, tem perto de quatrocentos christãos n’este numero alguns dos Reinos de Cova, Balibo, Fialaram e Joanilho, que compõem esta Freguezia; tem uma Irmandade fabriqueira com um fundo de 200 rupias, com as alfaias de mais precisão, e boas vestimentas precisas em bom uso, que se acham emprestadas actualmente para o serviço d’esta Praça [Delly]”.
5. “Cutubaba, a Igreja de Santo António, destituída de toda a sorte de vestimentas e alfaias, tem trinta e cinco christãos”.
6. “Motael, a Igreja de Santo António, com perto de trezentos christãos e uma Irmandade fabriqueira, cujos fundos quasi que já não existem, exceto alguns paroens e facas, pela pessima administração que tem tido; é destituída de vestimentas precisas, e não obstante estar tão perto d’esta Praça, acha-se em maior indecência do que as igrejas de Oe-cusse, Batugadé e Manatuto”.
7. “Delly tinha a Igreja da Freguezia com a invocação do Santíssimo Rosário, que sofreu em o anno de 1800, ou quinze annos d’esta era, um incendio com tudo que ella continha dentro, e desde então até hoje está servindo de Igreja de Freguezia a Capella intitulada real do Glorioso Santo António, é a única em Timor e Solor com paredes de tijolo, porém coberta de palha como todas as outras d’estas Ilhas; contém mil e quatrocentos e noventa e um christãos livres, e quinhentos e cinquenta e seis christãos escravos; tem uma Irmandade fabriqueira com um fundo de 1:000 rupias, carece de vestimentas diarias, que já se acham em muito mau uso, porém tem os ornamentos e alfaias precisas para os dias de grande solenidade, com uma boa custodia de prata, dois thuribulos do mesmo metal, e também três calices de que se servem para as Missões onde não os há; também urna de prata”.
8. “Hera não tem Igreja e contém dezasseis cristãos”.

9. “Lacló, a Igreja de São Vicente Ferrer, com trezentos e sessenta christãos; tem as vestimentas precisas em boa arrecadação e alfaias precisas; cálix e thuribulo são de cobre”.
10. “Manatuto, a Igreja do Espirito Santo, com perto de setecentos christãos, tem as vestimentas precisas, porém carece de cálix e thuribulo. Esta Igreja, posto que é, como todas de Timor e Solor, coberta de palapa e folhas, é contudo a única que apresenta no seu interior a apparencia de uma Igreja regular, porém hoje está ao desamparo, ou antes abandonada ao desprezo, não obstante ter uma Irmandade fabriqueira, cujo cofre acha-se actualmente quasi exausto já”.
11. “Laleia, a Igreja da Senhora do Rosário, com setenta christãos, está destituída e abandonada”.
12. “Vemasse, sem Igreja. Terá quarenta christãos”.
13. “Venilale, a Igreja da invocação de São Pedro, com vinte e seis christãos. É destituída de tudo”.
14. “Veveque (Viqueque), a Igreja do Senhor Ecce Homo, com perto de duzentos christãos. Tem as vestimentas precisas bem arrecadadas, e alguma alfaia”.
15. “Lacluta, a Igreja de Santo António, com perto de oitenta christãos. Esta Igreja foi em o anno de 1846 toda saqueada pela invasão de Barique e Laclubar; o Major Graduado José Caetano Barbosa, sendo então comandante de Viqueque, teve ainda tempo de salvar uma imagem de Santo António com a cruzinha e diadema de oiro, e a custodia, que é de prata, e que elle remeteu para esta Igreja [Dilly]”.
16. “Luca não tem Igreja. Tem hoje perto de quinze christãos. No logar da Igreja ainda existe dois sinos bons. Tinha uma Irmandade com um cofre, que foi arrombado por um José da Piedade Marques, que ahi foi comandante para se pagar das dívidas particulares, de cujo procedimento elle mesmo participou por escripto ao senhor Frederico Cabreira, então Governador, remetendo-lhe um celebre termo, que tinha por titulo “Termo de arrombamento”.
17. “Barique não tem Igreja, mas terá vinte e cinco christãos”.
18. “Allas, idem tem oitenta christãos”.
19. “Dotic, idem, como Barique, terá vinte christãos.”
20. “Bebissucu, a Igreja de São Francisco, com quarenta christãos. É destituída de tudo”.

21. “Clacve (Claco), a igreja da Senhora do Rosário destituída de toda a sorte de vestimentas e alfaias; terá perto de vinte christãos”.
22. “Cairui não tem Igreja. Terá vinte christãos”.<sup>180</sup>

Além de apresentar estes dados, o padre Gregório Maria Barreto apresentou ainda um mapa da população de Díli, no ano de 1856. Nessa altura, Díli (a praça) tinha 3017 habitantes, dos quais 2047 cristãos, entre livres e escravos.<sup>181</sup>

1) Livres: Homens - 753; Mulheres - 738; Total: 1.491. 2) Escravos: Homens - 271; Mulheres - 286; Total: 557. Resumindo: em 1856, havia em Timor dois sacerdotes, 2047 cristãos, dezasseis igrejas e uma capela. Entretanto, verifica-se que não há referências a reinos ou regiões importantes, como Camanasa, Suai, Lamaquito (Bobonaro), Manufahi, Baucau, Lautém. Também não há referências sobre o número de cristãos e de igrejas em Solor e Larantuca.

Nesse famoso relatório, escrito a 17 de abril de 1856, o então superior da missão das ilhas de Timor e Solor diz que “os cristãos estão abandonados a si mesmos, sem nunca pretenderem ou procurarem a assistência do Missionário, mas antes estão livres e espontaneamente imbebedos nos seus fetichismos (Pomali)”. Noutro passo do Relatório, afirma: “Os christãos d’esta Ilha não conhecem a nossa santa religião, e ainda menos as vantagens que ella indica, por isso a não ama. Toda a difficuldade está em lh’a fazer conhecer radicalmente”.<sup>182</sup>

Para remediar todos estes males que existiam em Timor (entre outros, a falta de missionários e o semipaganismo em que viviam os cristãos), o padre Gregório apresenta ao governo algumas medidas a serem tomadas.

1.º, verter em a lingua teten [Tetun] (a universal de Timor) em vaiquino [Vaiqueno ou Baiqueno] (a língua universal de Sorobiam) o nosso Cathecismo da doutrina christã, ajustando-lhe uma breve refutação do fetichismo, e outras superstições ridiculas que reinam n’estas Ilhas. Para isso era preciso nomear uma comissão composta por dois indivíduos versados nessas línguas, dois gramáticos e pelo proprio sacerdote.

2.º, muito se requer a presença de um prelado respeitável, um Bispo zeloso, forte e criativo, pugnando com paciência pela sã doutrina e bons costumes,

<sup>180</sup> BARRETO, Gregório Maria, “Missões de Timor. Relatório, de 17 de Abril de 1856”, in *Annaes do Conselho Ultramarino*, Lisboa, 1.ª Série A, parte não oficial, 1867.

<sup>181</sup> Cfr. FIGUEIREDO, Fernando Augusto, *ob. cit.*, pp. 237-242; Cfr. CASTRO, Afonso de, *Possessões Portuguezas na Oceania*, p. 391.

<sup>182</sup> BARRETO, Gregório, “Relatório”, *ob. cit.*, p. 479.

à testa de um clero, porém não um clero ambulante (...), porém um clero fixo por tempo, de modo que tenha suficiente oportunidade de instruir e dirigir os christãos do respectivo Districto, e conhecer os vícios dominantes e emenda-lo, sem comtudo serem de algum modo Parochos inamovíveis.<sup>183</sup>

Sobre os sacerdotes, a sua vida e o seu apostolado, o superior sugere:

Esse clero deveria antes ser composto dos indigenas; mas, emquanto o não possa ser, os mandados de Goa ham de ser dos melhores e que venham não por constrangimento, mas por vocação, porque sem estas circumstancias, sempre terá esta christandade, não verdadeiros pastores, mas vis mercenarios, cobiçosos do torpe lucro, pondo, como costumam, todo o seu cuidado sómente em ajuntar algumas rupias para, findo o seu tempo, irem viver com sufficiencia na sua terra.<sup>184</sup>

Mas, enquanto não se pudessem satisfazer esses requisitos, o padre Gregório pedia ao governo e, naturalmente, ao Arcebispo de Goa, a nomeação de um outro vigário da vara, que tivesse mais saúde, mais talentos e virtudes, para o substituir, pois já havia quatro anos que o sacerdote timorense sofria da vista e, por falta de saúde, já não podia visitar regularmente as missões. A despeito destas limitações, o superior da missão, que era também pároco da freguesia de Díli, demonstrava a sua satisfação por ver muitos cristãos de Díli serem dignos do nome cristão.

Como superior da vara, o padre Gregório Barreto assistiu à entrega dos territórios de Solor e Flores pelo governador Joaquim Lopes à Holanda; viu chegar ao território o segundo sacerdote timorense, o padre Jacob Reis e Cunha, natural de Lacló, e a chegada do padre Santimano Brás, natural de Goa.

Acolhendo as sugestões do padre Gregório Barreto, o governo de Lisboa, em portaria de 27 de dezembro de 1856, dava ordens ao governador das ilhas de Timor e Solor para que mandasse fazer uma versão do Catecismo em tétum e vaiqueno, o que seria, na opinião dos governantes, de grande vantagem para a propagação da fé católica. Constatou que o governador de Timor, por portaria de 23 de março de 1858, deu ordem para traduzir o catecismo para aquelas línguas. Porém, não se sabe se o desejado catecismo foi feito ou se a dita portaria foi apenas letra morta.

---

<sup>183</sup> Idem.

<sup>184</sup> Idem, p. 480.

Entretanto, por portaria de 25 de fevereiro de 1857, recebia o governador Duarte Leão Cabreira a notícia de que lhe era remetida de Lisboa uma caixa com “*manuals de diversas artes e ofícios e outros livros, como exemplares da cartilha do Padre Inácio e livros e treslados para o ensino rudimentar de leitura e escrita*”.<sup>185</sup>

Outra fonte diz que “*apenas seguiram alguns paramentos, três missais e uma imagem de S. Francisco de Assis, como parte de uma encomenda mais vasta que, por falta de condições, se ficava por ali e se deve por atendida*”.<sup>186</sup>

E em Portugal tomaram-se algumas medidas em relação a Timor. Uma delas dizia respeito à cômputo a atribuir aos missionários: “*Fixava-se em 1000 rupias (equivalente a 320\$000 réis fortes); e a cômputo dos sacerdotes que fossem do Reino para aquelas ilhas, mais gratificação de 250 rupias pelo ensino primário*”.<sup>187</sup>

No mês de janeiro de 1864, o padre Gregório Maria Barreto, na sua qualidade de Superior da Missão (de Solor e Timor) assistiu à elevação da Praça de Dilly a cidade, e era membro do Conselho do Governo.

O padre Gregório Maria Barreto, além de exercer o cargo de superior da vara, foi por muitos anos professor nas escolas de Oe-Cusse.

Pelo seu zelo sacerdotal e pelas virtudes demonstradas, foi eleito cónego honorário da Sé Catedral de Macau<sup>188</sup>.

Depois de muitos anos de labor apostólico em Timor, faleceu em Díli, no dia 3 de abril de 1867<sup>189</sup>.

### **Padre Frei Thomás de Aquino, O.P., segundo sacerdote timorense**

Era filho de Caetano Serrão Diniz e de Domingas Doutel Soares Diniz, “moradores de Timor”. Chegou a Goa aos 15 dias de setembro de 1786, na nau “S. Tiago, o Maior”. Entrou no Noviciado no Convento de São Domingo de Goa, onde professou no dia 17 de abril de 1819. Recebeu a ordenação sacerdotal na capela do Palácio de Penelim, das mãos do Arcebispo de Goa

<sup>185</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1851-1890)*, vol. XI, p. 147.

<sup>186</sup> HAG, Correspondência de Timor, livro n.º 1.218, (1850-1866), ofício n.º 4 para o Governador de Timor, Goa, 4 de Janeiro de 1857, fl. 13, in FIGUEIREDO, Fernando Augusto de, *ob. cit.*, p. 393, nota 334.

<sup>187</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *ob. cit.*, vol. IV, Verbo, p. 146; cfr. *Diário do Governo*, n.º 265, de 8 de novembro de 1856.

<sup>188</sup> Cfr. NAZARETH, Casimiro Cristóvão de, *Mitras Lusitanas no Oriente: catálogo dos Prelados da Igreja metropolitana e Primacial de Goa*, 2.ª Edição corrigida e aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 274; Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 521; cfr. OLIVEIRA, Luna de, *ob. cit.*, vol. I, p. 340.

<sup>189</sup> Cfr. TEIXEIRA, Manuel, *ob. cit.*, p. 521.

Dom Gualdino, no dia 19 de setembro de 1829. Não sabemos onde exerceu o ministério sacerdotal, nem a data do seu falecimento.

ECA [Irmão Fr. Joze maria de]. “Aos dezasete de Abril de mil oitocentos e dezanove annos das dez p.a as onze horas da manha, presente a Comm. e no coro de cima, professarao p.a Frades de Coro, nas maos do M.R. Pe. Presentado Fr. Joze Leite de macedo, Vigario in capite deste Convento de S. Domingos, os Irmaos Fr. Joze Maria de Eca, filio de D. Antonio de Eca, e de Maria Antonia moradores de Macao: Fr. Joao de Santa Theresa e Martins filio de Joze Martins e de Rita Thereza de Abreo tbm moradores de Macao: e Fr. Thomas de Aquino filio de caetano serrao Diniz, e de Domingas Doutel soares Diniz moradores de Timor: Sendo Geral de toda a Ordem O R.mo Pe. Mestre Fr. Pio Joze Gaddi: Vigario Geral desta congregacao o R. mo. Pe. Fr. Manoel de S. Joaquim Neves: Vigario in capite deste Convento O d.o R. Pe Presentado Fr. Joze Leite de macedo: Mestre de Novicos O. R. Pe. Supprior Fr. Manoel de Souza: declaro q’ os d.os Irmaos sendo perguntados se professavao por sua livre vontade, responderao q’ im Em fe do q’ se fez este assento no mesmo dia, mez, e era ut supra.--Fr. Manoel de Souza--Superior e Mestre de Noviços.--Fr. Joze de Seouveda. Cantor Mor. — Ir Fr. Joze Maria d’Eca--Ir. Joao de S. theresa e martins. [+]

Segundo *Monimenta Goana Ecclesiastica*, página no.167. no. 20, o Padre Tomás de Aquino recebeu a ordenação sacerdotal das mãos do Senhor Arcebispo de Goa, Dom Frei Manuel de São Galdino, O.F.M, (1812-1831), na capela do Palácio de Panelim a 19 de setembro de 1829.

## Conclusão

Ao longo destas páginas rememoramos o trabalho e a dedicação generosa e sacrificada dos filhos da Índia em Timor-Leste. Desde o ano de 1697, quando o primeiro padre indiano desembarcou em Lifau até ao dia de hoje, entraram em Timor-Leste quarenta e cinco missionários. Uns dedicaram às Missões longos períodos de serviço sacerdotal e missionário. Outros, por breve tempo, mas, todos com o mesmo ardor. Percorreram as povoações espalhadas por montanhas e vales; ensinaram a doutrina, administraram os sacramentos; construíram igrejas, capelas, escolas e residências missionárias. Alguns trabalharam na lavoura cuidando dos campos de arroz e de milho; outros escreverem relatórios e artigos. Enfim, também eles ajudaram os timorenses a serem pessoas e cristãos, evangelizando, educando, promovendo e sendo solidários com os timorenses na conquista da liberdade. Aos padres da Índia Portuguesa (Goa, Damão e Diu), e aos missionários provenientes do subcontinente indiano, a nossa homenagem e o nosso agradecimento.



## Bibliografia

- BELO, Carlos Ximenes, *História da Igreja em Timor-Leste*, 1.º volume (2014) e 2.º volume (2016), Porto, Fundação Eng. António de Almeida.
- Idem, *Dom Frei Manuel de Santo António, Bispo Dominicano Expulso de Timor*, Porto, Edições Salesianas, 2013, 158 pp.
- BISPO ELEITO DE MALACA (D. João Xavier Trindade e Sousa), *Exposição Documentada*, Lisboa, Typographia de Silva, 1849.
- Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau*
- LEITÃO, Humberto, *Vinte e Oito Anos de Historia de Timor 1698 a 1725*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952, 352 pp.
- MATOS, Artur Teodoro de, *Timor Português 1515-1769. Contribuição para a sua História*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974, 489 pp.
- Idem, “Dom Frei Manuel de Santo António, missionário e primeiro bispo residente em Timor; elementos para a sua biografia (1660-1733)”, *Camões*, n.º 14 (Jul.-Set.) 2001.
- MENDES, Margarida Luísa Coutinho, *Ascensão e Queda do Bispo, D. Frei Manuel de Santo António*. 1.ª edição, maio de 2013, 179 pp.
- Idem, *Dom Frei Manuel de Santo António, o primeiro bispo de Malaca Residente em Timor*. Dissertação de Mestrado em Historia Moderna e dos Descobrimentos, Universidade Nova de Lisboa, julho 2008, 98 pp.
- NÁCHER, Afonso Maria, “A Obra Salesiana em Timor”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano E Volume LXXIII, fevereiro de 1985, N.º 843.
- SEARA (1ª Série)
- SEARA (3.ª Série)
- TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese, vol. X, Missões de Timor*, Macau, 1974.
- VASCONCELOS, Frazão de, *Timor: Subsídios históricos*, Lisboa, 1937.



# Índice

Agradecimentos	7
Introdução	9
CAPÍTULO I	
História e Geografia da Ilha de Timor-Leste	13
CAPÍTULO II	
Missionários do Estado da Índia Portuguesa, nos Séculos XVIII e XIX	17
CAPÍTULO III	
Missionários no Período do Interregno (1834-1875)	43
CAPÍTULO IV	
Missionários da Índia Portuguesa no Período da Restauração das Missões de Timor (1875) até à Ereção da Diocese de Díli (1940)	57
CAPÍTULO V	
Primeira Expedição de Missionários de Goa para a Diocese de Díli (1947)	93
CAPÍTULO VI	
A Segunda Expedição de Missionários Goeses (1954)	123
CAPÍTULO VII	
Seis Missionários da República da Índia	149
CAPÍTULO VIII	
Profissão Religiosa de Alguns Frades Dominicanos que Estiveram em Timor	155
CAPÍTULO IX	
Dois Timorenses que Estudaram no Convento de São Domingos de Goa	157
Conclusão	167
Bibliografia	169



[www.uceditora.ucp.pt](http://www.uceditora.ucp.pt)



ISBN: 9789725407523